

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Rodrigo Leite da Silva

A organização textual da opinião em textos dissertativos
acadêmicos, notícias jornalísticas e crônicas do cotidiano

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Rodrigo Leite da Silva

A organização textual da opinião em textos dissertativos acadêmicos, notícias jornalísticas e crônicas do cotidiano

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

SÃO PAULO
2010

Banca Examinadora

.....

.....

.....

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, fonte inesgotável da força que brota em mim;

À minha querida orientadora, Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira, mulher de grande sabedoria, por ter despertado em mim, a paixão pela pesquisa em lingüística, ao expor, em suas brilhantes aulas e orientações, o paradigma científico desta ciência, levando-me a uma transformação pessoal e profissional;

À minha amada mãe, Joana Leite da Silva, pelo apoio constante, nos momentos difíceis, ao longo do caminho, sempre com uma palavra amiga de consolo;

À minha amada irmã, Jannyce Marcelle Leite da Silva, pelo presente magnífico dado a nossa família e uma das fontes de minha inspiração, minha linda e amada sobrinha Ana Luisa Leite de Moraes;

Aos mestres do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, pela dedicação;

À Banca de Qualificação, Dra. Aurora Jesus Rodrigues e Dra. Marilena Zanon, pelas preciosas orientações;

Ao meu companheiro, Silvio F. P. Silva Oliveira, por seu apoio, paciência, amor, ajudando-me a percorrer a reta final do trabalho;

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo, carinho, pois torceram para esta conquista;

Rodrigo Leite da Silva

A organização textual da opinião em textos dissertativos acadêmicos, notícias jornalísticas e crônicas do cotidiano

RESUMO

Objetivo: Este trabalho, situado no âmbito dos estudos da Língua Portuguesa, tem por objetivo contribuir com os estudos que tratam da construção textual da opinião, em (1) em textos dissertativos acadêmico-científicos e de divulgação científica; (2) textos de notícia jornalística e (3) crônicas do cotidiano.

Metodologia: A investigação realizada segue um procedimento teórico-analítico, em que adotamos as postulações teóricas da Linguística de Texto, sendo complementada pela Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva. **Justificativa / Hipótese:** Embora, o dissertativo seja foco de interesse constante para os estudiosos do texto, tratá-lo como uma classe opinativa, que agrupa tipos de textos opinativos modificados por gêneros discursivos, ainda, é um terreno lacunoso. Tem-se, por hipótese que a construção textual da opinião, modifica-se dependendo do gênero discursivo, na categoria justificativa, do esquema textual da argumentação.

Resultados Obtidos: As análises indicam que o dissertativo é um texto da classe opinativa, que se modifica dependendo das condições de produção discursiva, em um esquema textual de uma tese e de duas teses. Em ambas as modificações, a legitimidade dos argumentos é atribuída ao Marco das Cognições Sociais e é a partir dele, que são construídos os argumentos de reforço. Os argumentos utilizados percorrem a necessidade, a possibilidade e a probabilidade. O texto de jornalístico de notícia apresenta a organização opinativa, baseados em interesses da empresa-jornal, desde o texto reduzido (manchete, linha fina, olho e *lead*). E as crônicas do cotidiano, são guiadas pela focalização do cronista, em que avalia o Marco das Cognições Sociais.

Palavras-Chave : A Construção Textual da Opinião; Tipos de Textos Opinativos; Uso de Argumentos; Esquemas Textuais Opinativos.

Rodrigo Leite da Silva

A organização textual da opinião em textos dissertativos acadêmicos, notícias jornalísticas e crônicas do cotidiano

ABSTRACT

Aim: This study, situated in the studies of the Portuguese language, aims to contribute to studies dealing with the textual construction of belief in (1) essay in academic and scientific texts and popular science, (2) text news journalistic and (3) chronicles of everyday life. **Methodology:** The research follows a theoretical-analytical, in which we adopted the theoretical postulations of Text Linguistics, complemented by Critical Discourse Analysis, with socio-cognitive aspects. **Justification/ Hypothesis:** Although the essay is the focus of constant interest to scholars of the text, treat it as a class opinionated, grouping types of texts opinionated modified by genres, though, is a spongy ground. There is, by definition that the textual construction of belief, it changes depending on the gender discourse in the category of explanation, the schema of textual argument. **Results:** The analysis indicates that the essay is a text in class opinionated, which changes depending on the conditions of discursive production, in a textual outline of a thesis and two theses. In both modifications, the legitimacy of the arguments is attributed to Marco of Social Cognitions and it is from, which are built to strengthen the arguments. The arguments used travel necessity, possibility and probability. The text presents a journalistic news organization opinionated, based on the interests of the newspaper company, from small text (headline, hairline, eye and lead). And the chronicles of everyday life, are guided by the focusing of the chronicler, in assessing the Mark of the Social Cognitions.

Key-Words: Building Textual Reviewed; Types of Texts Opinionated; Use of Arguments; Schemes Textual Opinionated.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
CAPÍTULO I – Fundamentação Teórica	6
1.1. Considerações Iniciais	6
1.2. O processamento da informação pelas memórias	10
1.3. A criação de um estado de coisas para a construção do conhecimento e sua institucionalização	14
1.4. O texto opinativo	15
1.5. Estrutura argumentativa proposta por van Dijk (1978)	17
1.6. Fundamentos sobre argumentação na visão de outros autores.....	19
CAPÍTULO II - A construção textual da opinião, em textos dissertativos acadêmico-científicos	23
2.1. O texto dissertativo acadêmico-científico	23
2.2. O texto dissertativo de uma Tese	25
2.2.1. Resultados das análises de textos dissertativos de uma Tese	26
2.2.1.1. O esquema textual do dissertativo de uma Tese (Silveira, 1994)	26
2.2.1.2. Resultado obtido da análise do dissertativo acadêmico-científico de uma Tese	27
2.3. O texto dissertativo de duas Teses	34

2.3.1. O esquema textual do dissertativo de duas Teses	35
2.3.1.1. Resultado obtido da análise do texto dissertativo de duas teses.....	36

CAPÍTULO III - A construção textual da opinião, em textos dissertativos de divulgação científica 43

3.1. O texto dissertativo de divulgação científica	43
3.1.1 Resultados obtidos das análises de textos dissertativos de divulgação científica de uma tese	44
3.1.1.1. Análise do texto 03	44
3.1.1.2. Análise do texto 04	46
3.1.2. Resultados obtidos das análises de textos dissertativos de divulgação científica de duas teses.....	49
3.1.2.1. Análise do texto 05	49
3.1.2.2. Análise do texto 06	54
3.2. Discussões	58

CAPÍTULO IV - A construção textual da opinião, no texto jornalístico de notícia 59

4.1. O discurso da notícia.....	59
4.2. A definição de notícia.....	61
4.3. O esquema textual da notícia	63
4.4. Resultados das análises de notícias	66
4.4.1. Análise do texto 07	66

4.4.2. Análise do texto 08	71
4.5. Discussões	78
CAPÍTULO V – A construção textual da opinião, em crônicas do cotidiano.....	79
5.1. A caracterização da crônica	79
5.2. A crônica do cotidiano.....	80
5.3. Resultados obtidos das análises das crônicas do cotidiano	82
5.3.1. Análise do texto 09.....	82
5.3.2. Análise do texto 10	89
5.4. Discussões	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS	108

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação está vinculada à Linha de Pesquisa Texto e Discurso: Variedades Oral e Escrita, do programa de estudos pós-graduados em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Tem-se por Tema a organização textual da opinião e suas modificações, no texto dissertativo acadêmico-científico, no de divulgação científica, na notícia jornalística e na crônica do cotidiano. Esta dissertação está fundamentada na Linguística de Texto e em algumas bases teóricas da vertente sócio-cognitiva da Análise Crítica do Discurso.

Segundo van Dijk (1997), a opinião já foi tratada por psicólogos, sociólogos, historiadores e, também, por linguistas. Sabe-se que o homem é um ser que opina constantemente. Segundo o autor, a opinião é construída na Memória de Trabalho, durante a construção da representação mental ocorrente. Esta pode ser manifestada em língua ou manter-se, introspectivamente.

A Epistemologia diferencia conhecimentos factuais de opinativos; estes implicam a projeção de uma escala de valores que percorre, do pólo positivo ao negativo, e aqueles, são observáveis no mundo e podem ser constatados pelo interlocutor, de forma a atribuir a esse conhecimento o valor de verdade/falsidade. Os conhecimentos avaliativos são designados crenças e os factuais, por serem observáveis e constatáveis, são representações do mundo.

Van Dijk discute essa diferença e propõe que todas as formas de conhecimento são avaliativas, sejam conhecimentos sociais ou individuais; logo, todas as formas de conhecimento são crenças.

Uma crença resulta das pessoas, ao observarem o mundo e projetarem sobre algo, um determinado ponto de vista. Este é guiado por objetivos, interesses e propósitos específicos. Dessa forma, quando as pessoas têm em comum, objetivos, interesses e propósitos, elas se reúnem em um grupo social e suas crenças constroem o Marco das Cognições Sociais do grupo.

Como cada grupo social tem pontos de vista diferentes, as suas formas de conhecimento também são diferentes, de grupo para grupo, de modo a construir um constante conflito intergrupais.

Os discursos institucionalizados públicos constroem crenças decorrentes do interesse da classe de poder. Tais discursos são impostos pelas instituições, como, escola, igreja, empresa e Estado. Dessa forma, os discursos institucionais públicos constroem para os diferentes grupos sociais, crenças extra-grupais.

Tanto as cognições sociais grupais, quanto as extra-grupais podem ser definidas como formas sociais de avaliação opinativas.

Todavia, uma pessoa pode, também, construir uma opinião, individualmente. Dessa forma, interaciona o velho com o novo. O velho são as cognições sociais que guiam o novo, a opinião individual; todavia, progressivamente, por propagação, o individual modifica o social.

Esta dissertação tem por objetivo geral contribuir com os estudos que tratam da construção textual da opinião.

São objetivos específicos:

1. Examinar a construção textual da opinião, em textos dissertativos acadêmico-científicos e de divulgação científica ;
2. Verificar a construção textual da opinião, na notícia jornalística;
3. Analisar a construção textual da opinião, na crônica do cotidiano.

Justifica-se esta investigação, pois, os textos dissertativos acadêmico-científicos, de divulgação científica, de notícia jornalística e de crônicas do cotidiano, compõem a organização dos conteúdos programáticos, a serem ministrados nas aulas de Língua Portuguesa. Entretanto, há lacunas no que se refere ao estudo do processo de construção textual da opinião, presente em cada um dos tipos de textos indicados acima.

É interessante observar que o texto dissertativo é uma preocupação constante dos professores de ensino fundamental e intermediário, pois, este tipo de texto

é solicitado do candidato, no momento que presta seu vestibular. Embora, existam várias publicações relativas ao dissertativo, ainda encontramos lacunas. No que se refere à notícia jornalística, os estudos realizados, ou tratam da notícia, como um tipo de texto do discurso jornalístico, ou tratam do discurso jornalístico, analisando a notícia em relação à ideologia do jornal-empresa.

Em relação às crônicas do cotidiano, elas têm por finalidade, comentar, avaliativamente, os hábitos cotidianos do povo brasileiro, sendo assim, o cronista tem enquanto ponto de partida, uma projeção construída pelo Marco das Cognições Sociais, onde ele, ou entra em adesão, ou ruptura, emitindo sua opinião de forma avaliativa. Todavia, a organização textual opinativa apresenta-se, ainda, repleta de lacunas.

Tem-se por pressuposto que os textos bem formados e socialmente convencionados podem ser definidos por um esquema textual, designado por van Dijk (1978), como superestrutura.

Uma opinião, ao ser emitida, é organizada textualmente, seguindo a superestrutura do tipo de texto selecionado pelo produtor. Todavia, o esquema textual da superestrutura apresenta variação dependendo do gênero discursivo.

Tem-se, por hipótese, que a organização textual da opinião é modificada, dependendo das variações do gênero discursivo, mas, as categorias mais hierárquicas são sempre: premissa-hipótese, justificativa e conclusão. As modificações ocorrem na categoria justificativa.

O procedimento metodológico utilizado foi o teórico-analítico e foram percorridos os seguintes passos:

1. Seleção de dois textos dissertativos acadêmico-científicos, de uma e duas Teses, sendo o primeiro intitulado: *Gêneros textuais e letramento: a construção do risível em narrativas do cotidiano*, de Maria José Nelo e Regina Célia Pagliuchi da Silveira e o segundo intitulado: *Chumbo e cádmio em cabelo de crianças em Santo Amaro da Purificação, Bahia*, de Fernando Martins Carvalho, Aníbal M. S. Neto, Maria E. C. Chaves,

Adélia M. C. Melo, Antonia L. Galvão e Tania M. Tavares. Seleção de quatro textos dissertativos de divulgação científica, sendo os dois primeiros, dissertativos de uma Tese e os dois próximos, dissertativos de duas Teses, publicados em manuais de redação, como: *Para entender o texto - leitura e redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, *Língua Portuguesa: Atividades de Leitura e Produção de Texto*, de Carlos Alberto Moysés, *A dissertação*, de Agnelo Pacheco. Seleção de duas notícias jornalísticas, publicadas no jornal Folha de São Paulo e de duas crônicas do cotidiano, sendo a primeira, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, e a segunda publicada no jornal *O Estado de São Paulo*;

2. A seleção dos textos teve como critério a sua boa formação, o que propiciaria verificar, a organização textual opinativa e suas modificações, de acordo com o esquema textual no qual ela é manifestada;
3. Análise dos textos, seguindo os objetivos específicos, indicados acima, para delimitar as categorias analíticas;
4. Caracterização dos tipos textuais opinativos (dissertativo acadêmico-científico, dissertativo na divulgação científica, a notícia jornalística e a crônica do cotidiano), a partir dos resultados obtidos;
5. Seleção de textos dissertativos de uma e duas teses, sendo três para cada tipo de texto.

A análise seguiu os seguintes critérios:

- A leitura linear do texto, do início ao fim, com o intuito de se reconhecer a construção textual opinativa e verificar suas modificações de acordo com o esquema textual de cada tipo de texto;
- A segmentação dos textos-produto, dissertativos de uma e duas Teses, notícia jornalística e crônica do cotidiano, que se agrupam, de acordo com o esquema textual específico de cada um, na categoria dos textos opinativos.

Esta dissertação constitui-se por cinco capítulos:

O capítulo I - *Fundamentação Teórica*. Este capítulo é composto com os pressupostos teóricos, que orientaram a investigação, de forma a tratar da boa formação do texto nas dimensões da Linguística de Texto e complementada pela Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva ;

O capítulo II – *A construção textual da opinião no dissertativo acadêmico-científico*.

Este capítulo apresenta os resultados obtidos das análises de textos dissertativos acadêmico-científicos, de uma e duas teses;

O capítulo III – *A construção textual da opinião em textos de divulgação científica*.

Este capítulo é composto com os resultados obtidos de textos dissertativos de divulgação científica, publicados no caderno ciência de jornal paulistano, e em manual didático. Apresenta o dissertativo, em sua variação, ou seja, em uma e duas teses;

O capítulo IV – *A construção textual da opinião no texto jornalístico de notícia*.

Este capítulo reúne os resultados obtidos de análises de textos jornalístico de notícia, publicados em jornal impresso;

O capítulo IV – *A construção textual da opinião em crônicas do cotidiano publicadas em jornal*.

Este capítulo é composto com os resultados obtidos de análises de crônicas do cotidiano, tendo por objetivo apresentar a organização textual da opinião, neste tipo de texto, a partir da sua modificação em dissertativo de uma e duas teses.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta as bases teóricas que orientaram a pesquisa realizada, situada na Linguística de Texto e complementada pela Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva.

1.1. Considerações Iniciais

A Linguística de Texto, em sua definição mais geral, é o estudo científico das unidades que, efetivamente, produzem a comunicação verbal, isto é, os textos. Para tanto, o linguista de texto necessita de multidisciplinaridade, pois, trata da língua em seu uso efetivo, com visão pragmática.

A Linguística de Texto surgiu, a partir de disciplinas de tendências linguísticas ou não, mais ou menos inter-relacionadas: retórica, poética, estilística, gramática (com maior especificidade a gramática gerativa e, em menor, com alguns enfoques estruturalistas, como os da escola de Praga, Teoria da Linguagem, Psicolinguística, Sociolinguística e Psicologia Social e do Conhecimento, entre outras.

Ao se tratar de um objeto multidisciplinar, como o texto, foi necessário diferenciar texto-produto, do texto-processo. O primeiro, é a representação verbal do que se pretende propor na interação comunicativa. O segundo, é o conjunto de ações realizadas pela linguagem, que são caracterizadas de forma geral, como textualidade, intertextualidade e argumentatividade.

Beugrande e Dressler (1981) afirmam que a textualidade é uma habilidade da linguagem humana que tece um conjunto de elementos em textos. Para os autores, há sete fatores de textualidade. Os internos são coesão e coerência, e os externos, informatividade, intertextualidade, intencionalidade, situacionalidade e aceitabilidade.

Em se tratando dos fatores internos (coesão e coerência), os autores apresentam em seus estudos, as seguintes definições: a **coesão** sendo

responsável pela unidade formal do texto, pois, constrói-se, através de mecanismos gramaticais e lexicais, sendo decorrente da coerência de um texto. A **coerência** é a responsável pelo sentido do texto e considerada fator fundamental da textualidade. Abrange, não só os aspectos lógicos e semânticos, mas, também, os cognitivos. Dessa forma, a coerência é um fenômeno que está ligado, intimamente, à interpretação do texto por parte do interlocutor, ou seja, está ligado diretamente à interlocução.

Em relação aos fatores externos, postulam o seguinte: a **intencionalidade** sendo ligada diretamente à intenção do locutor em construir um discurso coerente, numa determinada situação comunicativa, pois, está relacionado aos protagonistas do ato de comunicação. A **aceitabilidade**, por sua vez, está ligada diretamente à expectativa do interlocutor ao que vai ser apreendido, ou seja, se o texto é coerente, coeso e aceitável. A **situacionalidade** sendo responsável pela pertinência e relevância de um texto, quanto ao contexto em que ocorre, se demonstrando como a adequação do texto, quanto à situação sócio-comunicativa. A **informatividade**, que diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas, ou não, conhecidas, ou não, no plano conceitual e no formal. E a **intertextualidade** se definindo pelas formas utilizadas na produção e recepção de um texto, pois, dependem do conhecimento que se tenha de outros textos, com os quais ele se relaciona.

Sendo assim, a intertextualidade é uma característica que se define, enquanto elo, ou seja, diálogo entre textos: o texto 2 é uma resposta ao texto 1. Essa resposta pode ser construída por oposição (X não é Y); por complementaridade (não só X, também Y) e por adesão, embora o fator de informatividade leve a uma modificação no texto 2, em relação ao texto 1.

A argumentatividade compreende o lugar de sedução, a fim de que o interlocutor aceite o que seu locutor propõe ou, ainda, abandone o que sabia para dar adesão ao que seu locutor propõe. Toda argumentação implica intencionalidade e, dessa forma, não há textos ingênuos, pois, para haver textualização, o fator intencionalidade é necessário. Os textos podem ser mais argumentativos que outros para a construção do texto-produto. Assim, por exemplo, um texto dissertativo acadêmico traz a justificativa da conclusão

explícita, o que requer a presença de argumentos explícitos, que percorrem a necessidade, a possibilidade e até a probabilidade.

Segundo Isemberg (1987), o objeto da linguística de texto é a boa formação do texto e, para tanto, as tarefas do linguista de texto são:

- tratar da coesão e da coerência textuais;
- verificar o que faz com que um texto seja um texto;
- buscar uma tipologia textual.

Para o autor, antes mesmo da linguística de texto vários autores se preocuparam em apresentar uma tipologia textual. As diferenças entre narração, descrição e dissertação são tratadas, desde Aristóteles. Com a Linguística de Texto aparecem diferentes tipologias textuais: umas partem do texto pensado, diferenciando-o do texto comunicado; outras, partem de textos do cotidiano, em oposição a textos de especialistas; outros, ainda, de textos enunciados, com subjetividade, em oposição a textos enunciados de forma objetiva etc.

Frente a essa diversidade tipológica, Isemberg (op. cit.) propõe as noções de classes e tipos de textos. Para o autor (1987:98):

Utilizamos la expression clase de texto como designación, conscientemente vaga, para toda a forma de textos, cuyas características pueden fijarse mediante la descripción de determinadas propiedades, no válidas para todos los textos, independientemente de si esta propiedades pueden concebirse teóricamente y de que manera, dentro del marco de una tipologia textual. Utilizamos, em cambio, el término tipo de texto como designación teórica de una forma específica de texto, descrita y definida dentro del marco de una tipologia textual.

Neste contexto, o desenvolvimento da Linguística de Texto proporcionou o aparecimento de diferentes tipologias. Isemberg (op. cit.) demonstra, em suas discussões, que existem diferentes tipologias de texto e garante que uma

tipologia satisfatória de textos deve partir de uma perspectiva que diferencie classe, de tipo de texto. Uma classe de textos agrupa um conjunto de tipos de texto que possuem a mesma natureza.

Iseberg (1987) discute, em seus trabalhos, a necessidade para classificar textos, desde que se construa uma tipologia mais precisa, apresentando como princípio de classificação, a noção de classe de texto, com a finalidade de agrupar os tipos específicos de texto. Para tanto, faz-se necessário diferenciar classe de tipo de texto. A classe de texto defini-se por um conjunto específico de regras específicas características, que descreve determinadas propriedades gerais, relativas a certos textos. O tipo de texto é uma designação teórica de uma forma específica de texto, que pode ser agrupada em classe de texto, a partir de suas propriedades gerais.

Tem-se por pressuposto a existência de uma classe de texto opinativa, que agrupa diferentes tipos de textos opinativos. Nesta dissertação, serão tratados o tipo de texto dissertativo acadêmico, que caracteriza o discurso científico acadêmico; o tipo de texto crônica do cotidiano, que é tanto do discurso jornalístico, quanto do discurso literário; e o tipo de texto de notícias, que ocorre no discurso jornalístico.

É a parte da linguística com visão pragmática, que trata da boa formação do texto, tendo-o como ponto de partida dos seus estudos, de forma a focalizá-lo no seu uso efetivo da língua e entendê-lo como a linguagem humana mais original.

De acordo com a Linguística de Texto, a linguagem humana não pode ser explicada por uma sequência de frases, pois, o texto não se reduz à simples soma de palavras e frases que o compõe, linearmente. Então, o texto é considerado a unidade básica da manifestação da linguagem, pois, o homem se comunica por intermédio de fenômenos linguísticos que só podem ser escritos no interior dos textos.

Segundo Iseberg (op. cit), um texto bem formado é aquele que estabelece relações entre os enunciados linguísticos, as representações cognitivas, bem

como práticas de produção de texto; por este motivo, os estudos realizados passam a diferenciar o texto-produto, de natureza linguística, do texto-processo, de natureza cognitiva.

1.2. O processamento da informação pelas memórias

Se o objetivo da Linguística de Texto é dar conta da boa formação do texto, então esta trata, tanto do texto-processo, quanto do texto-produto. Sendo assim, a base de suas investigações é cognitiva, apresentando um quadro inter, multi e transdisciplinar. A transdisciplinaridade está na responsabilidade das ciências cognitivas.

Tendo em vista seus objetivos, os psicólogos da memória contribuíram para que os conhecimentos humanos fossem entendidos, em sua natureza memorial, pois, em seus postulados, tais conhecimentos se definem como representações mentais das coisas que acontecem no mundo. Já os psicólogos sociais, com o interacionismo simbólico, apresentam, enquanto contribuição, como a identidade do indivíduo é construída por ele, em sociedade, a partir do outro.

Kintsch e van Dijk (1975) investigam o texto-processo. Para tanto, trataram de verificar como os seus informantes resumem e se lembram de histórias. Os resultados obtidos desta pesquisa propiciaram diferenciar: macro, micro e superestrutura textuais. As macro-estruturas textuais compreendem os sentidos mais globais do texto, em outros termos, o resumo construído pelo leitor, de forma a estabelecer a coerência textual. As micro-estruturas compreendem os sentidos secundários construídos por microproposições (unidades de sentido), num processo de expansão semântica do texto produto, a partir de inferências e explicitações de implícitos realizadas pelo leitor. A superestrutura é um esquema textual vazio, que se define por categorias e regras de ordenação. Segundo os resultados obtidos pelos autores, nesta pesquisa há três armazéns de memória para definir o processamento da

informação e a construção do texto-processo: memória de longo, médio prazo e de curto prazos.

A Memória de Longo Prazo (MLP) funciona como arquivo dos conhecimentos já processados e armazenados pelo produtor. Ela armazena, tanto conhecimentos individuais, quanto sociais.

A memória social compreende um conjunto de conhecimentos sociais, decorrentes da interação do processador, ao compreender o vivido e o experienciado em sociedade. De forma geral, os conhecimentos sociais armazenados nas memórias de longo prazo das pessoas decorrem de discursos públicos e institucionalizados (família, escola, igreja, empresa, estado, entre outras). O armazém individual arquiva representações mentais, formas de conhecimento, construídas por experiências pessoais. Tanto os conhecimentos sociais, quanto os individuais, são organizados por sistemas de conhecimento e os mais importantes são: o sistema linguístico – que se refere aos conhecimentos da língua e de seus usos; o enciclopédico – que se relaciona ao conhecimento de mundo; e o interacional – conhecimento relativo a atos de linguagem e às normas de interação comunicativa.

A Memória de Curto Prazo (MCP) é sensorial, de natureza quantitativa, controlada por uma unidade de memorização, o *chunk*. Se esta unidade memorial encontrar-se lotada, a informação se perde. Portanto, assim que a informação dá entrada na MCP, é processada, recursivamente, ou seja, a ordem, ora é linear, ora é alinear para a produção de proposições que são modificadas na Memória de Trabalho (MT), que está na entrada da memória de longo prazo.

A Memória de Trabalho transforma as estruturas de língua em proposições e sentidos. Como a informação vai sendo processada, continuamente, as proposições que constroem a micro-estrutura do texto ficam na memória de médio prazo, até serem reduzidas para construir um sentido mais global, que será armazenada na Memória de Longo Prazo.

Na Memória de Trabalho (MT), são construídas as representações mentais-ocorrentes, como forma de conhecimentos novos e interacionais, ao mesmo tempo em que se ativam velhos conhecimentos, já armazenados, e que estão na memória de longo prazo. Processam-se as informações, a partir de novas entradas, numa dinâmica de intertextualização.

Kintsch e van Dijk (1983), ao tratarem das estratégias de compreensão discursiva, verificaram que seus informantes, além de utilizar o conhecimento armazenado da superestrutura de um texto (conhecimento armazenado na memória de longo prazo social), utilizavam, também, um modelo de situação (armazenado na memória de longo prazo individual). O modelo de situação é um esquema mental construído por experiências pessoais, em contextos de produção comunicativo-interacional. Assim, o processador era capaz de reconhecer uma situação que não estava explícita no texto, mas que propiciava a ele produzir sentidos. Um modelo de situação pode ser definido como uma representação mental construída de interações comunicativas, nas quais o processador participou e, por essa razão, ele reconhece em qual situação o texto foi produzido, como, por exemplo, quando o locutor quer se proteger de uma incapacidade ele se sobressai falando mal de alguém.

A representação mental é construída na MT, enquanto forma de conhecimento interacional, e tem por finalidade acionar os conhecimentos remanescentes, já armazenados na MLP, e os reformula devido às informações novas processadas.

As pesquisas já realizadas sobre o processamento da informação propiciaram diferenciar os modelos interacionais sociais, dos modelos interacionais individuais.

Os esquemas sociais interacionais, tais como atos de fala (ameaçar, seduzir, pedir desculpas etc.) são reconhecidos, devido aos papéis sociais que compõem a estrutura social dos grupos sociais. Já os esquemas individuais, modelos de situação, são projetados, a partir de experiências individuais, onde os diferentes papéis sociais adquirem novos sentidos. Assim, por exemplo: num esquema social interacional pode ocorrer o papel do crítico social, ao

passo que, num modelo de situação, o papel do crítico é avaliado como forma de que o representa querer sobressair sobre os demais.

Dos Anjos (2005:30), tomando por base os resultados obtidos de pesquisas sobre o processamento da informação, afirma:

Durante o processamento da informação, na MT, os conhecimentos persistentes são ativados para funcionar como Marco de Cognições Sociais, de forma a guiar a construção de novos conhecimentos; os conhecimentos flexíveis projetam modelos de situação, enquanto contextos cognitivos que podem ser modificados, o que explicita as razões de um mesmo indivíduo processar a mesma informação, não só de forma diferenciada, como também, em momentos históricos diferenciados.

Em se tratando do modelo de situação nota-se que este é flexível, pois, decorre de como se situa o referente no mundo. Tal referente é focalizado, a partir de um ponto de vista, e apresenta-se em determinado estado de coisas. Portanto, o ato de situar é variável, pois, a representação mental ocorrente é flexível e mutável, apesar dos conhecimentos persistentes funcionarem como guias.

Sendo os conhecimentos sociais persistentes, entretanto modificados por eventos discursivos individuais, esses têm raízes históricas e contemporaneidade. Suas raízes são construídas, a partir do que é vivido socialmente, no decorrer do tempo, em determinado lugar. A contemporaneidade é organizada, a partir dos objetivos e interesses comuns aos grupos, no aqui e agora. A finalidade das raízes históricas é a de fixar e cristalizar conhecimentos sociais transmitidos, a partir de discursos institucionais; no entanto, sendo guias dos conhecimentos individuais, quaisquer eventos discursivos particulares, não institucionalizados, são caracterizados pela interação, entre o indivíduo e o social.

Diante do exposto, esta dissertação situa os atos de opinar, na inter-relação das categorias Sociedade, Cognição e Discurso, considerando, tanto as representações mentais, sejam estas ocorrentes ou persistentes, como

construções avaliativas, que se articulam, na interação social, a partir do Marco de Cognições Sociais.

1.3. A criação de um estado de coisas para a construção do conhecimento e sua institucionalização

Segundo Baudet e Denheière (1992), o homem tem uma forma específica de construir conhecimento. Ela decorre da projeção de um ponto de vista para captar o objeto do mundo. Cada ponto de vista é guiado por interesses, objetivos e propósitos do sujeito. Dessa forma, um mesmo objeto no mundo pode ser representado por uma multiplicidade de maneiras, pois, tudo depende do que foi focalizado. Logo, a focalização constroi um estado de coisas para um objeto captado, por essa razão, o mesmo objeto, dependendo do ponto de vista, constroi conhecimentos diferentes. Logo, há a necessidade de se institucionalizar conhecimentos, a fim de que as pessoas possam interacionar-se, umas com as outras.

De acordo com van Dijk (1997), a vertente sócio-cognitiva circunscreve-se na inter-relação das categorias de análise Cognição, Discurso e Sociedade, pois, cada uma destas se define pelas demais. Em sua perspectiva, os conhecimentos humanos são constituídos no e pelo Discurso em Sociedade, estabelecendo a construção das Cognições Sociais, que guiam as individuais, num processo interativo contínuo do *já-sabido* e o *construído*. Portanto, constata-se que os conhecimentos humanos são, concomitantemente, individuais e sociais. Embora os conhecimentos sociais sejam os guias dos conhecimentos individuais, estes modificam aqueles, numa relação dialética contínua, entre discursos institucionalizados e eventos discursivos particulares. Sendo assim, sob a ótica do autor, é exatamente a integração do estudo das dimensões cognitivas, com as sociais, que permitem melhor compreensão, entre: Discurso e Sociedade.

Para o autor, a Sociedade é definida por um conjunto de grupos sociais. Cada grupo social é definido como a reunião de pessoas, que têm os mesmos

objetivos, interesses e propósitos e, por esta razão, têm o mesmo ponto de vista para focalizar o que ocorre no mundo. Logo, há um constante conflito intergrupais, pois, as formas de conhecimento variam, de grupo para grupo. Os discursos públicos institucionalizados manifestam cognições extra-grupais, homogeneizando as diferenças grupais.

Segundo van Dijk (1997), todo discurso público institucionalizado é orientado por três grandes categorias: Poder, Controle e Acesso. O poder é definido pela reunião de pessoas que tomam decisões e têm autoridade de impô-las, aos demais. É nesse espaço que se localiza a ideologia.

O controle reúne um outro grupo de pessoas, que coloca em execução o que o poder decidiu e só terá Acesso ao público, por meio de textos que o controle determina.

Logo, os grupos sociais definem-se por conhecimentos, extra e intragrupais. Esse conjunto de conhecimento constroi o Marco das Cognições Sociais de um grupo.

O Discurso é visto como uma prática social, que se define por participantes, suas funções e ações. Dessa forma, cada discurso seleciona determinados papéis sociais para seus participantes representarem. Daí, sua relação com a Sociedade e Cognição. Tais interações são fixadas para diferentes contextos sociais, dependendo da ideologia ou da cultura, como reuniões informais familiares, encontros profissionais, institucionais, debates parlamentares e/ou acadêmicos.

1.4. O texto opinativo

Van Dijk (1997) afirma que é complexo conceituar opinião, pois, mesmo que ela esteja presente na vida cotidiana e institucional, tem merecido pouca atenção de especialistas, do texto e do discurso. Em função dessa complexidade, o autor delimita a questão da opinião, como linguista, a partir da vertente sócio-cognitiva da Análise Crítica do Discurso, sendo que esta se preocupa com as formas de conhecimentos sociais.

O autor afirma que a opinião é definida como forma de representação mental, sendo que a sua aquisição, seus usos e funções são sociais e sua expressão, na maioria das vezes, é discursiva, pois, há muitas opiniões que não são expressas por textos verbais, mas, só pensadas.

A partir dos resultados já obtidos para conceituar opinião, van Dijk (1997) diz que os estudiosos apresentam diferenças existentes, entre episteme e doxa, bem como conhecimentos epistêmicos, de conhecimentos avaliativos. Os epistêmicos são factuais e decorrem do que se constata, ao observar o mundo; por essa razão, pode-se aplicar a este tipo de conhecimento, o critério da verdade/falsidade.

Ao discutir a diferença entre conhecimentos epistêmicos e avaliativos, van Dijk propõe que todas as formas de conhecimento, por decorrerem da projeção de um ponto de vista, são avaliativas e, portanto, crenças.

Assim, Guimarães (1999:59) afirma:

As opiniões, ao serem construídas pela mente, implicam que termos, inicialmente, de uma representação mental de X que, ao ser interpretada avaliativamente, produz uma opinião sobre X. A representação mental de X é social e está arquivada, após processamento cognitivo, na Memória de Longo Prazo das pessoas; nesse sentido, tal representação resulta de um processo de aquisição do conhecimento de X, a partir de uso e funções que X tem em sociedade. Assim, por exemplo, o conhecimento de Presidente da República já é representado, mentalmente, por uma avaliação de seus atos, em relação à nação presidida por ele; trata-se, portanto, de uma representação construída, a partir de um Marco de Cognições Sociais, que implica saberes e crenças sobre o que seja presidente da nação.

Portanto, no momento em que uma opinião é construída na Memória de Trabalho, local onde são construídas as representações mentais ocorrentes, faz-se necessário que se ativem as representações mentais-tipo, ou seja, que estão armazenadas na Memória de Longo Prazo.

É indispensável, que se considere que uma representação mental seja uma forma de conhecimento, ou seja, para que se tenha a ideia de como X é representado socialmente para que, a partir de sua designação, se tenha uma avaliação.

Em se tratando das representações adquiridas e armazenadas socialmente, estas já possuem formas de avaliações sociais.

Assim, por exemplo, se alguém diz “Pedro não é um bom aluno”, este alguém expressou uma opinião, pois, apresentou um julgamento que avalia, negativamente, a atuação de Pedro, como aluno em sala de aula.

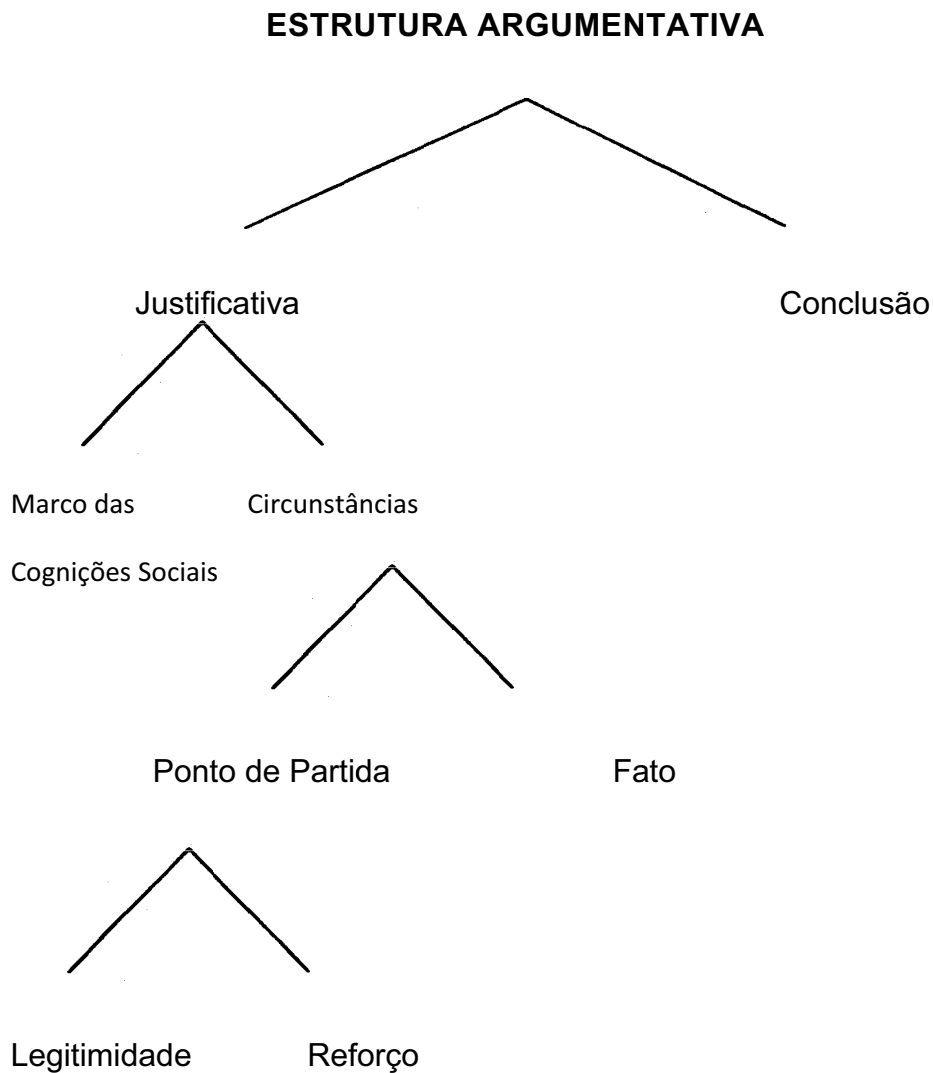
Contudo, para que isso seja feito por alguém é indispensável entender que ele já adquiriu uma representação mental do que seja aluno e que esta representação implica juízo de valor para a sua atuação, no papel social de aluno em sala de aula.

Sendo assim, é necessário que se diferenciem as representações mentais adquiridas, pois, estas são organizadas, a partir de um marco das cognições sociais. Este é definido, ideologicamente, como um conjunto de idéias que estabelecem parâmetros avaliativos para as ações dos seres, no mundo real, de acordo com os interesses dos grupos sociais em que estão inseridos.

1.5. Estrutura argumentativa proposta por van Dijk (1978)

Segundo van Dijk (1978), o texto-processo é visto como modelo mental, que se define por uma micro-estrutura (conjunto de micro proposições), por uma macro-estrutura (conjunto de macro-proposições, sentidos globais) e uma superestrutura (esquema textual convencionalizado socialmente).

Van Dijk apresenta a descrição de diferentes superestruturas textuais. Ao tratar da argumentação, o autor nomeia o esquema textual de estrutura argumentativa, pois, tem por pressuposto, que está subjacente a qualquer outra superestrutura, na medida em que não há textos ingênuos.



Como se pode observar, este esquema textual, como qualquer outra superestrutura, é hierárquico e as suas categorias textuais mais altas são a Justificativa e a Conclusão. A conclusão é considerada como julgamento de valor opinativo, podendo ou não ser justificado explicitamente, no texto. Desde que justificado, recorre-se ao Marco das Cognitiones Sociais e a Circunstância que propiciou a construção da opinião.

Van Dijk verificou, também, que, dependendo do gênero discursivo, a categoria Justificativa pode ou não ocorrer; nos discursos autoritários ela não ocorre. Todavia, os discursos polêmicos privilegiam a categoria Justificativa.

O Marco das Cognições Sociais é grupal e permite reconhecer os membros deste grupo, a partir de representações mentais adquiridas em sociedade e que já são avaliadas, no e pelo grupo social. Por vezes, o Marco das Cognições Sociais pode ser divulgado e adquirido por outros grupos sociais caracterizando o que se designa por opinião pública. Quando uma opinião é justificada, por argumentos, a Circunstância é apresentada pelo ponto de vista do produtor que situa um fato.

1.6. Fundamentos sobre argumentação na visão de outros autores

Segundo Vignaux (1976), a argumentação é um comportamento global com um papel mais essencial que as próprias palavras enunciadas, pois, preocupa-se em situar as circunstâncias, a posição dos interlocutores, sua história e histórias, com o intuito de privilegiar tal fenômeno.

Assim, o princípio da teatralidade se constitui, pois, no momento em que alguém emite um discurso frente ao seu interlocutor, deve fazê-lo, no sentido de intervir sobre o julgamento do outro, apresentando o seu, persuadindo, no sentido de apresentar outra representação, em relação à que seu interlocutor já tenha, sobre as coisas do mundo.

A nova representação se apresenta, enquanto forma de conhecimento avaliativo, ou seja, como uma opinião. Dessa maneira, há a necessidade, sempre, de situar o que o interlocutor tem como representação do mundo e, por isso, a argumentação se aproxima mais do teatro, que da lógica. Portanto, argumentar significa representar de outra maneira, o que o outro já teria representado para si e, para tanto, é fundamental que o produtor represente, também para si, a situação em que está seu interlocutor, para que se possa ter uma ideia de como o discurso, enquanto teatralidade, pode ser representado, na memória do produtor.

Vignaux (1976), em seus estudos, amplia as questões relacionadas à argumentação, focalizando seu tratamento investigativo para o texto e discurso, pois antes o problema era tratado, apenas, por filósofos. Em suas postulações, ele afirma que o discurso, tanto fala de objetos físicos referentes ao real concreto mantendo relações com os acontecimentos que foram produzidos, quanto fala do que será produzido e das possíveis relações, entre os objetos. Sua seleção e os tipos de relação, que o produtor estabelece entre eles, fazem com que os objetos escolhidos sejam apresentados ao seu interlocutor, a partir de determinadas situações. Estas são determinadas pelo discurso, e não pelo real, ainda que sejam apresentadas, no discurso, como reais.

Quando se estuda a argumentação, no discurso, é imprescindível levar em consideração a diferença existente, em três dimensões: a do mundo real, a das representações mentais e a da enunciação. A primeira, é relativa ao que acontece no mundo; a segunda, é cognitiva; e a terceira, é a representação, em língua do que quer se comunicar. Estas três dimensões estão relacionadas, umas às outras, por modalidades, de acordo com a existência/não existência no mundo real, do objeto do discurso.

Vignaux (1976:73) afirma, ainda, que:

as propriedades semânticas de um elemento são inferidas a partir de suas características formais. O sentido das palavras empregadas pelo falante pode ajudar a compreender “de quê” fala o discurso, assim como, a precisar o campo de atividades, no qual se situa; mas, o importante não são as palavras em si mesmas e sim as categorias semânticas às quais se podem remeter suas propriedades formais e suas localizações na ordem estrutural da oração.

Em síntese, para o autor, no que diz respeito ao tratamento da argumentação, é imprescindível que se entenda a linguagem, enquanto uma representação que contribui para a construção da realidade, de forma a refletir todos os modos de ser, de experimentar e de atuar.

Vale acrescentar que, a partir da Pragmática e de outras ciências que consideram os constituintes da língua, a partir de sua abordagem transfrástica,

ganhou ênfase o estudo do discurso, o que ocasionou, segundo Koch (1993), o aumento considerável de pesquisas versando em argumentação, enquanto papel de destaque nos estudos da linguagem. Especificamente, foi com a origem da Teoria da Enunciação, que incorporou a enunciação aos estudos dos enunciados, pois, ao estudar a enunciação passou a se estudar os atos de linguagem, como, por exemplo, os atos ilocucionários, que compreendem a ‘força’ com que os enunciados são produzidos e os atos perlocucionários, que dizem respeito aos efeitos da linguagem - efeitos como o de convencer e persuadir.

Assim, definem-se, ambos os atos, em: convencer é saber gerenciar informações, é falar à razão do outro, demonstrando ou provando alguma asserção, é construir algo, no campo das idéias. Já, persuadir é gerenciar relação, é falar à emoção do outro. A origem desta está ligada à preposição “per” (por meio de) e a “Suada” (deusa romana da persuasão). Nesta concepção, é fazer algo por meio do auxílio divino. É construir algo, no terreno das emoções, ou melhor, é tentar sensibilizar o outro para agir. Quando se consegue persuadir alguém, ele realiza aquilo que se deseja. Persuadir refere-se à possibilidade de fazer com que o outro aceite as suas conclusões, como verdadeiras. Para Charaudeau e Mainguenu (2004: 374), “a persuasão pode ser vista como o produto dos processos gerais de influência.”

Persuadir é mais que convencer. Conforme Perelman (2005: 30), a persuasão acrescentaria à convicção, a força necessária, que é a única que conduziria à ação, enquanto que convencer é uma primeira fase. Assim, o essencial é persuadir, ou seja, abalar a alma para que o ouvinte aja em conformidade com a convicção que lhe foi comunicada.

Retomando Koch (1993), o ato de argumentar, significa adotar uma atitude que objetiva orientar o discurso, no sentido de determinadas conclusões, sendo concretizado, enquanto um ato linguístico, pois, a argumentatividade caracteriza o processo de interação social, por meio da língua. Sendo assim, quaisquer discursos pressupõem uma ideologia.

A autora afirma ainda que:

partindo do postulado de que a argumentatividade está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá justamente , por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fatos básicos não só de coesão mas principalmente de coerência textual. (1993:23)

Esses fundamentos, conforme abordado neste capítulo, trazem os princípios da Linguística de Texto e da Análise Crítica do Discurso, com vertente sócio-cognitiva, com a finalidade de demonstrar, que de acordo com as intenções do locutor, na dimensão do discurso, as opiniões são construídas, argumentativamente, com o intuito de apresentar uma nova focalização, a partir do que está circunscrito no Marco das Cognições Sociais. E os capítulos posteriores, tratarão de apresentar a organização textual opinativa, e suas modificações, baseadas no esquema textual de cada tipo de texto (dissertativo acadêmico, notícia jornalística e crônica do cotidiano), analisado nesta dissertação.

CAPÍTULO II: A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA OPINIÃO, EM TEXTOS DISSERTATIVOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS

Este capítulo foi organizado com o propósito de se considerar as leituras dos teóricos que trataram, não só do texto do tipo dissertativo acadêmico-científico, como, também, dos esquemas textuais, com o intuito de apresentar a construção opinativa deste tipo de texto, levando-se em consideração os esquemas textuais propostos por van Dijk (1978) e Silveira (1994).

2.1. O texto dissertativo acadêmico-científico

Entende-se que a tipologização textual se faz necessária como contribuição para a melhor formação dos textos. O dissertativo vem sendo tratado, apenas na escola, no ensino de redação, e proposto, simplesmente, como a ação de emitir opiniões, sem haver detalhamentos.

Van Dijk (1997), do ponto de vista sócio-cognitivo, apresenta uma discussão a respeito dos conhecimentos avaliativos e factuais e conclui que qualquer forma de conhecimento é uma crença, ou seja, ela se apresenta construída, como opinião.

O texto dissertativo acadêmico, tradicionalmente designado acadêmico-científico, é institucionalizado no âmbito da universidade e compreende: monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Estes textos variam em textos de pesquisa, de revisão e ensaio científico. Por vezes, compõe, também, esse conjunto de textos, o texto acadêmico tecnológico.

Esta dissertação trata do texto acadêmico-científico, delimitado a artigos de pesquisa.

O texto acadêmico-científico de pesquisa, segundo Silveira (1994), pode ser definido por dois discursos: um envolvido e outro envolvente.

O discurso envolvido é do tipo narrativo e define-se por: problema, procedimento metodológico e resolução.

O discurso envolvente é do tipo dissertativo, ou seja, um texto opinativo que atribui valores, negativos ou positivos, ao paradigma científico (conjunto de problemas resolvidos, problemas a serem resolvidos, modelos teóricos e modelos metodológicos), a fim de construir questões e delimitar problemas, objeto da pesquisa. Neste item, apresentam-se os resultados obtidos do discurso envolvente, da narrativa da descoberta. Contudo, o cientista não se contenta em apresentar sua descoberta, ele necessita avaliá-la, estabelecendo relações entre o paradigma vigente e novas perspectivas de continuidade de sua pesquisa.

Nesse sentido, o texto dissertativo se classifica, de acordo com suas condições de produção discursiva, sendo, dissertativo expositivo e dissertativo argumentativo, ou como Silveira (1994), aponta em seus estudos; dissertativo de uma tese e dissertativo de duas teses, respectivamente. O primeiro está organizado pela apresentação de uma opinião, vista como avaliação. Nesta perspectiva, o grupo social articulado não é conhecedor do assunto ou da área específica. Sendo assim, sua organização textual decorre de um conjunto de explicitações de conhecimentos, julgados necessários pelo autor, para que o auditório acate a sua opinião.

De forma geral, o texto dissertativo é o que mais tem apresentado dificuldades para a sua produção. No que se refere à instituição escola, no Brasil, o texto dissertativo proposto tem por base o texto dissertativo acadêmico-científico. Os textos acadêmicos são produzidos na universidade e são guiados pelos textos científicos de pesquisa e de revisão. Segundo Silveira (1994), o discurso científico é caracterizado pelo diálogo constante do cientista, como o paradigma vigente. Este, compreende um conjunto de problemas, já resolvidos, a serem resolvidos, modelos teóricos e metodológicos, acatados pela comunidade científica. O cientista, ao dialogar com o paradigma vigente, se sente satisfeito e dá sua adesão a ele. Caso contrário, constrói-se um problema, cuja resolução objetiva complementar ou substituir o que o paradigma vigente propõe. Para tanto, é necessária a pesquisa.

Logo, o texto dissertativo é o mais produzido na universidade e pode, também, estar envolvendo a revisão científica, de forma a levar o cientista a opinar, a respeito das descobertas revistas por ele.

Como a escola brasileira está voltada para o vestibular, privilegia, no ensino da dissertação, o dissertativo acadêmico.

Segundo Silveira (1994), o dissertativo acadêmico é modificado, de acordo com as suas condições de produção discursiva, em dissertativo de uma Tese e dissertativo de duas Teses.

2.2. O texto dissertativo de uma Tese

Este tipo de texto também é designado dissertativo explicativo. Etimologicamente “explicar significa tirar das pregas o que estava oculto”. No que se refere ao dissertativo, explicar está relacionado a desenvolver um tema ou um problema, que, dessa forma, é necessário indicar as causas, ou os motivos que ocasionaram o tema ou o problema. Segundo Arnoux et. al. (1999), recorre-se a uma explicação, todas as vezes que a interação verbal apresentar um obstáculo, um problema para a compreensão do destinatário. Este obstáculo precisa ser esclarecido, mediante a explicação. Dessa forma, eles propõem que esse tipo de texto ocorre nos discursos acadêmicos expositivo-explicativos, e são praticados pelos professores, a fim de esclarecer seus alunos sobre as avaliações nele construídas. Para as autoras, a linguagem é usada para propor e resolver problemas. Esta afirmação é especialmente apropriada para caracterizar os discursos expositivo-explicativos, já que estes se originam de um problema proposto por um interlocutor ou pelo próprio locutor.

Os discursos explicativos objetivam comunicar um saber e diferenciam-se de outros, pois, insistem em levar o outro a compreender os fenômenos tratados. Dessa forma, implícita ou explicitamente, o ponto de partida será a existência de um problema que o desenvolvimento do texto objetiva elucidar. Supõe-se,

também, que aquele que se propõe a explicar possua um saber, uma autoridade que o permita fazê-lo.

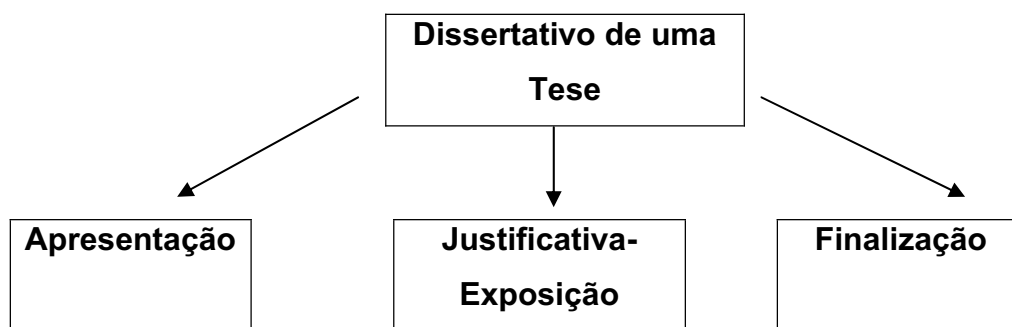
Silveira (1994) trata os discursos expositivo-explicativos pela formalização de um texto, de uma Tese. Para a autora, esta Tese é retirada das cognições sociais da academia, ou seja, do paradigma vigente, e como esse discurso é direcionado a interlocutores que se iniciam na ciência, é função de uma autoridade acadêmica expor um tema e explicar suas causalidades.

2.2.1. Resultados das análises de textos dissertativos de uma Tese

As análises realizadas foram guiadas por dois esquemas textuais: o primeiro, proposto por Silveira (1994) e o segundo, por van Dijk (1978).

2.2.1.1. O esquema textual do dissertativo de uma Tese (Silveira, 1994)

No que se refere à produção discursiva do dissertativo acadêmico de uma tese, Silveira (1994) propõe que é necessário identificar de que forma o produtor do texto representou seu interlocutor. No caso do dissertativo de uma tese, o locutor atribui ao seu leitor um “não-saber” a respeito de uma questão ou tema. Dessa forma, o leitor terá dificuldades para produzir inferências para expandir as informações do texto-produto e reduzi-las, a fim de construir os sentidos mais globais. Sendo assim, o produtor opta pelo esquema textual do dissertativo de uma tese para formalizar o seu discurso expositivo-explicativo. Tal esquema textual é definido pelas categorias textuais , assim ordenadas.



A categoria Apresentação agrupa um texto-reduzido apresentado como uma tese relativa a um tema ou a uma questão.

A categoria Justificativa-Exposição reúne o conjunto de atos argumentativos para a exposição do texto reduzido apresentado.

A categoria Finalização agrupa a avaliação feita pelo produtor à tese apresentada e exposta.

2.2.1.2. Resultado obtido da análise do dissertativo acadêmico-científico de uma Tese

A título de exemplificação apresentaremos o resultado da análise do texto abaixo. Vide anexo 01 (texto completo).

Texto 01

a.1. A categoria Apresentação expositiva (Tese 1)

(...) o risível é produzido por transgressões sócio-cognitivas.

a.2. Explicação-Causalidade:

(...) entende-se que o risível é a consequência de uma transgressão produzida, num saber prévio, instituído, que relacionam os interlocutores.

a.3. Justificativa-Exposição

- A Análise Crítica de Discurso, com vertente sócio-cognitiva, tem como principal representante Van Dijk (1997). O autor trata das categorias Discurso, Sociedade e Cognição que se inter-relacionam, pois, definem-se uma pela outra. Assim, o Discurso é entendido como uma prática social, composta por participantes, funções e ações, com tipos específicos de textos; a Sociedade é formada por conjunto de grupos sociais, onde as pessoas se reúnem por terem objetivos, propósitos e interesses comuns, pois, ao focalizar as coisas no mundo, têm um mesmo ponto de vista; e, a Cognição é construída por conhecimentos vividos e experienciados em sociedade, representados no e pelo discurso os conhecimentos sociais que guiam os individuais. Esses são experienciados, individualmente, embora guiados pelo social, modificam-no.

- Entende-se que as categorias analíticas Discurso, Sociedade e Cognição por se inter-relacionarem, implicam raízes históricas em contemporaneidade, relativas, respectivamente, à Memória Social e à contemporaneidade, sendo que esta determina a historicidade dos acontecimentos. É nessa inter-relação que se pode resgatar o Marco de Cognições Sociais (Memória Social), e são eles que, tanto no se refere aos conhecimentos de mundo quanto aos valores culturais e ideológicos atribuídos a ele, de forma construir para os interlocutores, constrói para os interlocutores em geral, já foram tratados pelos estudiosos da crônica nacional com fatos ou vida cotidianos, Silveira (op.cit. p.14). A crônica brasileira é um tipo de texto opinativo, que se define pela representação do ponto de vista do cronista, acerca de acontecimentos cotidianos, em conjunção com o Marco das Cognições Sociais, de forma a construir um evento discursivo particular.

- Os modelos cognitivos individuais são dinâmicos e se modificam constantemente. A constância resulta do Marco das Cognições Sociais, ou

seja, os indivíduos representam pontos focalizados comuns ao do grupo social que pertencem, visto que os conhecimentos sociais são persistentes e os individuais, dinâmicos, ao mesmo tempo, modificam os conhecimentos sociais.

- Nesse sentido, as representações resultam ideologicamente de estruturas cognitivas, sociais e individuais, no seu cotidiano. As representações lingüísticas são partes de um todo, capaz de produzir situações discursivas de um mesmo texto para diferentes leitores, às vezes, podem se tornar comum e constituir a realidade dos grupos sociais, transformando, as ideias representadas, em práticas de conhecimentos interacionais.

- O caráter dinâmico do processamento textual permite que as representações dos conhecimentos individuais, em confronto com os sociais, sejam constantemente renegociadas, de forma a poder participar de diferentes grupos sociais, ao mesmo tempo, ou ser objeto de rejeição inter grupal. Além disso, os conhecimentos são sempre produzidos e reproduzidos por interação comunicativa e sua interação liga-se aos interesses sociais dos grupos.

- No que se refere à teoria dos gêneros textuais, esta precede à literatura, com os gregos Platão, Horácio, Quintiliano e com Aristóteles, surge às sistemáticas dos gêneros que compõem o discurso: *aquele que fala; aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala*. Atualmente, os estudos de gêneros textuais englobam uma visão multidisciplinar, diz respeito à língua, como categoria cultural, esquema cognitivo, organização sócio-comunicativa e interacional.

- Essas reflexões, acerca da Análise Crítica do Discurso e da Teoria das Representações, confirmam a importância dos fenômenos sociais, portanto, culturais como elementos do riso e do risível. As manifestações escritas geradoras de riso, em outra situação, conforme o tempo e espaço podem indicar imprecisão, porque a recorrência e a discrepância não estão apenas no nível da palavra.

- Ao retomar Aristóteles, de que “o homem é um animal que sabe rir” e o risível é um enigma decorrente da essência humana, Bergson (2004), adiciona a

causa do risível, às decorrências da sociedade, que encontra motivos e resposta para rir. Por isso, uma paisagem, um animal, um objeto nunca será risível, mas o homem pode apreender deles uma atitude humana.

- O risível ultrapassa a dimensão da natureza lingüística, pode ser conferida com os outros conhecimentos, que são tanto sociais quanto individuais. Os conhecimentos sociais são construídos em sociedade, organizados em sistemas e transferidos no e pelo discurso, de modo a formar representações, como forma de conhecimentos, organizados por esquemas mentais, a partir do lingüístico, enciclopédico e sócio-interacional. No sistema lingüístico, os indivíduos, têm armazenado os conhecimentos gramaticais e lexicais. No enciclopédico, compreende os conhecimentos de mundo. No interacional, encontram-se os esquemas de interação sócio-comunicativa, como atos de fala, máximas conversacionais, esquemas textuais, formações discursivas, condições de produção e contextos discursivos.

- Os conhecimentos são entendidos como formas de representação mental e, estes são guiadas pelo social, mas, modificados pelo individual. Assim, a memória social é dinâmica. Nessa relação, os conhecimentos são representações conjuntas no social e particularizada no individual, pois, decorrem de experiências pessoais, de cada indivíduo, com o mundo.

- Entende-se, assim, que o risível não decorre de conhecimentos de mundo, nem de língua, mas, decorre das formas de representar e ver as coisas no mundo, por quem observa os acontecimentos e constrói representações mentais, que são armazenados na memória de longo prazo dos indivíduos, seja social, seja individual. Esses conhecimentos ao serem ativados, vão para a memória de trabalho, para o processamento da informação, entrada na memória de curto prazo.

a.4. A categoria Conclusão (opinião do autor)

O risível decorre da quebra de expectativa, pois, ela, em língua se compõe do contexto cognitivo, que obriga o processador da informação a reformulá-la,

rompendo com a expectativa construída pelo locutor, que ao se deparar, repentinamente, com uma informação nova, reformula seu contexto cognitivo.

b. A estrutura argumentativa (van Dijk 1978)

A opinião implica uma avaliação de algo. O texto dissertativo organiza a opinião pela estrutura argumentativa. Emitir uma opinião no texto dissertativo implica também trazer explícita uma justificativa.

b.1. A categoria Apresentação

A categoria Apresentação reúne a premissa-hipótese para a produção de uma conclusão vista como forma de conhecimento opinativo.

b.1.1. Premissa hipótese (se X): O risível está relacionado à quebra de expectativa, de forma a situar os mundos possíveis.

b.1.2. Conclusão (logo Y): O risível é a consequência de uma transgressão, produzida num saber prévio, instituído, que relaciona os interlocutores.

b.2. A categoria Justificativa

A categoria Justificativa hierarquiza as categorias Marco das Cognições Sociais e a Circunstância.

b.2.1. Marco das Cognições Sociais (implica a exposição)

- A Análise Crítica de Discurso, com vertente sócio-cognitiva, tem como principal representante Van Dijk (1997). O autor trata das categorias Discurso, Sociedade e Cognição que se inter-relacionam, pois, definem-se uma pela outra. Assim, o Discurso é entendido como uma prática social, composta por participantes, funções e ações, com tipos específicos de textos; a Sociedade é formada por conjunto de grupos sociais, onde as pessoas se reúnem por terem objetivos, propósitos e interesses comuns, pois, ao focalizar as coisas no

mundo, têm um mesmo ponto de vista; e, a Cognição é construída por conhecimentos vividos e experienciados em sociedade, representados no e pelo discurso os conhecimentos sociais que guiam os individuais. Esses são experienciados, individualmente, embora guiados pelo social, modificam-no.

- Entende-se que as categorias analíticas Discurso, Sociedade e Cognição por se inter-relacionarem, implicam raízes históricas em contemporaneidade, relativas, respectivamente, à Memória Social e à contemporaneidade, sendo que esta determina a historicidade dos acontecimentos. É nessa inter-relação que se pode resgatar o Marco de Cognições Sociais (Memória Social), e são eles que, tanto no se refere aos conhecimentos de mundo quanto aos valores culturais e ideológicos atribuídos a ele, de forma construir para os interlocutores, constrói para os interlocutores em geral, já foram tratados pelos estudiosos da crônica nacional com fatos ou vida cotidianos, Silveira (op.cit. p.14). A crônica brasileira é um tipo de texto opinativo, que se define pela representação do ponto de vista do cronista, acerca de acontecimentos cotidianos, em conjunção com o Marco das Cognições Sociais, de forma a construir um evento discursivo particular.

- Os modelos cognitivos individuais são dinâmicos e se modificam constantemente. A constância resulta do Marco das Cognições Sociais, ou seja, os indivíduos representam pontos focalizados comuns ao do grupo social que pertencem, visto que os conhecimentos sociais são persistentes e os individuais, dinâmicos, ao mesmo tempo, modificam os conhecimentos sociais.

- Nesse sentido, as representações resultam ideologicamente de estruturas cognitivas, sociais e individuais, no seu cotidiano. As representações lingüísticas são partes de um todo, capaz de produzir situações discursivas de um mesmo texto para diferentes leitores, às vezes, podem se tornar comum e constituir a realidade dos grupos sociais, transformando, as ideias representadas, em práticas de conhecimentos interacionais.

- O caráter dinâmico do processamento textual permite que as representações dos conhecimentos individuais, em confronto com os sociais, sejam

constantemente renegociadas, de forma a poder participar de diferentes grupos sociais, ao mesmo tempo, ou ser objeto de rejeição inter grupal. Além disso, os conhecimentos são sempre produzidos e reproduzidos por interação comunicativa e sua interação liga-se aos interesses sociais dos grupos.

- No que se refere à teoria dos gêneros textuais, esta precede à literatura, com os gregos Platão, Horácio, Quintiliano e com Aristóteles, surge às sistemáticas dos gêneros que compõem o discurso: *aquele que fala; aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala*. Atualmente, os estudos de gêneros textuais englobam uma visão multidisciplinar, diz respeito à língua, como categoria cultural, esquema cognitivo, organização sócio-comunicativa e interacional.

- Essas reflexões, acerca da Análise Crítica do Discurso e da Teoria das Representações, confirmam a importância dos fenômenos sociais, portanto, culturais como elementos do riso e do risível. As manifestações escritas geradoras de riso, em outra situação, conforme o tempo e espaço podem indicar imprecisão, porque a recorrência e a discrepância não estão apenas no nível da palavra.

- Ao retomar Aristóteles, de que “o homem é um animal que sabe rir” e o risível é um enigma decorrente da essência humana, Bergson (2004), adiciona a causa do risível, às decorrências da sociedade, que encontra motivos e resposta para rir. Por isso, uma paisagem, um animal, um objeto nunca será risível, mas o homem pode apreender deles uma atitude humana.

- O risível ultrapassa a dimensão da natureza lingüística, pode ser conferida com os outros conhecimentos, que são tanto sociais quanto individuais. Os conhecimentos sociais são construídos em sociedade, organizados em sistemas e transferidos no e pelo discurso, de modo a formar representações, como forma de conhecimentos, organizados por esquemas mentais, a partir do lingüístico, enciclopédico e sócio-interacional. No sistema lingüístico, os indivíduos, têm armazenado os conhecimentos gramaticais e lexicais. No enciclopédico, compreende os conhecimentos de mundo. No interacional, encontram-se os esquemas de interação sócio-comunicativa, como atos de

fala, máximas conversacionais, esquemas textuais, formações discursivas, condições de produção e contextos discursivos.

- Os conhecimentos são entendidos como formas de representação mental e, estes são guiadas pelo social, mas, modificados pelo individual. Assim, a memória social é dinâmica. Nessa relação, os conhecimentos são representações conjuntas no social e particularizada no individual, pois, decorrem de experiências pessoais, de cada indivíduo, com o mundo.

- Entende-se, assim, que o risível não decorre de conhecimentos de mundo, nem de língua, mas, decorre das formas de representar e ver as coisas no mundo, por quem observa os acontecimentos e constrói representações mentais, que são armazenados na memória de longo prazo dos indivíduos, seja social, seja individual. Esses conhecimentos ao serem ativados, vão para a memória de trabalho, para o processamento da informação, entrada na memória de curto prazo.

b.2.2. Circunstância:

O risível decorre de rupturas com os conhecimentos sociais, de forma a exigir que o leitor, ostensivamente, reformule o seu contexto cognitivo. Para tanto, usa de argumentos e de sedução.

Por essa formalidade, o cronista obriga o interlocutor a fazer uma inferência ostensiva e reformular seu contexto cognitivo, ocasionado pelo inesperado, enquanto o riso acontece, no momento da tomada de consciência do leitor, de seu engano.

2.3. O texto dissertativo de duas Teses

Conforme as contribuições propostas por Silveira (1994), o texto dissertativo de duas Teses formaliza textualmente a opinião quando o produtor atribui a seu interlocutor o conhecimento da Tese 1. Dessa forma, busca persuadi-lo a

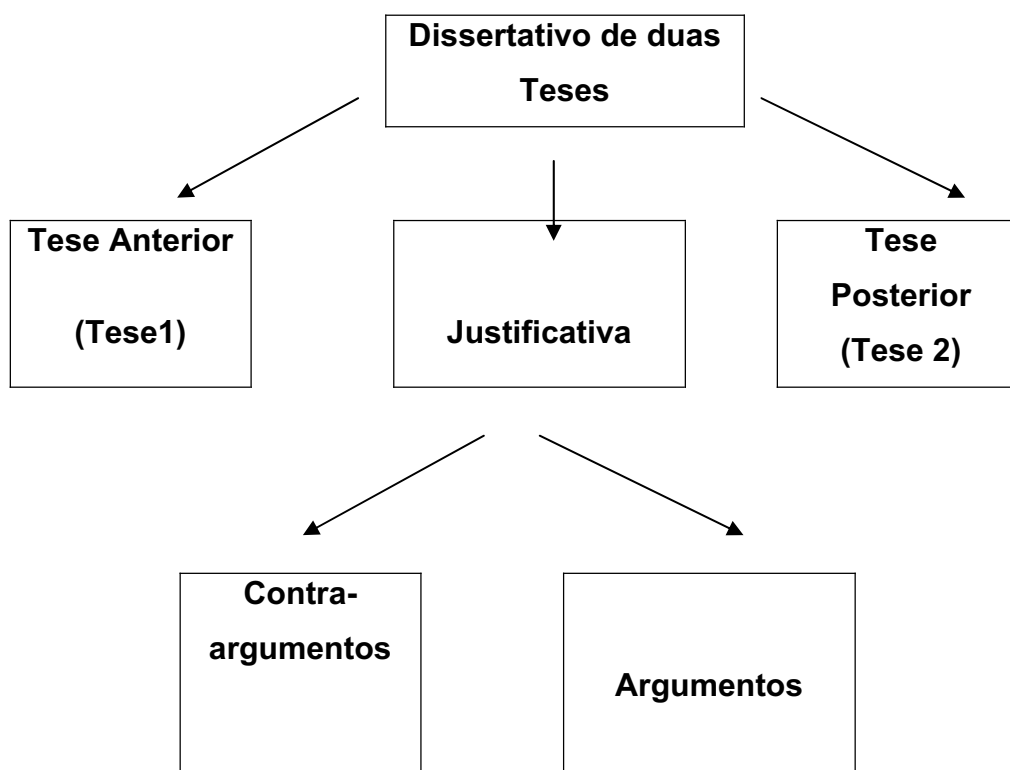
aceitar a Tese 2 que será avaliada por ele em sua conclusão. Para tanto atribui valores negativos a Tese 1 de forma à contra-argumentá-la e, também, atribui valores positivos à Tese 2 de forma à argumentá-la. Nesse sentido o interlocutor não é representado como iniciante na ciência e sim como alguém que já conhece dados do paradigma científicos.

2.3.1. O esquema textual do dissertativo de duas Teses

Silveira(1994:56-57) trata da argumentação da seguinte forma:

Argumentar, em sentido estrito, implica levar o outro a dar sua adesão ao julgamento do autor e quando já se tem uma posição tomada, abandonar o que sabia e acatar o saber 'novo' transmitido; para tanto, há a explicitação da justificativa por argumentos que visam estabelecer uma relação (que percorre da necessidade, passando pela probabilidade, até a possibilidade) entre a premissa-hipótese e a conclusão do autor.

Sendo assim, resultados obtidos das análises permitiram propor a seguinte visualização para o esquema textual de duas Teses, pois sua caracterização se dá pela oposição entre as teses que o compõem, apresentando enquanto esquema textual, constituído pelas seguintes categorias: Tese Anterior (Tese 1), Justificativa/Contra-argumentos/Argumentos e Tese Posterior (Tese 2).



2.3.1.1. Resultado obtido da análise do texto dissertativo de duas teses

A título de exemplificação apresentaremos o resultado da análise do texto abaixo. Vide anexo 02 (texto completo).

Texto 02

a. Categoria Tese Anterior (Tese 1)

a.1. Tese 1: A coleta de material (chumbo e cádmio), pela urina, ou pelo sangue, para verificar os níveis de contaminação, pode ser mais eficiente.

a.2. Opinião a respeito da Tese 1: As toxinas (chumbo e cádmio), responsáveis pela contaminação, encontradas no sangue e urina, podem estar

em constatação de fluxo metabólico, portanto, podem revelar um índice de contaminação, menos próximo do real.

a.3. Contra-argumentos:

1. (...) os pêlos servem como depósito, formados num curto período de tempo e isolados dos processos gerais do organismo humano.
2. O componente exógeno, excretado através dos pêlos, reflete apenas aqueles eventos metabólicos que ocorreram em alguns poucos dias, durante sua fase de crescimento. O cabelo humano cresce cerca de 1 cm por mês.
3. O metal, presente nos pêlos, pode ser originário: a) da absorção do organismo; b) absorvido pela superfície do cabelo e incorporado à sua estrutura. A tecnologia laboratorial, atualmente, não permite a distinção da concentração de metal endógeno e exógeno em amostras de cabelo. Assim, como outros metais pesados, o chumbo e o cádmio são incorporados às proteínas do pêlo, em nível dos folículos, graças à presença abundante de grupamentos sulfidrílicos (-SH), de tal forma que é impossível removê-los.

b. Categoria Tese Posterior (Tese 2)

b.1. Tese 2: A coleta de material (chumbo e cádmio), mais eficiente, para identificar os níveis de contaminação, deve ser feita pelo cabelo, já que concentra mais unidades de chumbo, por unidades de peso, que qualquer um dos tecidos humanos.

b.2. Argumentos da Tese 2

1. A dosagem de chumbo, em cabelos humanos, tem mostrado ser um indicador útil, simples e prático, na avaliação do complexo processo de exposição, absorção e excreção do metal.

2. As concentrações de cádmio e chumbo, no cabelo, foram determinadas por espectrofotometria de absorção atômica. Cada amostra foi tratada, independentemente: cerca de 1g de cabelo foi lavado com uma solução 10 % em Extran neutro, com uma pré-lavagem manual e depois com ultra-som por vinte minutos, enxaguada duas vezes, com água desionizada em ultra-som e seca a 60° C. Porções de 0,1g pesadas com precisão de 0,1 mg, foram mineralizadas em tubo de ensaio de vidro pirex de 10 ml, com 2 ml de HNO₃ concentrado à temperatura ambiente por 12 horas e, depois, a 80° C em bloco de alumínio. Cem ml do mineralizado foram diluídos a 1500 µl, em tubos de Eppendorf e analisados para o chumbo e cádmio por espectrofotometria de absorção atômica, em aparelho Perkin Elmer 460 com forno de grafite (HGA 2200) com introdução de 10 µl em tubos de grafites pirolizados, utilizando-se correção de deutério para ruído de fundo. As condições para a determinação de cada metal foram as seguintes: *Cd* – lâmpada de cátodo oco em comprimento de onda de 228nm, secagem a 10° C por vinte segundos, carbonização a 300-350°C por dez segundos, atomização a 2000° C por dois segundos. *Pb* lâmpada de descarga em comprimento de onda de 283,3 nm, secagem a 100°C, por dez segundos, carbonização a 500 °C, por trinta segundos, atomização a 2300 °C por dez segundos, limpeza a 2600 °C por dois segundos. Soluções padrão dos metais Tritrisol, da Merck, foram utilizadas para as curvas de calibração, pareadas com a matriz. Todos os utensílios de laboratório foram descontaminados com HNO₃ concentrado. Utilizaram-se, sempre, ponteiras Eppendorf para micropipeta, isentas de cádmio. Por não se dispor de amostra de referência de cabelos, repetiu-se a cada dez amostras, a leitura de dois cabelos diferentes, um de uma pessoa não exposta, ocupacionalmente, a esses metais e outra de indivíduo altamente exposto. A reprodutibilidade foi, sempre, acima de 90%.
3. As concentrações de PbC variaram de 20 a 4933ppm, com média aritmética igual a 558 +/- 644 e mediana igual a 349 ppm, e

apresentaram média geométrica igual a 313,3 ppm (desvio padrão de 3,2).

4. Os presentes dados encontram-se entre os mais elevados, registrados em outros estudos. Em crianças residentes na periferia de fundições, em outras partes do mundo, encontram-se as seguintes médias de PbC: Estados Unidos, 118 +/- 100 ppm¹⁹; Inglaterra, 7,5 a 12,8 ppm²⁰; Alemanha, 9,53 +/- 5,36 ppm²¹ e Holanda, 6,8 ppm²².
5. Os únicos dados destes metais, em cabelos de populações brasileiras, referem-se a pescadores adultos do estado da Bahia.
6. (...) a lavagem do cabelo das crianças é feita de maneira muito precária, muitas vezes se restringindo apenas ao uso de água, pode-se conjecturar sobre a possibilidade de uma maior incorporação dos metais por origem externa que em outras populações, onde as condições sócio-econômicas são mais elevadas, e atribuir a este fator, a magnitude dos nossos resultados.

b.3. Conclusão da Tese 2: O nível de chumbo no sangue reflete, aproximadamente, a quantidade acumulada pelo organismo e chega, até, a ser tomado como indicador da “dose” de chumbo absorvida e representativa do “risco” de desenvolver efeitos tóxicos por este metal. Já os níveis de PbC e CdC dependem da taxa de crescimento do cabelo humano e refletem uma exposição ao metal num passado mais remoto.

c. Estrutura argumentativa por van Dijk (1978)

c.1. A categoria Apresentação

A categoria Apresentação agrupa as categorias Premissa-hipótese e Conclusão.

c.1.1. Premissa-hipótese: Se, a coleta de material (chumbo e cádmio) mais eficiente, para identificar os níveis de contaminação, é feita pelo cabelo, já que

concentra mais unidades de chumbo, por unidades de peso, que qualquer um dos tecidos humanos.

c.1.2. Conclusão: Então, os níveis de PbC (chumbo) e CdC (cádmio) dependem da taxa de crescimento do cabelo humano, pois, refletem uma exposição ao metal num passado mais remoto.

c. 2. A categoria Justificativa:

A categoria Justificativa, agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

c.2.1. Marco das Cognições Sociais:

1. A dosagem de chumbo, em cabelos humanos, tem mostrado ser um indicador útil, simples e prático, na avaliação do complexo processo de exposição, absorção e excreção do metal.
2. As concentrações de cádmio e chumbo, no cabelo, foram determinadas por espectrofotometria de absorção anatômica. Cada amostra foi tratada, independentemente: cerca de 1g de cabelo foi lavado com uma solução 10 % em Extran neutro, com uma pré-lavagem manual e depois com ultra-som por vinte minutos, enxaguada duas vezes, com água desionizada em ultra-som e seca a 60° C. Porções de 0,1g pesadas com precisão de 0,1 mg, foram mineralizadas em tubo de ensaio de vidro pirex de 10 ml, com 2 ml de HNO₃ concentrado à temperatura ambiente por 12 horas e, depois, a 80° C em bloco de alumínio. Cem ml do mineralizado foram diluídos a 1500 µl, em tubos de Eppendorf e analisados para o chumbo e cádmio por espectrofotometria de absorção anatômica, em aparelho Perkin Elmer 460 com forno de grafite (HGA 2200) com introdução de 10 µl em tubos de grafites pirolizados, utilizando-se correção de deutério para ruído de fundo. As condições para a determinação de cada metal foram as seguintes: Cd – lâmpada de cátodo oco em comprimento de onda de 228nm, secagem a 10° C por vinte segundos, carbonização a 300-350°C por dez segundos,

atomização a 2000° C por dois segundos. *Pb* lâmpada de descarga em comprimento de onda de 283,3 nm, secagem a 100°C, por dez segundos, carbonização a 500 °C, por trinta segundos, atomização a 2300 °C por dez segundos, limpeza a 2600 °C por dois segundos. Soluções padrão dos metais Tritisol, da Merck, foram utilizadas para as curvas de calibração, pareadas com a matriz. Todos os utensílios de laboratório foram descontaminados com HNO₃ concentrado. Utilizaram-se, sempre, ponteiras Eppendorf para micropipeta, isentas de cádmio. Por não se dispor de amostra de referência de cabelos, repetiu-se a cada dez amostras, a leitura de dois cabelos diferentes, um de uma pessoa não exposta, ocupacionalmente, a esses metais e outra de indivíduo altamente exposto. A reprodutibilidade foi, sempre, acima de 90%.

3. As concentrações de PbC variaram de 20 a 4933ppm, com média aritmética igual a 558 +/- 644 e mediana igual a 349 ppm, e apresentaram média geométrica igual a 313,3 ppm (desvio padrão de 3,2).
4. Os presentes dados encontram-se entre os mais elevados, registrados em outros estudos. Em crianças residentes na periferia de fundições, em outras partes do mundo, encontram-se as seguintes médias de PbC: Estados Unidos, 118 +/- 100 ppm¹⁹; Inglaterra, 7,5 a 12,8 ppm²⁰; Alemanha, 9,53 +/- 5,36 ppm²¹ e Holanda, 6,8 ppm²².
5. Os únicos dados destes metais, em cabelos de populações brasileiras, referem-se a pescadores adultos do estado da Bahia.
6. (...) a lavagem do cabelo das crianças é feita de maneira muito precária, muitas vezes se restringindo apenas ao uso de água, pode-se conjecturar sobre a possibilidade de uma maior incorporação dos metais por origem externa que em outras populações, onde as condições sócio-econômicas são mais elevadas, e atribuir a este fator, a magnitude dos nossos resultados.

c.2.2.Circunstância:

O método mais eficiente indicado, para revelar os índices de contaminação, na coleta de material tóxico (como, por exemplo: chumbo e cádmio), é por amostras de cabelo, pois acumulam mais resíduos e revelam uma exposição ao metal, num passado mais remoto.

As discussões serão apresentadas no capítulo posterior, pois ambos os textos, dissertativo acadêmico-científico e de divulgação científica, participam de esferas de circulação discursiva, determinadas pelo paradigma científico em vigor.

CAPÍTULO III: A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA OPINIÃO, EM TEXTOS DISSERTATIVOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Este capítulo apresenta os resultados obtidos das análises de textos dissertativos de divulgação científica de uma e duas teses, de acordo com o esquema textual de cada um.

3.1. O texto dissertativo de divulgação científica

Os textos científicos são organizados na relação interacional “cientista / comunidade científica”. Em outros termos, o cientista trata de informar a comunidade científica sobre um conhecimento novo, construído por ele. Dessa forma, o autor tem por pressuposto, que seus leitores têm um conjunto de “saberes compartilhados”, pois, eles, também, são especialistas na área. No caso do dissertativo de uma tese, apresentado no capítulo que trata dos textos dissertativos acadêmico-científicos, a relação interacional é caracterizada por se atribuir ao interlocutor, um desconhecimento, da questão tratada na pesquisa, embora, os interlocutores sejam especialistas, ou seja, cientistas.

Os textos de divulgação científica são caracterizados pela relação interacional divulgador de um “saber novo”/leitores que desconhecem a área tratada e que, portanto, não são especialistas.

De forma geral, segundo Silveira (2000), os textos de divulgação científica são publicados em revistas (como por exemplo: a *Superinteressante*), ou jornais, em um caderno especial. Trata-se de propiciar aos leitores, o “saber novo”, construído pelo cientista, a fim de situá-los no que é “novo”.

Segundo a autora, muitas vezes, os manuais utilizados na escola, são redigidos por autores, que tratam do saber científico para divulgá-lo para os alunos, que não tem acesso à leitura de textos acadêmico-científicos.

3.1.1. Resultados obtidos das análises de textos dissertativos de divulgação científica de uma tese.

3.1.1.1. Análise do texto 03

O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe, sempre, a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. É-nos possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à idéia geral de jogo. Os animais brincam tal como os homens. Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante a um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente muito prazer e divertimento. Essas brincadeiras dos cachorrinhos constituem apenas uma das formas mais simples de jogo entre animais. Existem outras formas muito mais complexas, verdadeiras competições, belas representações destinadas a um público.

(HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elenco da cultura. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1971. p. 3. In FIORIN, 2003:87)

a.1. A categoria Apresentação expositiva (Tese 1)

A civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à atividade lúdica.

a.2. Explicação-Causalidade:

Porque os animais não esperaram que os homens o iniciassem na atividade lúdica.

a.3. Justificativa-Exposição

- A civilização humana ... à ideia geral de jogo- os animais brincam tal como os homens.
- Bastará que observemos os cachorrinhos.... do jogo humano.
- Convidam-se uns aos outros para brincar ... atitudes e gestos.
- Respeitam a regra que proíbem...
- Fingem ficar zangados ...
- Experimentam muito prazer e divertimento...
- Essa brincadeiras dos cachorrinhos ... jogo entre animais
- Outras formas mais complexas, verdadeira competições, belas representações destinadas a um público.

a.4. A categoria Conclusão (opinião do autor)

O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta mesmo em suas definições menos rigorosas pressupõe sempre a sociedade humana.

b. A estrutura argumentativa (van Dijk 1978)

A opinião implica uma avaliação de algo. O texto dissertativo organiza a opinião pela estrutura argumentativa. Emitir uma opinião no texto dissertativo implica também trazer explícita uma justificativa.

b.1. A categoria Apresentação

A categoria Apresentação reúne a premissa-hipótese para a produção de uma conclusão vista como forma de conhecimento opinativo.

b.1.1. Premissa hipótese (se X): A civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à ideia geral de jogo.

b.1.2. Conclusão (logo Y): o jogo é o fato mais antigo que a cultura.

b.2. A categoria Justificativa

A categoria Justificativa hierarquiza as categorias Marco das Cognições Sociais e a Circunstância.

b.2.1. Marco das Cognições Sociais (implica a exposição)

- Os animais brincam, tal como os homens.
- Bastará que observemos os cachorrinhos.... presentes todos os elementos essenciais do jogo humano.
- Convidam-se uns aos outros para brincar mediante a um certo ritual de atitudes e gestos.
- Respeitam a regra que proíbem
- Fingem estar zangados....

b.2.2. Circunstância:

Existem outras formas muito mais complexas, verdadeira competições, belas representações destinadas a um público.

3.1.1.2. Análise do texto 04

A onda da clorofila

Vários produtos estão chegando ao mercado com um ingrediente esquisito: a clorofila. A molécula das plantas que permite a fotossíntese é

utilizada como corante , para tingir de verde o creme dental, por exemplo. Sabe-se que ela é quase igual à hemoglobina do sangue dos animais. Por isso, naturalistas tomam “suco de clorofila” (às vezes feitos de capim!) para “renovar o sangue” e dar energia. A verdade é que o corpo humano não absorve a molécula de clorofila em si. Ou seja, o sangue não fica renovado. Isso não quer dizer que os produtos de clorofila não façam bem. Independente da presença da substância, a ingestão de qualquer coisa feita com verduras é benéfica. “O suco leva uma quantidade enorme de folhas”, afirma a nutricionista paulista Cyntia Antonaccio. “O resultado é uma grande concentração de nutrientes, que equivalem a vários pratos de salada.” Só não vá achar que escovando os dentes com clorofila você estará aprendendo a fazer fotossíntese...

(Superinteressante, out. 2001. In: MOYSÉS, 2008:33)

a.1. A categoria Apresentação expositiva (Tese 1)

Vários produtos estão chegando ao mercado com um ingrediente esquisito: a clorofila.

a.2. Explicação-Causalidade:

A molécula das plantas que permite a fotossíntese é utilizada como corante , para tingir de verde o creme dental, por exemplo. Sabe-se que ela é quase igual à hemoglobina do sangue dos animais.

a.3. Justificativa-Exposição

Por isso, naturalistas tomam “suco de clorofila” (às vezes feitos de capim!) para “renovar o sangue” e dar energia.

A verdade é que o corpo humano não absorve a molécula de clorofila em si. Ou seja, o sangue não fica renovado. Isso não quer dizer que os produtos de clorofila não façam bem.

Independente da presença da substância, a ingestão de qualquer coisa feita com verduras é benéfica.

“O suco leva uma quantidade enorme de folhas”, afirma a nutricionista paulista Cyntia Antonaccio. “O resultado é uma grande concentração de nutrientes, que equivalem a vários pratos de salada.”

a.4. A categoria Conclusão (opinião do autor)

Só não vá achar que escovando os dentes com clorofila você estará aprendendo a fazer fotossíntese...

b. A estrutura argumentativa (van Dijk 1978)

A opinião implica uma avaliação de algo. O texto dissertativo organiza a opinião pela estrutura argumentativa. Emitir uma opinião no texto dissertativo implica, também, trazer explícita uma justificativa.

b.1. A categoria Apresentação

A categoria Apresentação reúne a premissa-hipótese para a produção de uma conclusão vista como forma de conhecimento opinativo.

b.1.1. Premissa hipótese (Se X): Vários produtos estão chegando ao mercado com um ingrediente esquisito: a clorofila. A molécula das plantas que permite a fotossíntese é utilizada como corante , para tingir de verde o creme dental, por exemplo

b.1.2. Conclusão (logo Y): Logo não pense que ao escovar os dentes com clorofila, você aprenderá a fazer fotossíntese. Este texto foi publicado numa revista de divulgação científica (*Superinteressante*) que é de leitura lúdica e ao mesmo tempo informativo, por essa razão o autor tem autoridade de construir sua opinião de forma irônica, objetivando o riso de seus leitores.

b.2. A categoria Justificativa

A categoria Justificativa hierarquiza as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

b.2.1. Marco das Cognições Sociais (implica a exposição)

Por isso, naturalistas tomam “suco de clorofila” (às vezes feitos de capim!) para “renovar o sangue” e dar energia.

Independente da presença da substância, a ingestão de qualquer coisa feita com verduras é benéfica.

O suco leva uma quantidade enorme de folhas”, afirma a nutricionista paulista Cyntia Antonaccio. “O resultado é uma grande concentração de nutrientes, que equivalem a vários pratos de salada.”

b.2.2. Circunstância:

A verdade é que o corpo humano não absorve a molécula de clorofila em si. Ou seja, o sangue não fica renovado. Isso não quer dizer que os produtos de clorofila não façam bem.

3.1.2. Resultados obtidos das análises de textos dissertativos de divulgação científica de duas teses.

3.1.2.1. Análise do texto 05

O sofisma da especialização

Alguém disse que o especialista é uma pessoa que sabe cada vez mais sobre cada vez menos. A frase é engraçadinha, porém errada. Cadê o especialista que só sabe de um assunto? Certamente, não está nos empregos mais cobiçados.

Pensem no caso dos cientistas. Noventa e nove vírgula nove por cento dos mortais não entendem suas publicações, sobretudo nas ciências naturais. Mas um cientista fez um primário e secundário genérico, uma faculdade pouco especializada e os cursos de doutorado são bastante amplos e, quase sempre, multidisciplinares. Portanto, em seus vinte anos

de estudo, relativamente pouco tempo foi concentrado em áreas especializadas. E mesmo estudando em áreas especializadas, muito do proveito foi a capacidade de manipular ideias. No fundo, o bom cientista é um grande generalista que, além disso, domina uma área específica. Os russos tinham um curso para engenheiros especializados em tintas com pigmento orgânico e outro para inorgânico. Mas se são bons engenheiros é porque passaram muitos anos adquirindo uma competência mais ampla para analisar problemas e pensar claro.

É a maior capacidade de pensar de forma abrangente que faz de alguém um grande cientista e não um simples operador de laboratório. Robert Merton demonstrou que a diferença entre um prêmio Nobel e outros cientistas é a sua capacidade de escolher melhor o problema certo na hora certa. Portanto, não é o conhecimento especializado - por certo necessário na pesquisa e em muitas outras áreas - que conta, mas a combinação deste com uma série de competências generalizadas. Ou seja, todo especialista de primeira linha é também um generalista.

Dentre as ocupações mais valorizadas e mais bem remuneradas, há duas categorias. A primeira é a dos cientistas, engenheiros e muitos outros profissionais cuja preparação requer o domínio de técnicas complexas e especializadas - além das competências "genéricas". Ninguém vira engenheiro eletrônico sem longos anos de estudo. Mas pelo menos a metade das ocupações que requerem diploma superior exige conhecimentos específicos limitados. Essas ocupações envolvem administrar, negociar, coordenar, comunicar-se e por aí a fora. Podem-se aprendê-las por experiência ou em cursos curtos. Mas somente quem dominou as competências genéricas trazidas por uma boa educação tem a cabeça arrumada de forma a aprendê-las rapidamente. Por isso, nessas ocupações há gente com todos os tipos de diploma. Nelas estão os graduados em economia, direito e dezenas de outras áreas. É tolo pensar que estão fora do lugar ou mal aproveitados, ou que se frustrou sua profissionalização, pois não a exercem. É interessante notar que as grandes multinacionais contratam "especialistas" para posições subalternas e, para boa parte das posições mais elevadas, pessoas com a melhor educação disponível, qualquer que seja o diploma.

A profissionalização mais duradoura e valiosa tende a vir do lado mais genérico do que do especializado. Entender bem o que leu, escrever claro e comunicar-se, inclusive em outras línguas, são conhecimentos profissionais mais valiosos. Trabalhar em grupo e usar números para resolver problemas, pela mesma forma, é profissionalização. E quem suou a camisa escrevendo ensaios sobre o existencialismo, decifrando Camões ou Shakespeare, pode estar mais bem preparado para uma empresa moderna do que quem aprendeu meia dúzia de técnicas, mas não sabe escrever.

A lição é muito clara: o profissional de primeira linha pode ou não ser um especialista, dependendo da área. Pode ou não ter a necessidade de conhecer as últimas teorias da moda. Mas não pode prescindir dessa “profissionalização genérica”, sem a qual será um idiota, cuspiendo regras, princípios e números que não refletem um julgamento maduro do problema. Portanto, lembremo-nos: especialista não é só quem sabe de um assunto, e ser profissional não é apenas conhecer técnicas específicas. O profissionalismo mais universal é saber pensar, interpretar a regra e conviver com a exceção.

(CASTRO, Claudio de Moura. Veja, São Paulo, 4 de abril de 2001. In MOYSÉS, 2008:41-42)

a. Categoria Tese Anterior (Tese 1)

a.1. Tese 1: O especialista (cientista) que sabe cada vez mais sobre cada vez menos.

a.2. Opinião a respeito da Tese 1: A frase é engraçadinha porém errada.

a.3. Contra-argumentos:

- 1 Cadê o especialista que só sabe de um assunto? Certamente, não está nos empregos mais cobiçados.
- 2 Pensemos no caso dos cientistas. Noventa e nove vírgula nove por cento dos mortais não entendem suas publicações, sobretudo nas ciências naturais. Mas um cientista fez um primário e secundário genérico, uma faculdade pouco especializada e os cursos de

doutorado são bastante amplos e, quase sempre, multidisciplinares. Portanto, em seus vinte anos de estudo, relativamente pouco tempo foi concentrado em áreas especializadas. E mesmo estudando em áreas especializadas, muito do proveito foi a capacidade de manipular ideias. No fundo, o bom cientista é um grande generalista que, além disso, domina uma área específica. Os russos tinham um curso para engenheiros especializados em tintas com pigmento orgânico e outro para inorgânico. Mas se são bons engenheiros é porque passaram muitos anos adquirindo uma competência mais ampla para analisar problemas e pensar claro.

b. Categoria Tese Posterior (Tese 2)

b.1. Tese 2: Todo especialista de primeira linha é também um generalista.

b.2. Argumentos da Tese 2

1. É a maior capacidade de pensar de forma abrangente que faz de alguém um grande cientista e não um simples operador de laboratório. Robert Merton demonstrou que a diferença entre um prêmio Nobel e outros cientistas é a sua capacidade de escolher melhor o problema certo na hora certa. Portanto, não é o conhecimento especializado - por certo necessário na pesquisa e em muitas outras áreas - que conta, mas a combinação deste com uma série de competências generalizadas. Ou seja, todo especialista de primeira linha é também um generalista.
1. Dentre as ocupações mais valorizadas e mais bem remuneradas, há duas categorias. A primeira é a dos cientistas, engenheiros e muitos outros profissionais cuja preparação requer o domínio de técnicas complexas e especializadas - além das competências "genéricas". Ninguém vira engenheiro eletrônico sem longos anos de estudo. Mas pelo menos a metade das ocupações que requerem diploma superior exige conhecimentos específicos limitados. Essas ocupações envolvem

administrar, negociar, coordenar, comunicar-se e por aí a fora. Podem-se aprendê-las por experiência ou em cursos curtos. Mas somente quem dominou as competências genéricas trazidas por uma boa educação tem a cabeça arrumada de forma a aprendê-las rapidamente. Por isso, nessas ocupações há gente com todos os tipos de diploma. Nelas estão os graduados em economia, direito e dezenas de outras áreas. É tolo pensar que estão fora do lugar ou mal aproveitados, ou que se frustrou sua profissionalização, pois não a exercem. É interessante notar que as grandes multinacionais contratam “especialistas” para posições subalternas e, para boa parte das posições mais elevadas, pessoas com a melhor educação disponível, qualquer que seja o diploma.

b.3. Conclusão da Tese 2: especialista não é só quem sabe de um assunto, e ser profissional não é apenas conhecer técnicas específicas.

c. Estrutura argumentativa por van Dijk (1978)

c.1. A categoria Apresentação

A categoria Apresentação agrupa as categorias Premissa-hipótese e Conclusão.

c.1.1. Premissa-hipótese: Se é a capacidade de pensar de forma abrangente é que faz de alguém um grande cientista e não um reles operador de laboratório.

c.1.2. Conclusão: não é aquele que sabe de um só assunto, o profissionalismo mais universal é saber pensar, interpretar a regra e conviver com a exceção.

c. 2. A categoria Justificativa:

A categoria Justificativa, agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

c.2.1. Marco das Cognições Sociais:

O mundo acadêmico e o mundo da ciência são constituídos por especialistas.

c.2.2.Circunstância:

É a maior capacidade de pensar de forma abrangente que faz de alguém um grande cientista e não um reles operador de laboratório (Premissa)

3.1.2.2. Análise do texto 06

Transporte Ferroviário

“O transporte ferroviário representa o meio mais eficaz e econômico para a movimentação da carga pesada.

No Brasil, o desenvolvimento do transporte ferroviário está intimamente ligado ao desenvolvimento da economia cafeeira. Foi ela que gerou as condições necessárias para a construção das primeiras ferrovias, em meados do século XIX.

Em 1854 foi inaugurada a nossa primeira ferrovia, com 14,5 km de extensão e 1m de bitola, construída pela Imperial Companhia de Estradas de Ferro, por Irineu Evangelista de Sousa, ligada ao porto de Mauá, na Baía de Guanabara, à Serra da Estrela, no caminho de Petrópolis.

Logo após, outras ferrovias surgiram rapidamente: em São Paulo, as Estradas do Café, financiada por capitais ingleses; no Nordeste as Estradas de Ferro da Zona da Mata e Recôncavo Baiano. Essas ferrovias foram construídas para atender às economias agrícolas de exportação.

De 1870 a 1920 vivemos a ‘era das ferrovias’, que chegou a estabelecer mais de 30 000 km de extensão de linhas férreas. Na evolução do processo de construção das ferrovias destacamos:

- 1855 – Estrada de Ferro Dom Pedro II
- 1868 – Estrada de Ferro Santos – Jundiaí

- 1868 – Companhia Paulista de Estradas de Ferro
- 1872 – Companhia de Estradas de Ferro de São Paulo – Rio de Janeiro
- 1872 – Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

O ritmo de crescimento da instalação das ferrovias de 1854 a 1920 é extraordinariamente rápido, pois em *menos de 70 anos* passamos de 14 km de extensão ferroviária para 28 556 km. Esse ritmo começa a diminuir *a partir da década de 1920*, embora a extensão das linhas férreas atinja sua quilometragem máxima em 1960, com 38 339 km. No entanto, *a partir daí*, com a eliminação dos ramais deficitários, atingem-se 30 300 km de extensão em 1970, mostrando a tendência à diminuição devida à política para de transportes do Brasil, voltada para o transporte rodoviário.

Hoje, o Brasil é um país pobre em ferrovias. (Logo o Brasil é pobre no transporte de carga pesada).

(COELHO, Marcos de Amorim e SONCIN, Nilce Bueno, Geografia do Brasil. In: PACHECO, 1988:31-22)

a. A categoria Tese Anterior (Tese 1)

a.1. Tese 1: O transporte rodoviário é o mais eficaz.

a.2. Opinião à respeito da Tese 1: O transporte rodoviário é ineficaz para o transporte de carga pesada e mais caro.

a.3. Contra-argumentos implícitos:

1. As políticas voltadas ao transporte rodoviário não atendem ao transporte de carga pesada, pois são menos eficazes e mais caro.

b. A categoria Tese Posterior (Tese 2)

b.1. Tese 2: O transporte ferroviário representa o meio mais eficaz e econômico para a movimentação da carga pesada.

b.2. Argumentos explícitos:

1. Em 1854 foi inaugurada a nossa primeira ferrovia, com 14,5 km de extensão e 1m de bitola, construída pela Imperial Companhia de Estradas de Ferro, por Irineu Evangelista de Sousa, ligada ao porto de Mauá, na Baía de Guanabara, à Serra da Estrela, no caminho de Petrópolis.
2. Logo após, outras ferrovias surgiram rapidamente: em São Paulo, as Estradas do Café, financiada por capitais ingleses; no Nordeste as Estradas de Ferro da Zona da Mata e Recôncavo Baiano. Essas ferrovias foram construídas para atender às economias agrícolas de exportação.
3. De 1870 a 1920 vivemos a 'era das ferrovias', que chegou a estabelecer mais de 30 000 km de extensão de linhas férreas. Na evolução do processo de construção das ferrovias destacamos:
 - 1855 – Estrada de Ferro Dom Pedro II
 - 1868 – Estrada de Ferro Santos – Jundiaí
 - 1868 – Companhia Paulista de Estradas de Ferro
 - 1872 – Companhia de Estradas de Ferro de São Paulo – Rio de Janeiro
 - 1872 – Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.
4. O ritmo de crescimento da instalação das ferrovias de 1854 a 1920 é extraordinariamente rápido, pois em *menos de 70 anos* passamos de 14 km de extensão ferroviária para 28 556 km. Esse ritmo começa a diminuir *a partir da década de 1920*, embora a extensão das linhas férreas atinja sua quilometragem máxima em 1960, com 38 339 km. No entanto, *a partir daí*, com a eliminação dos ramais deficitários, atingem-se 30 300 km de extensão em 1970, mostrando a tendência à diminuição devida à política para de transportes do Brasil, voltada para o transporte rodoviário.

b.3. Conclusão da Tese 2:

Opinião da Tese 2: O transporte ferroviário é mais barato e mais eficaz para o transporte da carga pesada.

c. Estrutura argumentativa por van Dijk (1978)

c.1. A categoria Apresentação

A categoria Apresentação agrupa as categorias Premissa-hipótese e Conclusão.

c.1.1. Premissa-hipótese: Hoje o Brasil é um país pobre em ferrovias

c.1.2. Conclusão: logo o transporte rodoviário de carga pesada é caro e ineficaz.

c. 2. A categoria Justificativa:

A categoria Justificativa, agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

c.2.1. Marco das Cognições Sociais dos especialistas em transportes brasileiro:

A política de abertura de ferrovias desde o transporte do café até 1960, após a política do transporte rodoviário e a desativação das ferrovias já construídas.

c.2.2. Circunstância:

Hoje o Brasil tem poucas ferrovias.

3.2. Discussões

Os resultados obtidos das análises indicam que os textos dissertativos acadêmico-científicos e de divulgação científica, são textos opinativos. A opinião do autor é relativa a uma tese selecionada no marco das cognições sociais. Tal tese dependendo das condições de produção discursiva pode ser vista de formas diferentes:

- O produtor dando adesão à Tese selecionada, de forma a expô-la e explicá-la para os seus leitores, a partir daí emite a sua opinião que pode ser modificada por modalidades diferentes, ou seja, atribuindo valor positivo ou negativo, afirmando, supondo, ironizando, etc.
- O produtor opõe-se à tese selecionada do Marco das Cognições Sociais e apresenta uma nova tese. Dessa forma, opina negativamente a respeito da Tese1 e, positivamente a respeito de sua própria tese (Tese 2).

Os resultados obtidos das análises indicam que o dissertativo acadêmico tanto de uma tese quanto o de duas teses situa o paradigma vigente dos especialistas como Marco de Cognições Sociais.

Nesse sentido, a construção textual da opinião é realizada intra-grupalmente, mesmo que haja adesão, complementaridade ou oposição ao “dado” selecionado.

Em síntese, este capítulo objetiva apresentar as modificações presentes no texto dissertativo acadêmico, dependendo da maneira como o auditório é representado pelo produtor de texto, classificando-se como dissertativo de uma Tese e dissertativo de duas Teses.

CAPÍTULO IV: A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA OPINIÃO, NO TEXTO JORNALÍSTICO DE NOTÍCIA

Este capítulo foi organizado com o propósito de apresentar, o esquema textual do tipo de texto notícia, com vistas a demonstrar o seu processo de construção opinativa.

4.1. O discurso da notícia

Guimarães (1999), fundamentada em van Dijk (1997), apresenta as seguintes considerações, a respeito do contexto do discurso jornalístico. Na perspectiva cognitiva, os contextos são construções mentais que têm por base a sociedade e são construídos na memória, como modelos situacionais. Nesse sentido, podem monitorar diretamente a produção e a compreensão de fala, escrita e o texto jornalístico, de forma a explicar o modo como as estruturas sociais podem influenciar as estruturas de discurso, por meio da mente dos membros sociais.

O discurso jornalístico, como os demais discursos da mídia, são tratados por van Dijk (1997), como discursos institucionalizados, cujo objetivo é dominar a mente das pessoas. O discurso jornalístico é definido como aquele que objetiva construir a opinião para o público e, para tanto, utiliza-se de numerosas estratégias. A notícia é o texto mais típico do discurso jornalístico e é construído por duas categorias semânticas, a saber: Inusitado e Atual. A categoria Inusitado guia a seleção do que ocorre no mundo e que não participa do cotidiano da vida das pessoas. No *Manual de redação da Folha* lê-se que “se um cachorro morder um homem, isso não é objeto de notícia; mas, se um homem morder um cachorro, esse inusitado é objeto de notícia”.

A categoria Atual guia a seleção de eventos, a partir do que ocorre no dia ou em passado muito próximo à publicação da notícia. Situado no tempo, o evento noticioso é construído, diariamente, até que ele seja conclusivo. Atuar,

diariamente, com a ideologia da empresa-jornal propicia o aparecimento de um espaço argumentativo, pois, os leitores:

1. São obrigados a acreditar no que lêem, por não estarem presentes observando o evento;
2. Os leitores recebendo, diariamente, a construção ideológica da notícia passam a aceitá-la como verdade, devido a essa estratégia argumentativa.

Segundo van Dijk (1997), os discursos institucionalizados são organizados pelas categorias: Poder, Controle e Acesso.

Segundo Guimarães (1999), no discurso jornalístico, a categoria Poder agrupa como participantes os donos da empresa-jornal que têm a função de tomar decisões, a fim de atender seus próprios interesses. Para tanto, a categoria Controle reúne um conjunto de participantes que têm a função de executar as decisões do Poder, sendo: o pauteiro, os repórteres e o redator-chefe. A categoria Acesso agrupa participantes responsáveis pela organização, publicação e pela distribuição do veículo jornal.

Logo, segundo van Dijk (1997), no discurso jornalístico, o exercício do poder limita as opções para ação e, assim, a liberdade dos jornalistas e do público-leitor, por uma forma básica de ligação poder-discurso, com três elementos: Discurso, Ação e Cognição (intenção, propósito, motivação etc.).

Para van Dijk (1997), o controle da mente e os atos que derivam desse controle podem estar baseados em formas sutis e indiretas, em relação ao verbal. Ao invés de deixar os outros saberem o que queremos, por meio de comandos, pedidos, sugestões ou conselhos, podemos modelar suas mentes, de tal forma que eles agirão fora de seu livre arbítrio, acreditando que são deliberadores. Alcança-se, assim, um consenso entre os participantes. O termo hegemonia é, frequentemente, usado para se referir ao poder social: o poder hegemônico faz as pessoas agirem como se lhes fosse natural, normal ou, simplesmente, consensual.

O Acesso é trabalhado de muitas maneiras sutis, além da posse e do controle direto do conteúdo do discurso. No discurso jornalístico, ele é rotineiramente organizado e institucionalizado. Assim, a informação, aparentemente objetiva, pode ser divulgada de formas diferentes, para parecer confiável.

Na área da Teoria da Enunciação, Kerbrat-Orecchioni (1980) discute a oposição proposta textos objetivos/textos subjetivos. Para a autora, todos os textos são enunciados de forma subjetiva. A diferença entre eles está em uma escala de gradação, que vai do mais subjetivo, ao menos subjetivo. A afirmação de que não dizer uma coisa não significa ocultá-la, relaciona-se a um sistema pautado por implícito-explicitos. Dessa forma, um texto enunciado contém, tanto a informação, quanto o silêncio, da mesma forma que ambos podem estar maximizados ou minimizados.

4.2. A definição de notícia

Charraudeau (2006:42) afirma, que:

“Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada”.

O autor acrescenta que “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular”, pois, o próprio ato de escolher qualquer acontecimento para ser transformado em notícia, pode ser visto como uma filtragem da realidade.

No que se refere à notícia, o repórter, obedecendo o pauteiro, sai em busca do “furo” de reportagem, que é documentado por gravações, anotações, fotografias e filmagens. Ao chegar na empresa-jornal, as informações trazidas são filtradas havendo minimização de elementos ou apagamentos e maximização de outros, ou inserções. Dessa forma, constrói-se o evento noticioso, por meio de um conjunto de avaliações opinativas.

Por essa razão, Abramo (1988) afirma que a característica principal da imprensa é a manipulação das informações e, como efeito, os órgãos de imprensa não refletem a realidade. A relação existente, entre o material que a imprensa apresenta para o público é indireta, pois, distorce a realidade.

Ainda, segundo Abramo (1988:23-24):

Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade, apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real. É uma realidade artificial, não-real, irreal, criada e desenvolvida pela imprensa e apresentada, no lugar da realidade real. A relação entre imprensa e realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas, não só não é o objeto, como também não é a sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real.

Frente ao exposto, pode-se dizer que a manipulação do que ocorre no mundo é guiada pela ideologia dos discursos institucionalizados.

Fiorin (2007:32) caracteriza a ideologia, como:

“a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão do mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão do mundo. [...] Há, numa formação social, tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas. Não devemos esquecer-nos de que assim como a ideologia dominante é a da classe dominante, o discurso dominante é o da classe dominante.”

Portanto, no momento em que se textualiza, dentro do contexto jornalístico, um determinado evento, constrói-se uma opinião, a partir de circunstâncias que se apresentam como provas para a elucidação do referente. A partir daí, as cognições sociais adotam uma representação do referente relatado e

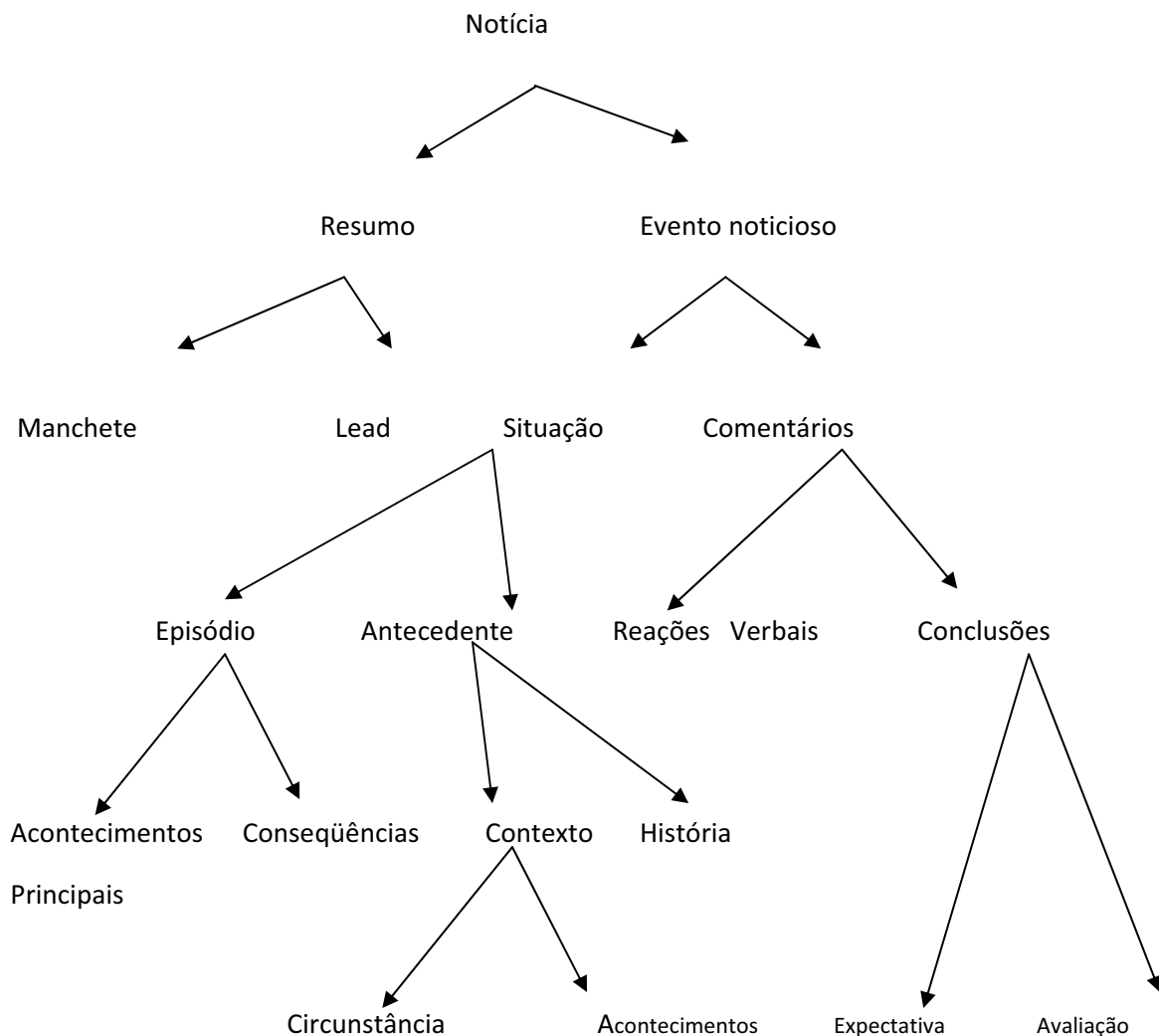
automaticamente uma opinião pública (doxa), orientado pela elucidação dos fatos que pertencem ao texto jornalístico. Esta elucidação atende aos interesses da imprensa e são aceitos pelo auditório, por ser um discurso institucionalizado, ou seja, autorizado a demonstrar as representações ilusórias criadas para a realidade.

Em ressonância com as postulações acima expostas, principalmente no que respeita às propriedades discursivas que referem à língua e à exterioridade, no processo de construção de sentidos, constata-se que a empresa-jornal direciona o que será veiculado para o auditório, desde a escolha lexical, a imersão em um contexto de produção, até a publicação da notícia alinhando-a, sempre, na convergência dos seus interesses.

4.3. O esquema textual da notícia

A organização textual da notícia, como tipo de texto característico do discurso jornalístico, é tratada por van Dijk (1990), no âmbito da compreensão, estrutura e produção da informação.

Uma superestrutura é definida, por van Dijk, como um esquema vazio de informação formado por categorias e regras de ordenação. Cada categoria é um princípio de classificação para agrupar a produção de sentidos secundários e globais construídos na memória de trabalho, com vistas a facilitar, àqueles que têm conhecimento de tal estrutura, à compreensão discursiva.



Como se pode verificar, este esquema textual da notícia situa, de certa forma, a construção textual da opinião situando-a no resumo, pela manchete e pelo *lead*, na medida em que ambas as categorias têm por função construir o sentido mais geral para o leitor, de forma a guiá-lo na leitura do texto-expandido. A opinião também é situada no fato noticioso, pois, as categorias Acontecimentos Principais e Conseqüências são construídas pela seleção de certas ações e o cancelamento de outras e as conseqüências são construídas com avaliações negativas ou positivas. Os Comentários que estão ordenados com a categoria Situação do texto-expandido do evento noticioso agrupam um

outro conjunto de avaliações explicitadas por Reações Verbais que propiciarão as conclusões a partir de uma retomada a acontecimentos prévios e a expectativa do que ocorrerá, sendo ambas as categorias representadas como informações avaliativas.

Para se visualizar o esquema textual da notícia proposto por van Dijk (1990), é necessário identificar que há uma hierarquia, que organiza este esquema por categorias, e as categorias mais altas são o Resumo e o Evento Noticioso sempre ordenadas nesta sequência.

No modelo de van Dijk, a categoria Resumo compreende a manchete e o *lead*, no Brasil, também compreende a linha fina e o olho. Nesta categoria, as palavras e frases agrupadas no texto-produto exprimem os sentidos mais globais que a empresa-jornal deseja que o leitor construa para si. Dessa maneira, a categoria Resumo agrupa, estrategicamente, informações novas que objetivam a construção da opinião pública. A categoria Manchete visa buscar uma interação sócio-comunicativa com o auditório de leitores de um jornal. Esta estratégia é retórica, pois, busca chamar a atenção do leitor, com o intuito de despertar seu desejo de ler a notícia.

Como foi dito, a linha fina e o olho são características dos jornais brasileiros e seu objetivo se cumpre quando situa a notícia, enquanto fato noticioso. A função do *lead* é a de construir para o leitor o resumo do texto expandido no primeiro parágrafo, agrupando, tanto o fato noticioso, quanto o comentário, que é a opinião jornalística que está sendo construída para o leitor.

A categoria Evento Noticioso está ordenada com a categoria Resumo e trata do texto expandido na notícia. Esta categoria agrupa outras duas categorias: o Fato Noticioso, e os Comentários, ou seja, a construção textual da opinião jornalística para o público leitor.

Na medida em que a publicação do jornal é diária, o Fato Noticioso é organizado na linha do tempo. Dessa maneira, agrupa o Episódio, que é relativo ao acontecimento que se torna notícia e que está ordenado com os Antecedentes que agrupam o que já foi veiculado no jornal, construindo uma progressão narrativa do que ocorre no mundo, fabricado como notícia.

Os Comentários são formados, a partir da categoria Reações verbais, que visam estabelecer intertextos e interdiscursos para o tempo atual da notícia veiculada e para o tempo anterior. Para a categoria Reações Verbais é perceptível que contribuem para a construção de uma polifonia no texto expandido, sendo monofonizada pelas conclusões de forma a contribuir para a construção da opinião jornalística, a partir de um conjunto de avaliações positivas / negativas para o fato atual e as perspectivas ou expectativas do que ocorrerão no amanhã, como progressão narrativa do acontecimento construído, enquanto notícia.

4.4. Resultados das análises de notícias

4.4.1. Análise do texto 07

A notícia selecionada foi publicada no jornal Folha de S. Paulo, no dia 5 de junho de 2008, intitulada pela manchete “Exército cerca emissora de TV para prender sargento gay”. Vide anexo 03 (texto completo).

4.4.1.1. A categoria Resumo:

a) Manchete: “*Exército cerca emissora de TV para prender sargento gay*”

O inusitado é construído pela prisão de um oficial do exército sendo feita pelo próprio exército, quando a sua função não é essa, pois, o exército é que tem por atribuição garantir o cumprimento da *Constituição*, e nela há um artigo sobre os direitos humanos. A categoria Atual guia a seleção do indicativo presente para a flexão do verbo cercar.

b) Linha Fina

Laci Araújo e o companheiro davam uma entrevista ao programa “Super Pop”, da Rede TV!

A linha fina é construída com uma exclamação, no final, que incorpora nos segmentos linguísticos a atitude de estupefação de quem redige a notícia. A

seleção da palavra “companheiro” é estratégica, pois, não está explícito companheiro de quê ou de quem, de forma a incitar a curiosidade do leitor para ler a notícia.

c) Lead

Homens da Polícia do Exército, armados com fuzis FAL, de uso exclusivo das Forças Armadas, e com pistolas cercaram o prédio da Rede TV! na madrugada de ontem. O objetivo da missão: cumprir o mandado de prisão contra o 2º. Sargento Laci Marinho de Araújo, 36, homossexual assumido, que encerrava uma entrevista ao programa “Super Pop” da apresentadora Luciana Gimenez. O sargento De Araújo, como é conhecido no Exército, estava em companhia do também sargento, Fernando Alcântara de Figueiredo. Ambos falavam sobre o relacionamento amoroso que mantêm, desde 1997.

O Lead é construído com os fatos principais do evento noticioso:

- Homens da polícia do exército, armados com fuzis FAL, de uso exclusivo das forças armadas cercaram o prédio da Rede TV, ontem.

Este fato principal é construído com a seleção de informações (armados com fuzis FAL e com pistolas) que representam as ações do exército para prender bandido de alta periculosidade. Essa seleção manifesta a avaliação negativa da empresa-jornal para a ação de prender o sargento De Araújo, 36, homossexual assumido.

A explicitação caracterizadora “*homossexual assumido*” guia o leitor a produzir sentidos relativos à homofobia do exército.

- O sargento De Araújo, como é conhecido no exército, estava em companhia do também sargento, Fernando Alcântara de Figueiredo. Ambos falavam sobre o relacionamento amoroso que mantêm, desde 1997.

No *lead*, a representação em língua é dos dois sargentos, como homossexuais assumidos, que se relacionam como companheiros, há mais de dez anos.

Nesse sentido, o *lead* traz informações, tanto do episódio (tempo atual), quanto da categoria antecedentes (tempo anterior).

d) O Olho

Exército diz que ele foi preso, pois, é desertor; na revista “Época”, os dois foram apresentados como o primeiro casal gay, da Instituição.

Este segmento de texto traz representado a incoerência existente entre o atual e o que já foi informado e construído pela mídia, pois, os papéis sociais dos representantes do exército contém avaliações de pessoas rígidas, representados por homens heterossexuais.

O paradoxo para a caracterização do sargento: desertor X gay.

A reunião dos quatro segmentos agrupados na categoria Resumo traz representado o valor de falsidade atribuído a “desertor”.

4.4.1.2. No texto expandido

O evento noticioso é construído pela situação. Um modelo de situação decorre da memória individual. É comum na mídia brasileira representar a polícia do país como um modelo de situação construído com valor negativo; tudo indica que isso resulta de muitos anos de ditadura.

a) A categoria situação

A categoria situação agrupa as categorias Episódio e Antecedentes.

b) A categoria Episódio

A categoria Episódio reúne os Acontecimentos Principais:

- O fato do casal de sargentos ter se declarado *gays* e companheiros, há mais de dez anos.

- A presença de *gays* no exército.

- A autorização dada pela Justiça Militar para a prisão do sargento De Araújo, por ser desertor.

- O depoimento prestado à revista “*Época*” e a entrevista que estava sendo realizada no programa “*Superpop*”, da Rede TV.

- O sargento De Araújo estar afastado por motivos de saúde, sendo tratado por psiquiatra, medicamentos e internações.

- A polícia vir armada de fuzis FAL e pistolas para prender uma pessoa doente e afastada de sua função.

- A polícia justificar a prisão pelo sargento ser desertor.

c) Consequências:

- A indignação da empresa-jornal;

- A violação dos direitos humanos;

- A atitude do sargento De Araújo, frente ao mandado de prisão: “Eles querem me matar”. “Eles querem fazer uma queima de arquivo”; “Sou um arquivo morto”; “Vou me suicidar para não ir preso”.

d) Antecedentes

A categoria Antecedentes reúne as categorias Contexto e História. A categoria Contexto agrupa as Circunstâncias e os Acontecimentos Prévios. A Circunstância situa o sargento De Araújo, já dando entrevista na emissora Rede TV, a respeito do seu depoimento anterior (publicado na revista “Época”). Acontecimentos Prévios: o depoimento na revista época e o mandado de prisão, da Justiça Militar. A categoria História agrupa as informações relativas à Instituição Polícia Federal com seu rigor, exigências e discriminações a membros de outros grupos sociais (bandidos, traficantes, gays, prostitutas).

e) A categoria Comentários

A categoria Comentários agrupa as Reações Verbais e às Conclusões

f) A categoria Reações Verbais

A categoria Reações Verbais agrupam: a fala do sargento De Araújo, a fala do coronel Moura, as perguntas da reportagem e o comentário de um recruta.

g) A categoria Conclusões

A categoria Conclusões retoma os acontecimentos prévios e explicita uma expectativa do que poderá acontecer, no dia posterior. Os Acontecimentos Prévios são relativos à prisão do sargento e a expectativa de que ele poderá conseguir a liberdade, por não ser desertor.

Dessa forma, a opinião da empresa-jornal é organizada pelo esquema textual de notícia e no seu sentido mais global é negativa, em relação às ações do exército e da Justiça Militar, e positiva em, relação à existência de gays, na polícia. Em outros termos, a opinião jornalística é relativa à inclusão social dos gays, de forma a respeitar os direitos humanos.

4.4.1.3. A estrutura argumentativa proposta por van Dijk (1978)

a) **Premissa Hipótese:** Se para encobertar a presença de *gays* no exército, o sargento de Araújo foi preso como desertor.

b) **Justificativa:** agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

b. 1. Marco das Cognições sociais:

Não se trata especificamente de um marco as cognições sociais da notícia. Trata-se da construção de um fato noticioso, por um conjunto de eventos noticiosos, publicados diariamente pelo jornal. São a esses conhecimentos que o redator autorizado elabora a notícia. No caso do texto analisado, as cognições sociais compreendem um conjunto de ações praticadas pelos dois sargentos *gays*, pelo comando do exército, pela Justiça Militar, tanto no que se refere a outras notícias, já publicadas, quanto ao evento noticioso dessa notícia analisada.

b.2. Circunstância:

Um sargento afastado de suas funções, por motivos de saúde, ser considerado desertor.

b) **Conclusão:** Logo, o exército não cumpre o seu papel de garantir a Constituição brasileira, pois, desrespeita os direitos humanos para a inclusão social dos *gays*.

4.4.2. Análise do texto 08

A notícia selecionada foi publicada no jornal Folha de S. Paulo, no dia 21 de abril de 2010, intitulada pela manchete “Série de homicídio fecha lojas e esvazia ruas do Guarujá”. Vide anexo 05 (texto completo).

4.4.2.1. A categoria Resumo:

a) **Manchete:** *“Série de homicídios fecha lojas e esvazia ruas do Guarujá”*

O inusitado é a apresentação de vários homicídios, indicando a possibilidade da existência de uma chacina, e que a cidade do Guarujá, um dos pontos turísticos do litoral paulista, não oferece o mínimo de segurança para seus visitantes, tal fato contribui para o esvaziamento das ruas e o fechamento das lojas. A categoria Atual guia a seleção do indicativo presente para a flexão dos verbos fechar e esvaziar.

b) **Linha Fina**

“Em três dias, PM e cinco pessoas foram assassinadas na cidade, outras duas foram baleadas”

A linha fina é construída com o intuito de apresentar um detalhamento sobre o que é enunciado na manchete, pois, demonstram, num intervalo de três dias, a quantidade de pessoas que foram assassinadas e feridas, e apontam que membro da Polícia Militar local, também foi vítima da barbárie. A afirmação decorre, a partir da apresentação de dados explícitos, que indicam que há uma denúncia por parte de quem redigiu a notícia, no que se refere à fragilidade da segurança pública do Guarujá, representada pela Polícia Militar, pois, até ela foi alvo da possível chacina.

c) **Lead**

“Uma série de assassinatos ocorridos nos últimos três dias no Guarujá deixou os moradores da cidade do litoral paulista assustados a ponto de, anteontem, comerciantes fecharem suas portas e escolas dispensarem seus alunos durante as aulas.”

O *Lead* é construído com os fatos principais do evento noticioso:

- *Uma série de assassinatos ocorridos nos últimos três dias, no Guarujá, deixou os moradores da cidade do litoral paulista assustados.*

Este fato principal é construído com a seleção de informações (uma série de assassinatos, nos últimos três dias, no Guarujá, assustou seus moradores) que representam as ações de uma milícia de alta periculosidade ameaçando a tranquilidade dos moradores do Guarujá. Essa seleção manifesta a avaliação negativa da empresa-jornal para a ação da Polícia Militar, que seria a garantia a segurança pública.

As explicitações caracterizadoras “uma série de assassinatos” e “moradores assustados” guiam o leitor a produzir sentidos relativos à fragilidade da polícia Militar.

- a ponto de, anteontem, comerciantes fecharem suas portas e escolas dispensarem seus alunos durante as aulas.

No *lead*, a representação em língua é de que o medo da população, em relação à falta de segurança, faz com que o comércio feche suas portas e escolas dispensem seus alunos.

Nesse sentido, o *lead* trás informações, tanto do Episódio (tempo atual), quanto da categoria Antecedentes (tempo anterior).

d) O Olho

“Crimes, segundo a polícia, seriam uma retaliação do PCC, pela morte de membro da facção criminosa e pela prisão de outros nove, há 20 dias”

Este segmento de texto traz uma justificativa da polícia, em relação à ocorrência de tais crimes, apresentando incoerência, pois, os papéis sociais dos representantes da Polícia Militar contém avaliações de que são pessoas responsáveis pela garantia da segurança pública. Então, não deveriam apresentar uma justificativa dessa natureza, e sim, uma solução plausível, que traga de volta o estado de segurança aos moradores do Guarujá.

O paradoxo para a caracterização da Polícia Militar: segurança X fragilidade.

A reunião dos dois segmentos agrupados na categoria Resumo traz representado o valor de verdade atribuído ao implícito “fragilidade”.

4.4.2.2. No texto expandido

O evento noticioso é construído pela situação. Um modelo de situação decorre da memória individual. É comum na mídia brasileira representar a polícia do país como um modelo de situação construído com valor negativo; tudo indica que isso resulta de muitos anos de ditadura.

a) A categoria Situação

A categoria situação agrupa as categorias Episódio e Antecedentes.

b) A categoria Episódio

A categoria Episódio reúne os acontecimentos principais:

- Uma série de assassinatos ocorridos, num período de três dias.

- A principal linha de investigação da Polícia Civil é a de vingança de facção criminosa, pela morte de um dos membros e prisão de outros nove, pela Polícia Militar.

- As vítimas são formadas por um Policial Militar e outras pessoas ligadas, direta ou indiretamente, à Polícia.

c) Consequências:

- Ocorrência de boatos indicando um possível toque de recolher, orientado pelos bandidos da facção criminosa, ocasiona fechamento do comércio.

- Escolas de ensino médio e universidades, como a Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto), no Bairro da Enseada (a cerca de 13 km do bairro onde ocorreram os crimes), suspenderam as aulas, à noite.

- Depoimentos de funcionários do comércio local indicando a existência de um “faroeste”, pois, segundo eles ninguém ordenou o fechamento do comércio. Tal fato aconteceu, em função do medo.

- A violação do direito de ir e vir;

- A afirmação da polícia, de que o toque de recolher era fruto apenas de um boato, no entanto, atingiu todos os 300 mil habitantes.

- A detenção de um rapaz de 19 anos, que teria propagado o boato. Contudo, a família diz que o jovem apresenta problemas mentais e apenas reproduzia o boato.

d) Antecedentes

A categoria Antecedentes reúne as categorias Contexto e História. A categoria Contexto agrupa as Circunstâncias e os Acontecimentos Prévios. A

circunstância situa a ocorrência dos assassinatos de policial militar e pessoas ligadas, direta ou indiretamente, à polícia, em função da morte de um dos membros da facção criminosa PCC e prisão de outros nove membros. Acontecimentos Prévios: morte de um dos membros da facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) e prisão de outros nove membros, há vinte dias. A categoria História agrupa as informações relativas à Instituição Polícia Militar, como responsável pela garantia e manutenção da segurança pública, portanto, não poderia se apresentar, enquanto vítima de uma facção criminosa, e sim, um esquema logístico, que resolva o problema relatado.

e) A categoria Comentários

A categoria Comentários agrupa as Reações Verbais e as Conclusões.

f) A categoria Reações Verbais

A categoria Reações Verbais agrupa a fala de uma funcionária do comércio local, a fala do delegado titular, do 2º. DP local, e o comentário da polícia.

g) A categoria Conclusões

A categoria Conclusões retoma os Acontecimentos Prévios e explicita uma expectativa do que poderá acontecer, no dia posterior. Acontecimentos Prévios são relativos à série de assassinatos, envolvendo um membro da Polícia Militar e pessoas ligadas, direta ou indiretamente, à Instituição, que poderão ser solucionados com a prisão dos mandantes.

Dessa forma, a opinião da empresa-jornal é organizada pelo esquema textual de notícia e no seu sentido mais global é negativa, em relação à fragilidade da Polícia Militar, pois, deveria garantir a tranquilidade dos habitantes da cidade do litoral paulista do Guarujá. Em outros termos, a opinião jornalística é relativa à contenção da série de assassinatos, que vem aterrorizando a cidade do Guarujá, devolvendo a tranquilidade de seus moradores.

4.4.2.3. A estrutura argumentativa proposta por van Dijk (1978)

a) Premissa Hipótese: Se houve uma série de assassinatos envolvendo um membro da Polícia Militar e outras pessoas ligadas, direta ou indiretamente, à Instituição, possivelmente, por membros de facção criminosa.

b) Justificativa: agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstâncias.

b.1. Marco das Cognições Sociais:

Não se trata especificamente de um marco, as cognições sociais da notícia. Trata-se da construção de um fato noticioso, por um conjunto de eventos noticiosos publicados diariamente, pelo jornal. São a esses conhecimentos que o redator autorizado elabora a notícia. No caso do texto analisado, as cognições sociais compreendem um conjunto de ações praticadas pela Polícia Militar, Polícia Civil, pelos prováveis membros da facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital), pelos moradores da cidade do Guarujá, tanto no que se refere a outras notícias já publicadas, quanto ao evento noticioso dessa notícia analisada.

b.2. Circunstância:

Uma série de assassinatos envolvendo um membro da Polícia Militar e outras pessoas ligadas, direta ou indiretamente, à Instituição, ameaçando a tranquilidade de seus moradores, no sentido de adotarem, enquanto medida de precaução, o fechamento das portas do comércio e escolas, esvaziando a cidade.

c) Conclusão: Logo, a Polícia Militar não cumpre o seu papel de garantir a segurança pública, e o direito constitucional dos cidadãos, de transitar livremente na cidade do Guarujá.

4.5. Discussões

Os resultados obtidos das análises indicam que o texto notícia é um texto opinativo. A opinião construída neste tipo de texto é apresentada no texto-reduzido, com o intuito de orientar a leitura do auditório, em relação à representação construída pelo evento noticioso, no que diz respeito à opinião que deve ser adotada pelo leitor.

Constatou-se que quaisquer escolhas feitas pela mídia, na transposição das informações que se referem às questões que organizam um dado evento noticioso, não são objetivas e imparciais, pois, são reunidas e organizadas de maneira que o seu auditório construa as representações da realidade, de acordo com suas orientações, pois, como não presenciaram a ocorrência do evento relatado e por receberem diariamente a ideologia da empresa-jornal, adotam-no enquanto verdade, devido às estratégias argumentativas utilizadas. Portanto, a mídia, apostando na vulnerabilidade do leitor, usa o seu poder de classe dominante e constrói a opinião pública, de acordo com os seus interesses, transmitindo, ao seu leitor, a pseudo-impressão de autonomia, na construção de suas opiniões.

CAPÍTULO V – A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DA OPINIÃO, EM CRÔNICAS DO COTIDIANO

5.1. A caracterização da crônica

O surgimento da crônica data, aproximadamente, do século XIII, no continente europeu, mais especificamente, na França, tendo como base a historiografia e com o objetivo de registrar as narrativas pessoais, do tipo memorialista. Na Península Ibérica, a crônica adquire a função de organizar os documentos históricos, em ordem cronológica. Mais tarde, com Fernão Lopes, ocorre uma modificação, pois, nela passa-se a inserir suas opiniões pessoais e a relatar o cotidiano do povo português (o trabalho, os comícios, os movimentos populares etc.).

No Brasil, a crônica adquire tipicidade e se torna uma forma representativa da cultura brasileira; inicialmente, surge com a criação da imprensa nacional, no século XIX, se localizando em um espaço livre do jornal, denominado folhetim, com o objetivo de promover a diversão do leitor.

O folhetim classificava-se, em dois tipos:

Folhetim-Romance – textos românticos nacionais e internacionais, publicados em capítulos;

Folhetim-Variedades – textos que tratavam de uma variedade de matérias, registrando e comentando a vida cotidiana da Província, do País e do mundo, em tom superficial, e uma escrita de uso cotidiano de língua, como forma de não aborrecer o leitor.

Atualmente, a crônica brasileira, como é conhecida, tem suas origens no Folhetim Variedades.

Mais tarde, o cronista, objetivando divertir o leitor, por meio de uma livre criação que apresentasse a sua opinião sobre um fato cronológico, ultrapassa fatos cotidianos e passa a tratar de qualquer tema. Os jornais passam a ter

jornalistas especializados em temas determinados, que contribuem para a construção dos cadernos específicos, que compõem o jornal.

Na crônica, explica Fávero (2005), há a opção pelo coloquialismo que atrai o interlocutor, através de uma linguagem direcionada aos leitores apressados, do jornal:

“Fingindo-se descompromissado, o cronista (e, portanto, a crônica), está inserido num momento histórico, imprimindo em seu texto marcas de seu tempo, de sua sociedade, revelando sua ótica de ver e sentir o mundo; e ele historia não só esse momento como a própria língua, instrumento do qual se vale.”

Segundo a autora, talvez por isso a crônica seja considerada, por alguns críticos, como um gênero menor. “Porém, não é dessa forma que os cronistas se vêem”, observa, citando Vinícius de Moraes, para quem ‘Como um prosador do cotidiano, a coisa fica mais fina’, e Rubem Braga, que diz que o cronista de jornal ‘é como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai’.

Ainda segundo Fávero (2005), analisar uma crônica é refletir, tanto sobre a materialidade da língua, como sobre a utilização dessa mesma língua pelo homem e pela sociedade: “(...) a observação de uma dada regularidade lingüística revela a maneira pela qual o sujeito, inserido numa sociedade, interpreta e expressa aquele momento histórico”.

5.2. A crônica do cotidiano.

Scafuro (1999), ao analisar a tipologia textual das crônicas jornalísticas paulistanas, concluiu que estas se categorizam em crônicas de notícias e de cotidiano; sendo que as crônicas de notícia se diferenciam das crônicas de cotidiano, em que a primeira é definida pelas categorias Inusitado / Atual, enquanto a segunda se define pelas categorias Usual /Frequência.

De acordo com a abordagem da sua pesquisa, que objetiva compreender e definir o texto crônica, esta dissertação visa a apresentar a construção textual opinativa da crônica do cotidiano, parte integrante do discurso jornalístico, com a finalidade de confrontá-la, também, com o esquema textual de estrutura argumentativa proposto por van Dijk (1978).

A crônica do cotidiano é organizada, hierarquicamente, pela categoria semântica Usual e pela categoria temporal Frequência.

O cotidiano define-se pelo que acontece, diariamente, implicando uma sequência de ações usuais, que se definem como acontecimentos diários. Nesse âmbito, no cotidiano, há o comum, o usual e o habitual.

As ações apresentadas pelos cronistas do cotidiano para seus leitores sucedem no eixo narrativo. Tais apresentações compõem o Marco de Cognições Sociais, visto que decorrem, a partir de uma seleção temática de uma representação cotidiana. De acordo com o conhecimento do cronista, em relação aos acontecimentos cotidianos, este possui um controle sobre tal conhecimento, ponto de partida para a seleção temática, na composição da crônica.

Portanto, o eixo orientador que organiza a seleção do cronista é a categoria semântica Usual, estando ela embricada com as categorias Esperado e Conhecido.

Sendo assim, Scafuro (1999:109), tomando por base os resultados obtidos de pesquisas sobre a organização textual de crônicas publicadas em jornal, afirma que:

Os resultados indicam que, as crônicas do cotidiano podem ser descritas pela mudança aspectiva, ou seja, qualquer fato atual é representado pela frequência no usual do cotidiano. Assim sendo, trata-se da inserção da categoria aspectiva Interativa, por se repetir, diariamente, em Atualidade, o que já era esperado.

Com base na estruturação das categorias que organizam o texto crônica do cotidiano constata-se que as opiniões nele contidas, construídas pelo cronista, contribuem para controlar a formação da opinião de seus leitores, pois, o Marco de Cognições Sociais, base das representações mentais, e ponto de partida deste texto, é usado como argumento nas afirmações nele apresentadas.

Conforme as categorias semânticas apresentadas, a crônica do cotidiano revela hábitos cotidianos, que são avaliados pelo cronista do cotidiano, numa projeção, envolvendo uma escala de valores positivos e negativos, pois, tais hábitos se organizam enquanto conhecimentos factuais, localizados no Marco de Cognições Sociais.

Segundo Scafuro (1999:139), em relação à tematização da crônica do cotidiano:

“Poder-se-ia dizer que é categorizada no tempo, na história, do tipo narrativo, remetendo-se, de certa forma, à atualidade do registro do cronista, em relação à sua produção escrita. Talvez, por essa razão, segundo alguns estudiosos da crônica, sua caracterização é o efêmero.”

5.3. Resultados obtidos das análises das crônicas do cotidiano

5.3.1. Análise do texto 09:

Organizem-se

Nem sempre é fácil você se autotclassificar.

Fora as categorias óbvias de que faz parte, como gênero – e mesmo assim tem cada vez mais gente com dificuldade para saber a que sexo pertence – as outras são imprecisas. Por exemplo: raça. Eu me considero branco, mas, uma descrição mais honesta do meu *mix*, que inclui português, alemão, italiano, índio e negro, me obrigaria, a pelo menos, acrescentar um ponto de interrogação à definição. Raça: branco?

Outra definição imprecisa é a da sua classe. Você sabe quando pertence à classe AAA e não tem dúvidas quando pertence à F, mas, todas as outras dependem de gradações sutis, de difícil percepção. Classe B de cima, quase A, ou B de baixo, quase C? Classe C ascendente ou decadente? Classe D, com ou sem parabólica?

Mas você pertence a outras categorias, sem se dar conta. Se não sente nenhuma afinidade especial com pessoas do mesmo sexo, da mesma raça ou da mesma classe, pode descobrir o senso de comunidade, com membros de algumas destas irmandades pouco notadas. Os homens se dividem em duas categorias: os que põem a mão na cintura quando fazem xixi e os que não põem a mão na cintura quando fazem xixi. É inescapável: ou você pertence a uma facção ou a outra. Tente descobrir o que mais une vocês, além da postura mictória. Organizem-se, Reúnam-se.

Poderia haver convenções nacionais de pessoas que dizem “catorze” e de pessoas que dizem “quatorze” e o intercâmbio, talvez até competições esportivas entre os dois grupos.

O mesmo com pessoas que raspam a manteiga e pessoas que a cortam em pedaços, comem e não comem a casca do queijo, abotoam a blusa ou a camisa de cima para baixo ou de baixo para cima, preferem sentar, atrás ou na frente do cinema, molham ou não molham o dedo para virar a página do jornal...

Faça o seguinte: classifique-se de acordo com suas idiossincrasias, hábitos, preferências ou esquisitices – e saia à procura de sua turma. Você pode muito bem pertencer a uma categoria que não mostrou sua força porque ainda não se reconheceu, porque ainda não sabe o poder que tem. Quem pode afirmar que os que só conseguem dormir de meias, ou estalam os dedos, ou comem o figo com a casca, bem organizados, um dia não dominarão o mundo?

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. O Estado de S. Paulo. 27 de agosto de 2009. P. D16)

5.3.1.1. Quanto à seleção temática:

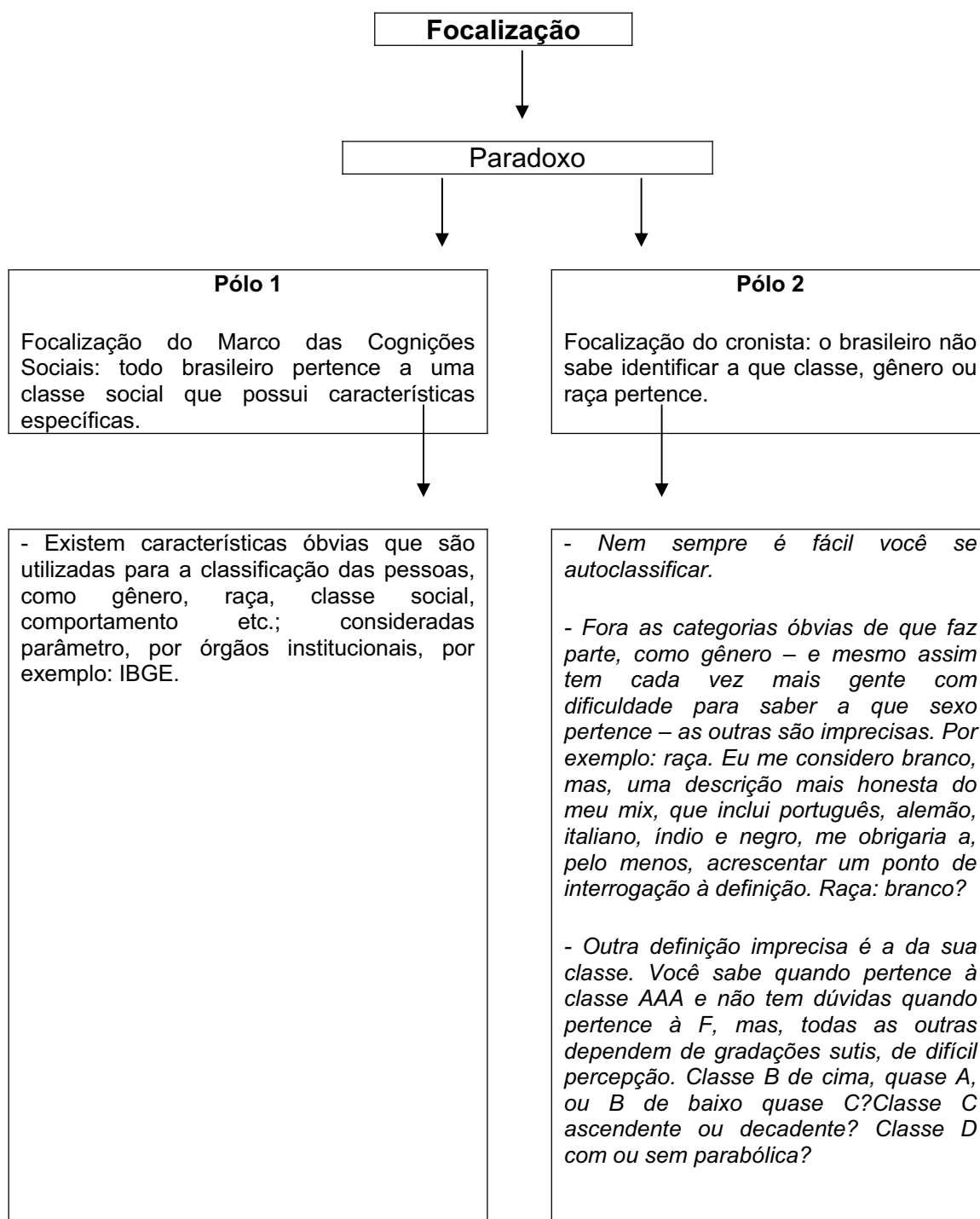
A seleção temática é feita, a partir de uma representação do cotidiano (Usual), que faz parte do marco das cognições sociais dos brasileiros, em relação ao seu conceito de organização social.

5.3.1.2. Quanto à focalização e sua estrutura textual:

A crônica do cotidiano é organizada, textualmente, no que se refere à focalização, por uma polaridade, organizando uma estrutura textual que demonstra a focalização em um ângulo relacionado ao marco das cognições sociais e a focalização do cronista.

Nesta crônica, a seleção temática é realizada, a partir do conceito de organização social do brasileiro. A focalização do cronista é dada no momento em que enuncia que não sabemos identificar a que classe pertencemos. O paradoxo é construído pela sucessão de ações, que apresentam quando se afirma que nem sempre é fácil se autot classificar, pois, a partir dessa dificuldade, nos encontramos sem condições para nos organizarmos em um grupo e constituir uma formação ideológica que nos dê autoridade.

A polaridade das focalizações pode ser demonstrada, pela seguinte visualização:

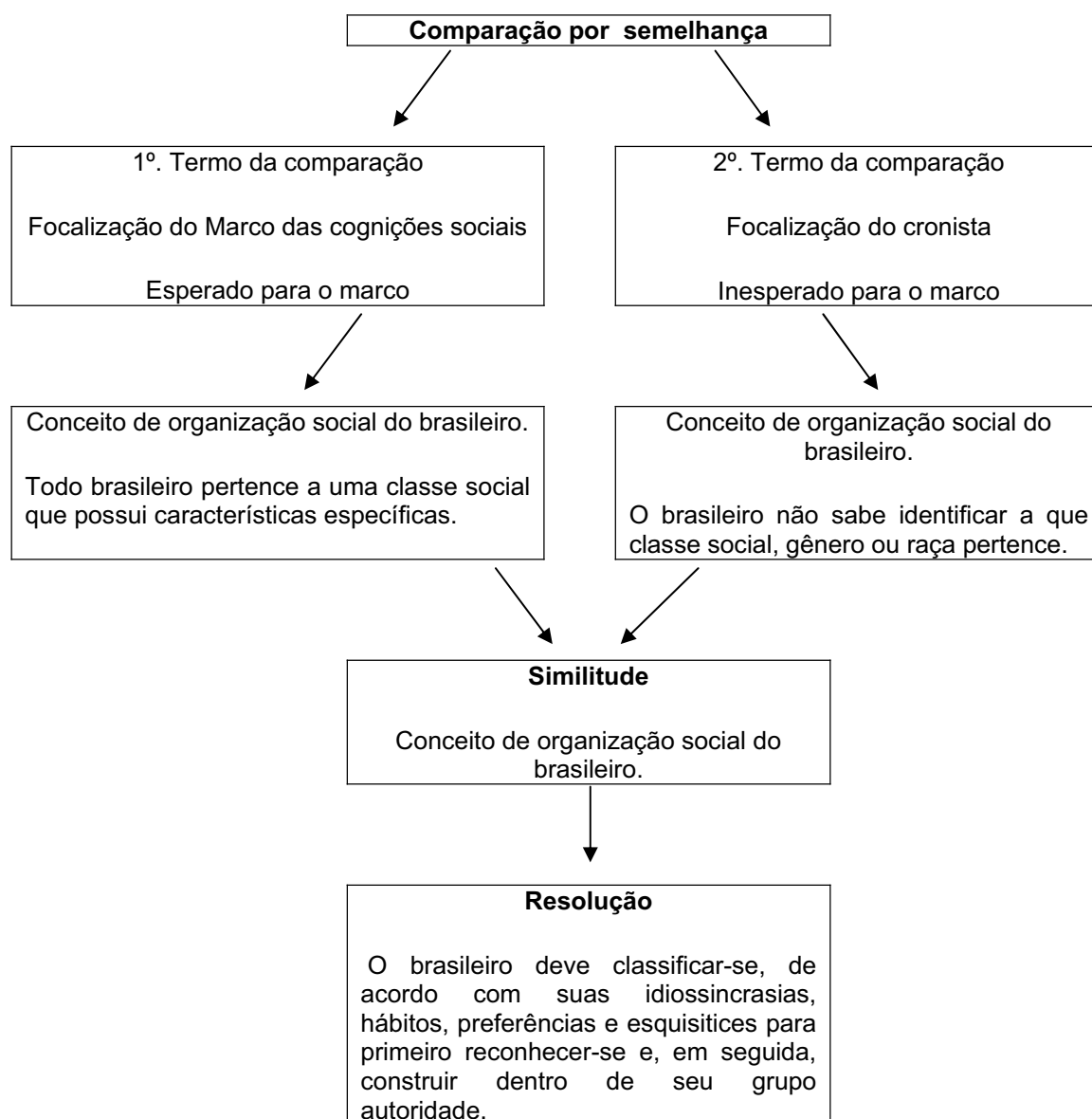


5.3.1.3. No que se refere à categoria Resolução da categoria Usual

A partir dos resultados obtidos pela análise acima, constatou-se que a organização textual da crônica do cotidiano é caracterizada por uma Resolução, que transforma a polaridade das focalizações, diferenciando-as em: pólo1, focalização dada pelo marco das cognitiones sociais e, no pólo 2, a

focalização dada pelo cronista do cotidiano. Mesmo que tais focalizações se apresentem enquanto polares, ambas são hierarquizadas pela categoria Usual, caracterizando-se pela relação Esperado/Inesperado, em que o esperado se caracteriza pelo conhecimento dos brasileiros, em relação à organização social. Contudo, o Inesperado se constrói pela circunstância de que o brasileiro não sabe se identificar, em relação a nenhum critério, como classe, gênero ou raça.

A crônica do cotidiano tem como ponto de partida o marco de cognições sociais para chegar à construção, do ponto de vista do cronista, construindo textualmente uma comparação por semelhança, a partir da dissemelhança.



Estes resultados indicam que as estruturas textuais da comparação propiciam transformar as categorias Esperado/Inesperado, em Usual pela Categoria semântica Conhecido. Nesse sentido, as designações atribuídas ao brasileiro, por não saber identificar-se, mesmo que os critérios estejam relacionados à classe social, gênero ou a que raça pertencem, são Inesperadas tendo como ponto de partida a representação atribuída ao conceito de organização social do brasileiro, na medida em que o Esperado é a representação de que o brasileiro pertence a uma classe social, que possui características específicas.

5.3.1.4. Quanto à organização textual da opinião do cronista por argumentos, pode-se observar, de acordo com o esquema textual, proposto por van Dijk (1978):

a. A categoria Apresentação

A categoria apresentação agrupa as categorias Premissa-Hipótese e Conclusão.

a.1. Premissa: Se os brasileiros não sabem classificar-se, de acordo com suas próprias características, então não possuem uma identidade que os organizem em uma classe social.

a.2. Conclusão: Os brasileiros devem aprender a identificar-se, para que possam reunir-se em uma classe e construir autoridade.

b. A categoria Justificativa:

A categoria Justificativa agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

b.1. Marco das Cognições Sociais: conceito de organização social do brasileiro.

Existem características óbvias, que são utilizadas para a classificação das pessoas, como gênero, raça, classe social, comportamento etc.; consideradas parâmetro, por órgãos institucionais, por exemplo: IBGE.

b.2. Circunstância: Os brasileiros devem classificar-se, de acordo com suas idiossincrasias, hábitos, preferências e esquisitices para se organizarem em classe social. A circunstância é comprovada, pelos seguintes argumentos:

argumento 1 – a identificação dos brasileiros, em relação à raça:

Fora as categorias óbvias de que faz parte, como gênero – e mesmo assim tem cada vez mais gente com dificuldade para saber a que sexo pertence – as outras são imprecisas. Por exemplo: raça. Eu me considero branco, mas, uma descrição mais honesta do meu mix, que inclui português, alemão, italiano, índio e negro, me obrigaria a, pelo menos, acrescentar um ponto de interrogação à definição. Raça: branco?

argumento 2 - a identificação dos brasileiros, a partir da classe econômica

- Outra definição imprecisa é a da sua classe. Você sabe quando pertence à classe AAA e não tem dúvidas quando pertence à F, mas, todas as outras dependem de gradações sutis, de difícil percepção. Classe B de cima, quase A, ou B de baixo, quase C? Classe C ascendente ou decadente? Classe D, com ou sem parábola?

argumento 3 - a identificação dos brasileiros, quanto a outras categorias

Mas você pertence a outras categorias, sem se dar conta. Se não sente nenhuma afinidade especial com pessoas do mesmo sexo, da mesma raça ou da mesma classe, pode descobrir o senso de comunidade, com membros de algumas destas irmandades pouco notadas. Os homens se dividem em duas categorias: os que põem a mão na cintura quando fazem xixi e os que não põem a mão na cintura, quando fazem xixi. É inescapável: ou você pertence a

uma facção ou a outra. Tente descobrir o que mais une vocês, além da postura mictória. Organizem-se, Reúnam-se.

argumento 4 - a identificação dos brasileiros, quanto aos hábitos linguísticos

Poderia haver convenções nacionais de pessoas que dizem “catorze” e de pessoas que dizem “quatorze” e o intercâmbio, talvez, até competições esportivas, entre os dois grupos.

argumento 5 - a identificação, quanto aos hábitos diversos

O mesmo com pessoas que raspam a manteiga e pessoas que a cortam, em pedaços, comem e não comem a casca do queijo, abotoam a blusa ou a camisa, de cima para baixo ou de baixo para cima, preferem sentar atrás ou na frente do cinema, molham ou não molham o dedo para virar a página do jornal...

5.3.2. Análise do texto 10

O SIM E O NÃO

A jovem sai de casa, em São Paulo, usando cabelo verde e com um alfinete de fralda espetado na bochecha. Horas depois, junta-se a um grupo que, diante de testemunhas, esfaqueia, até a morte, o empregado de uma lanchonete, por causa de um pedaço de pizza. A moça vai presa e, ao saber disso, sua mãe tem um espanto: "É impossível! Fulaninha só sai uma vez por semana, com as amiguinhas!"

Em Itaboraí, RJ, uma festa rave com a duração de 17 horas provoca a internação hospitalar de 18 garotos e duas mortes, uma delas por típica overdose de ecstasy: hipertermia - a pessoa, literalmente, ferve por dentro -, desidratação aguda e parada cardiorrespiratória. Os pais do menino morto não sabiam que ele fora à festa.

No Rio, a polícia desbarata uma quadrilha de oito traficantes de ecstasy. Todos, exceto um, de classe média, habitantes da zona Sul, entre 20 e 30 anos e ainda morando com os pais. Mas, pelo visto, a vigilância dos velhos andava relaxada, a ponto de um deles não estranhar que o filho passasse o dia falando em três celulares, ao mesmo tempo.

Estes foram apenas alguns casos policiais graves envolvendo jovens, nas últimas semanas, e só no eixo Rio-São Paulo. Em todos, os pais manifestaram grande surpresa, pelo comportamento dos garotos. Alguma coisa aí está errada. Esses pais dão casa, comida e roupa lavada a seus filhos, até uma idade tardia, mas, talvez, isto não seja suficiente.

Talvez fosse também o caso de eles aprenderem a dizer "não", quando for o caso, ao contrário do "sim" amplo, geral e irrestrito, com que contemplam os filhos, desde o berço - ou desde que se tornou "incorreto" acreditar que a liberdade só dá frutos, quando exercida dentro de certos limites. Um destes, quadradamente, o daquela velha esquecida prova de amor: a autoridade paterna.

(CASTRO, Ruy. Folha de São Paulo. 19 de novembro de 2007. P. C 02)

5.3.2.1. Quanto à seleção temática:

A seleção temática é feita, a partir de uma representação do cotidiano (Usual), que faz parte do marco das cognições sociais do brasileiro: de que a autoridade paterna contribui para a boa formação dos filhos .

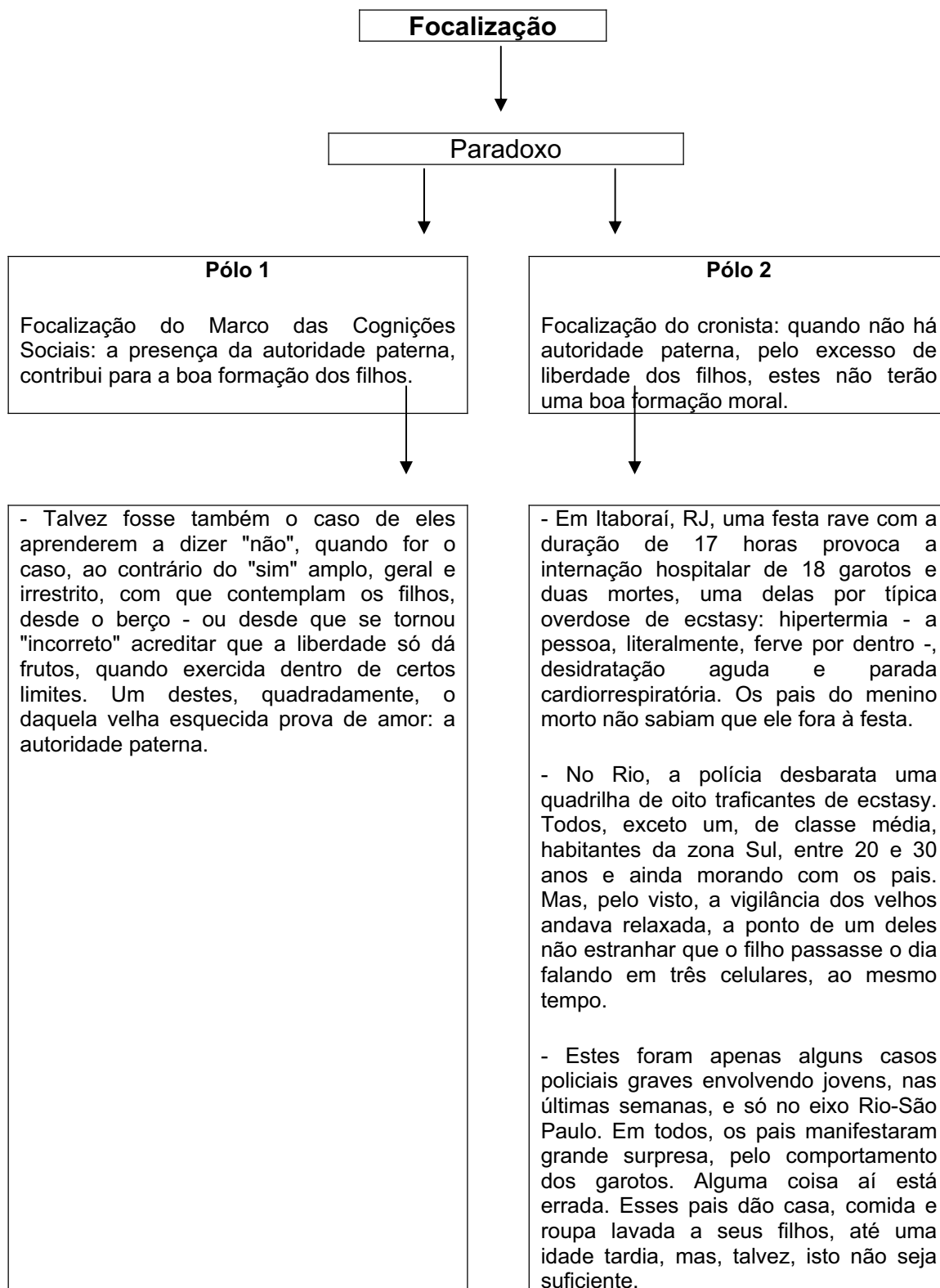
5.3.2.2. Quanto à focalização e sua estrutura textual:

A crônica do cotidiano é organizada, textualmente, no que se refere à focalização, por uma polaridade, organizando uma estrutura textual que demonstra a focalização em um ângulo relacionado ao marco das cognições sociais e a focalização do cronista.

Nesta crônica, a seleção temática é realizada, a partir do conceito de autoridade paterna, na formação dos filhos. A focalização do cronista é dada

no momento em que o excesso de liberdade que os filhos possuem, contribuem para a desconstrução da autoridade paterna. O paradoxo é construído pela sucessão de ações, que descrevem que quando há autoridade paterna, ela contribui para a boa formação dos filhos; quando não há, pelo excesso de liberdade dos filhos, eles não terão uma boa formação moral.

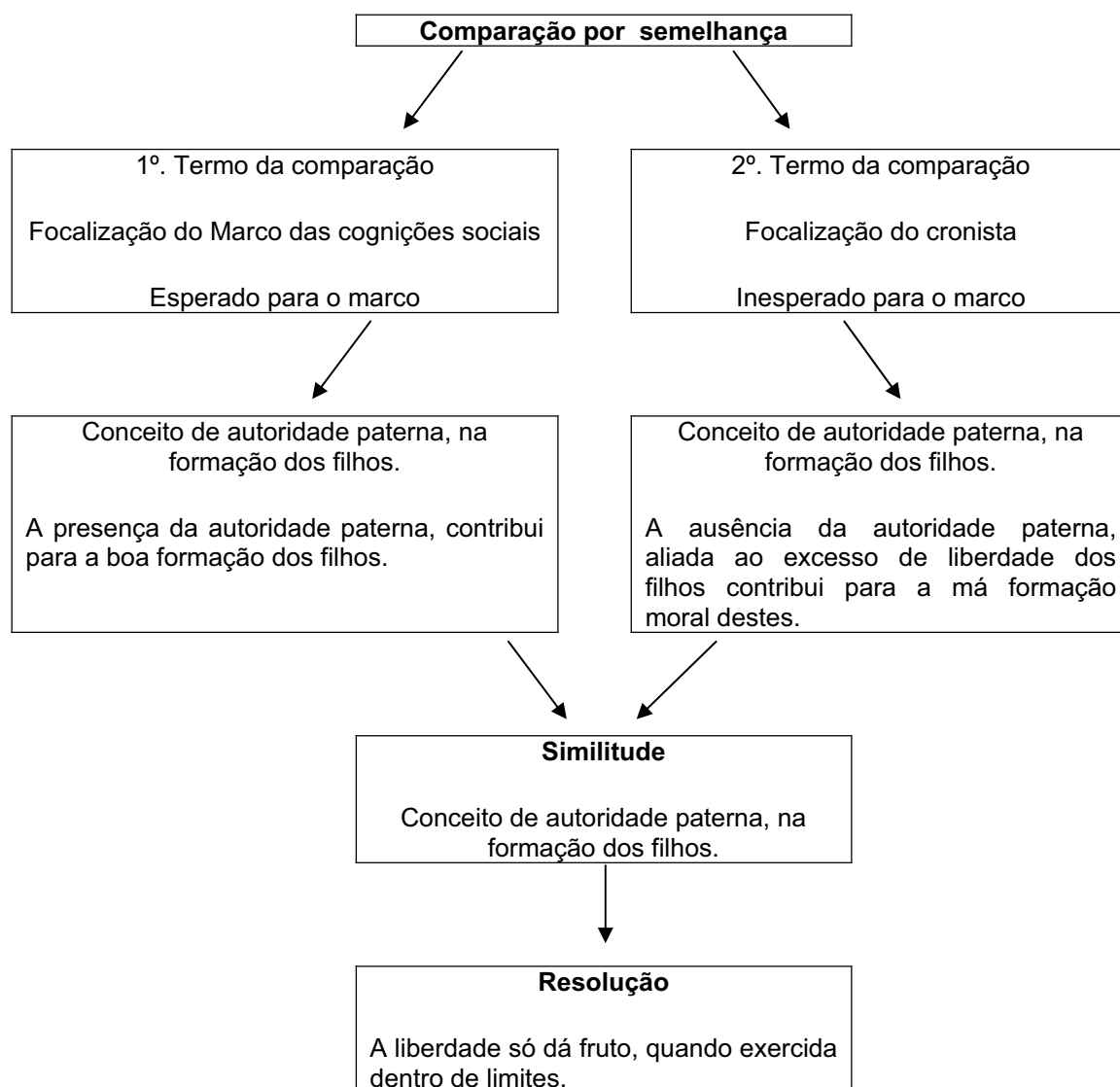
A polaridade das focalizações pode ser demonstrada, pela seguinte visualização:



5.3.2.3. No que se refere à categoria resolução da categoria Usual

A partir dos resultados obtidos pela análise acima, constatou-se que a organização textual da crônica do cotidiano é caracterizada por uma Resolução, que transforma a polaridade das focalizações, diferenciando-as em: pólo1, focalização dada pelo marco de cognições sociais e, no pólo 2, a focalização dada pelo cronista do cotidiano. Mesmo que tais focalizações se apresentem enquanto polares, ambas são hierarquizadas pela categoria Usual, caracterizando-se pela relação Esperado Inesperado, que compreendem o “saber” dos brasileiros, a respeito do que se sucede em relação à autoridade paterna.

A crônica do cotidiano tem como ponto de partida o marco de cognições sociais para chegar à construção do ponto de vista do cronista, construindo, textualmente, uma comparação por semelhança, a partir da dissemelhança.



Estes resultados indicam que as estruturas textuais da comparação propiciam transformar as categorias Esperado/Inesperado, em Usual pela Categoria semântica Conhecido. Nesse sentido, as designações atribuídas à ausência da autoridade dos pais e o excesso de liberdade dos filhos, caracterizando a má formação moral destes, são Inesperadas como representação do conceito de autoridade paterna na formação dos filhos, na medida em que, o Esperado é a representação a presença da autoridade paterna contribui para a boa formação moral dos filhos.

5.3.2.4. Quanto à organização textual da opinião do cronista por argumentos, pode-se observar, de acordo com o esquema textual proposto por van Dijk (1978):

a. A categoria Apresentação

A categoria apresentação agrupa as categorias Premissa-Hipótese e Conclusão.

a.1. Premissa-Hipótese: Se a presença da autoridade paterna contribui para a boa formação moral dos seus filhos.

a.2. Conclusão: Logo, a ausência da autoridade paterna e o excesso de liberdade dos filhos, contribuem para a má formação moral destes.

b. A categoria Justificativa:

A categoria Justificativa agrupa as categorias Marco das Cognições Sociais e Circunstância.

b.1. Marco das Cognições Sociais: A presença da autoridade paterna contribui para a boa formação moral dos filhos.

Talvez fosse também o caso de eles aprenderem a dizer "não", quando for o caso, ao contrário do "sim" amplo, geral e irrestrito com que contemplam os filhos, desde o berço - ou desde que se tornou "incorreto" acreditar que a liberdade só dá frutos, quando exercida dentro de certos limites. Um destes, quadradamente, o daquela velha esquecida prova de amor: a autoridade paterna.

b.2. Circunstância: Os brasileiros devem resgatar a autoridade paterna, pois, ela contribui para a inserção de limites a seus filhos, no sentido de guiar a construção de uma boa formação moral. A circunstância é comprovada, pelos seguintes argumentos:

argumento 1 – refere-se aos hábitos atuais dos jovens

- Em Itaboraí, RJ, uma festa rave com a duração de 17 horas provoca a internação hospitalar de 18 garotos e duas mortes, uma delas por típica overdose de ecstasy: hipertermia - a pessoa, literalmente, ferve por dentro -, desidratação aguda e parada cardiorrespiratória. Os pais do menino morto não sabiam que ele fora à festa.

argumento 2 - refere-se à falta de vigilância paterna

- No Rio, a polícia desbarata uma quadrilha de oito traficantes de ecstasy. Todos, exceto um, de classe média, habitantes da zona Sul, entre 20 e 30 anos e ainda morando com os pais. Mas, pelo visto, a vigilância dos velhos andava relaxada, a ponto de um deles não estranhar que o filho passasse o dia falando em três celulares, ao mesmo tempo.

argumento 3 - refere-se à atitude de surpresa dos pais, em relação aos crimes cometidos pelos filhos

- Estes foram apenas alguns casos policiais graves, envolvendo jovens, nas últimas semanas, e só no eixo Rio-São Paulo. Em todos, os pais manifestaram grande surpresa, pelo comportamento dos garotos. Alguma coisa aí está errada. Esses pais dão casa, comida e roupa lavada a seus filhos, até uma idade tardia, mas, talvez, isto não seja suficiente.

argumento 4 - a identificação dos brasileiros, quanto aos hábitos linguísticos

Poderia haver convenções nacionais de pessoas que dizem “catorze” e de pessoas que dizem “quatorze” e o intercâmbio, talvez, até competições esportivas, entre os dois grupos.

5.4. Discussões

A crônica do cotidiano é organizada, tematicamente, a partir dos hábitos cotidianos, então o cronista ao construí-la, recorre ao marco das cognições sociais, a partir da categoria Conhecido, com o objetivo de apresentar uma escala valorativa, em que suas avaliações são positivas e negativas, em relação aos conhecimentos factuais apresentados.

No que se refere ao processo de focalização, há uma polaridade indicada pelo marco das cognições sociais X focalização do cronista, caracterizando um Paradoxo. Este é fruto de uma reflexão, em que toma-se consciência, a partir da verificação de crenças do marco das cognições sociais, apresentando uma outra possibilidade.

Em relação à estrutura textual da resolução da categoria Usual verificou-se que a crônica do cotidiano parte do marco das cognições sociais para chegar ao ponto de vista do cronista, sendo assim, notou-se a construção textual da semelhança, a partir da dissemelhança.

Portanto, a construção textual da opinião, nas crônicas do cotidiano é orientada pela focalização do cronista, tendo como ponto de partida a focalização do marco das cognições sociais, onde são projetadas hierarquicamente a partir da categoria Conhecido, avaliando as crenças que incorporam o cotidiano e apresentado novas crenças, estas sendo legitimadas pelos argumentos utilizados pelo cronista do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta dissertação, são tecidas algumas considerações, que compreendem a revisão dos objetivos, a verificação da hipótese e a apresentação de novas perspectivas.

- **no que se refere ao objetivo geral:** contribuir com os estudos que tratam da construção textual da opinião.

Acredita-se que o objetivo geral foi atingido, pois, os resultados obtidos, apresentados e discutidos nesta dissertação, podem trazer contribuição para o desenvolvimento de estudos relacionados à construção textual da opinião, seja individual (textos acadêmico-científicos, de divulgação científica e crônicas do cotidiano), seja guiada pela ideologia da empresa-jornal (notícias e cadernos de divulgação científica).

- **no que se refere aos objetivos específicos:**

1. Examinar a construção textual da opinião, em textos dissertativos acadêmico-científicos e de divulgação científica.

Acredita-se, também, que este objetivo, foi cumprido, pois, o texto dissertativo acadêmico-científico, foi tratado, como aquele que traz a justificativa da conclusão explícita, pelo investigador, o que requer a presença de argumentos explícitos, que percorrem a necessidade, a possibilidade e até a probabilidade. Sofre modificações, de acordo com suas condições de produção discursiva, que se baseiam na forma de como o auditório é representado pelo autor, sendo classificado em: dissertativo de uma tese e dissertativo de duas teses.

O texto dissertativo de uma Tese é dirigido a um leitor, que desconhece o assunto, a área específica tratada, portanto, organiza-se textualmente a partir da apresentação de um conjunto de explicitações de conhecimentos, que o autor julgue necessários, para que o auditório adote sua opinião, esta é apresentada como avaliação positiva ou negativa do que acontece no mundo.

O texto dissertativo de duas Teses é direcionado a um leitor, que conhece o assunto, a especificidade da área tratada, assim sendo, a ele é atribuído o conhecimento da Tese1. Isto indica que o produtor deve persuadi-lo, atribuindo valores negativos a Tese 1, de forma a contra-argumentá-la. Naturalmente, a Tese 2 é maximizada, ou seja, é confrontada a Tese anterior, sendo atribuídos a ela valores positivos, com o intuito de obter a adesão do auditório, pela tese defendida pelo autor, o mesmo foi verificado em textos de divulgação científica, tanto em livros didáticos, quanto no caderno ciência de jornais.

2. Verificar a construção textual da opinião, na notícia jornalística;

Verifica-se que este objetivo foi cumprido, também, pois, foram analisadas, duas notícias publicadas no jornal *Folha de São Paulo*, a partir do esquema textual da notícia, proposto por van Dijk (1990), em que se constatou, que:

O discurso jornalístico tem, enquanto objetivo construir a opinião pública, com o intuito de dominar a mente das pessoas, assim sendo, o evento noticioso é construído conforme a ideologia da empresa-jornal, pois, as informações selecionadas para a publicação, passam por um processo de filtragem, havendo minimizações ou apagamentos de alguns elementos, maximizações de outros, até inserções de novos elementos, criando um novo estado de coisas, a partir de focalizações construídas pela circunstância, presente na categoria semântica Inusitado, eixo orientador do texto jornalístico de notícia. A categoria anterior, em conjunto com a categoria Atualidade, contribuem para que o leitor tenha a sensação de que a informação, veiculada pelo jornal, seja fruto apenas de um processo investigativo, sem que haja a presença de um ponto de vista particular.

As opiniões, organizadas neste tipo de texto, são construídas, a partir das avaliações, emitidas pela empresa-jornal, a respeito do evento noticioso relatado, localizadas no texto-reduzido (Manchete, Linha Fina, Olho e Lead), orientando a construção opinativa do público leitor, a partir de suas representações e sua credibilidade é mantida, pois, representa o discurso do Poder.

3. Analisar a construção textual da opinião, na crônica do cotidiano.

Verifica-se que este objetivo foi cumprido, também, pois, foram analisadas, duas crônicas, sendo a primeira, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, e a segunda, no jornal *Folha de São Paulo*, em que se constatou, que:

Tematicamente, são organizadas, a partir do Marco das Cognições Sociais, que refletem os hábitos cotidianos, em que o cronista apresenta uma escala valorativa, criando uma polarização, pela oposição (focalização do cronista X focalização do Marco das Cognições Sociais), em relação aos conhecimentos factuais relatados, frutos da reflexão das ações usuais, com o intuito de demonstrar uma nova possibilidade, ou seja, apresentar nova crença, legitimada por argumentos, no sentido de controlar a opinião de seus leitores.

- **no que se refere à hipótese:** a organização textual da opinião é modificada, dependendo das variações do gênero discursivo, mas, as categorias mais hierárquicas são sempre: premissa-hipótese, justificativa e conclusão. As modificações ocorrem na categoria justificativa.

A hipótese foi confirmada e comprovada pelos resultados obtidos, pois, no dissertativo acadêmico-científico e de divulgação científica, a construção textual da opinião é relativa a uma tese, selecionada no Marco das Cognições Sociais, que é determinado pelo paradigma científico. Portanto, a tese pode ser observada de maneiras diferentes, de acordo com as condições de produção discursiva, em que:

- Ora o cientista dá adesão à Tese selecionada, com o intuito de expô-la e explicá-la, para, em seguida, inferir sua opinião, no sentido de atribuir valor positivo ou negativo. Ocorre, então, a projeção de uma escala de valores, a partir do que foi focalizado no referente textual, para a construção da opinião.

- Ora o cientista entra opõe-se à Tese, para a apresentação uma nova tese, em que avalia, negativamente, a Tese 1 e, positivamente, sobre a sua tese (Tese 2). Nesse contexto, a organização textual da opinião compreende a mudança do foco projetado no referente, criando um novo estado de coisas para o mesmo.

Assim sendo, a organização textual da opinião individual, sempre é realizada intragrupalmente, independente se o cientista entra em adesão, complementaridade ou oposição ao “dado” selecionado.

No que se refere ao texto jornalístico de notícia, as informações veiculadas, sobre o que acontece no mundo, são manipuladas e transformadas, avaliativamente, pela opinião jornalística, que corresponde aos interesses da empresa-jornal, de forma a controlar as opiniões de seu público leitor. As orientações, a respeito da opinião que deve ser adotada, organizam-se no texto-reduzido, para que o auditório construa as representações da realidade, na convergência dos interesses da empresa-jornal.

Em relação às crônicas do cotidiano, a focalização do cronista contribui para a apresentação de um novo estado de coisas, tendo como ponto de partida, o que está representado no Marco das Cognições Sociais, com a finalidade de apresentar uma polarização, marcada por uma escala valorativa, determinada pelo cronista, pois ele possui conhecimento sobre o que ocorre no cotidiano e tem controle sobre este conhecimento, a partir disso, organiza sua seleção temática. Portanto, o que está sendo avaliado é construção do cronista, sobre a sucessão de ações que ocorrem no cotidiano.

Dessa forma, pode-se dizer que as formas de conhecimento construídas pelo texto dissertativo (acadêmico-científico e de divulgação científica), texto de notícia jornalística e as crônicas do cotidiano, apresentam, para seu público-leitor, novas formas de conhecimento, a partir de sua organização textual opinativa, na inter-relação das categorias Sociedade, Cognição e Discurso.

Esta dissertação não pretende ser conclusiva e os resultados apresentados merecem ser revistos e complementados por outras pesquisas, pois, no que se refere ao texto dissertativo acadêmico deve-se examinar a construção textual da opinião e suas transformações, de acordo com as condições de produção discursiva, no discurso científico da pesquisa, ensaio e revisão. Em relação ao texto jornalístico de notícia, devem ser examinados, a construção da opinião jornalística diária, encaminhada para o consumo do seu público leitor e seus impactos, nas mudanças da ideologia construída pelo Poder, que agrupa os participantes, os donos da empresa jornal. Propor, também, o exame das

expressões linguísticas que caracterizam a manifestação da subjetividade de quem opina, na construção das crônicas do cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 11^a ed. Cotia/SP : Ateliê Editorial, 2008.

ARNOUX, E.N.; ALVARADO, MAITE; SILVESTRE, ADRIANA. *Talleres de Lectura y escritura - textos e actividades – semiología*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1999.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

BEUGRANDE e DRESSLER, W. U. *Introduzione allá lingüística testulle II*: Molino, Bologna, 1981.

BAUDET e DENHEIÉRE. *Lecture compréhension de texte el science cognitive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

BERNÁRDEZ, Henrique (org). *Linguística Del texto*. Madrid: Arco/Libros S.A., 1987.

CARVALHO, F. M. et. al. *Chumbo e cádmio em cabelos de crianças de Santo Amaro da Purificação, Bahia*. Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Unicastelo/SP, v. 07, n. 41, p. 646-651, 1989.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006).

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DOS ANJOS, Zenaide P. *A tipologia textual do dissertativo: tipo de texto da classe opinativa e suas condições de produção discursiva*. Dissertação de Mestrado. PUC/São Paulo, 2005.

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes . *A crônica em Lima Barreto: dialogismo fala/escrita*. In: *Diálogos na fala e na escrita*. Org. Dino Preti. São Paulo: Associação Editorial Humanitárias, 2005.

FIGUEIREDO, Rubens e CERVELLINI, Sílvia. *Contribuições para o conceito de opinião pública*. In: *Opinião Pública*, vol. III, nº 3. Campinas, CESUP/UNICAMP, dez/ 1995. pp 97-127.

GUIMARÃES, Doroti M. *A organização textual da opinião jornalística: nos bastidores da notícia*. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo, 1999.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ISEMBERG, H. *Cuestiones Fundamentales de Tipología Textual. Lingüística del Texto*. Compilação de textos e bibliografia de Enrique Bernárdez. Madri: Arco/libros. 1987.

KINTSCH, W & VAN DIJK, T. A. *Strategies Discourse Comprehension*. London: Academic Press, 1983.

KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 3ª. ed., 1993.

MELO, José M. De – *Jornalismo opinativo – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOYSÉS, Carlos Alberto. *Língua Portuguesa: atividades para a leitura e produção de textos*. São Paulo: Saraiva, 2ª. ed., 2008.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SAVIOLI, F.P. & FIORIN, J.L. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: 16ª. ed., 2003.

SCAFURO, Gisele – *A Organização textual de crônicas publicadas em jornal*.
Dissertação de Mestrado. PUC/São Paulo, 1999.

SILVEIRA, Regina C. P. & NELO, Maria J. *Gêneros textuais e letramento: a construção do risível em narrativas do cotidiano*. VISIGET – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS - O ENSINO EM FOCO, 2009 – ISSN.

SILVEIRA, Regina C. P. *O discurso científico da revisão e suas modificações textuais*. Revista Unicastelo, Unicastelo/SP, v. 03, n. 03, p. 209-214, 2000.

_____. *Em busca de uma tipologia dos discursos científicos: O Dissertativo Expositivo e o Dissertativo Argumentativo*. São Paulo: Revista da Série Encontros. Editora Contexto. 1994.

_____. - *O uso de argumentos em textos dissertativos*.
XXI JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 2006 – ISBN.

VAN DIJK, T. A. - *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto, 1992.

_____. - *Racismo y analisis critico de los medios*. Barcelona, Paidós Comunicacion, 1997.

_____. - *Discourse as Social Interaction*. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction Vol. 2. Sage Publications, London, Thousand Oaks, New Delhi, 1997. pp. 1-37.

_____. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. *La ciencia del texto*. Buenos Aires: Paidós, 1978.

VIGNAUX, G. (1976). *La Argumentación-Ensayo de Lógica Discursiva*. Trad. Española de Cecilia Hidalgo e Oscar Traversa. Buenos Aires: Librería Hachette, 1986.

ANEXOS

Anexo 1



GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO: A CONSTRUÇÃO DO RISÍVEL EM NARRATIVAS DO COTIDIANO

Regina Célia Pagliuchi da Silveira (PUC/SP)
 Maria José Nélo (PUC/SP – UEMA)

RESUMO: Esta comunicação trata da representação social em narrativas do cotidiano como crônica, considerada um gênero tipicamente brasileiro. A crônica, na linearidade lingüística, traz a opinião do cronista que representa, de forma avaliativa, o cotidiano do brasileiro versus o marco das cognições sociais. As representações sociais criam estado de coisas físicas ou sociais no mundo, dimensionadas em conhecimentos lingüísticos, enciclopédicas e sócio-cognitivas e enciclopédicas. É nesse processo representacional que se ativa os valores culturais e ideológicos que partem dos conhecimentos sociais para o individual, na interface desses conhecimentos as narrativas de cotidiano trazem representações do humor risível, explicável pelas estratégias cognitivas e interacionais que o ultrapassam na dimensão do “dizer”, da palavra, na medida em que o leitor/interlocutor ao processar a relevância (informação nova) é obrigado a reformular seu contexto cognitivo; nesse sentido, conclui-se que o risível decorre da quebra da expectativa. Esta em língua se compõe o contexto cognitivo, obrigando o processador da informação a reformá-lo, rompe com a expectativa construída pelo locutor, que ao se deparar repentinamente com uma informação reformula seu contexto cognitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa do cotidiano e letramento; sócio-cognição; humor risível.

ABSTRACT: This paper deals about social representation in narratives daily as chronicles, calls a brazilian genre. The chronicle, in the lingustic line, brings the opinion of author that represented for avaluation the daily of brazilians against social cognitions mark. The socials representations are state of things fisik our social in the world, manifested in knowledge linguistics, enciclopedics e social-cognitve. Is en the process of representation that search the cultural and ideologics values that began in the social to individual knowledge, with narratives about facts of daily brings humor laugh representations, explain for cognitives and interactivs strategies that beyond of “say”, of word, therefore that the lecture/interlocutor process the relevancy (new information), he might be remade yours cognitive context. The results shows

that humor laugh appearance of breake of expectation, in the language, making the lecture remade the information and re-built your cognitive context.

KEY-WORDS: Narrative of daily and literacy; social-cognition; humor laugh.

1. Apresentação

Esta comunicação está situada na área da Análise Crítica do Discurso com os fundamentos teóricos dos gêneros textuais e das representações sociais. Tem-se por tema a compreensão textual do risível em narrativas do cotidiano, de forma a tratar as transgressões sócio-cognitivas que produzem o risível. Entende-se que o gênero não é apenas uma forma de língua, mas uma forma típica de enunciar que permite aos interlocutores reconhecê-la.

Tem-se por objetivo geral contribuir com os estudos de textos humorísticos, vistos como seu contexto, e por objetivos específicos: 1. examinar, na interação sócio-comunicativa, elementos que produzem o riso no interlocutor; 2. verificar em que medida as construções textuais de narrativas do cotidiano produzem o riso; 3. situar no ato da enunciação as suas relações com o enunciado a partir de orientações e seleções lexicais.

A hipótese orientadora da investigação que o risível está relacionado à quebra criada pelo produtor, de forma a situar os mundos possíveis. Assim sendo, o risível está relacionado tanto à enunciação quanto ad cognições sociais, que constroem as emoções e orientam a produção textual pelo ato argumentativo. Nesse sentido, entende-se que o risível é a consequência de uma transgressão produzida num saber prévio instituída que relacionam os interlocutores.

2. Fundamentação Teórica

A Análise Crítica de Discurso, com vertente sócio-cognitiva, tem como principal representante Van Dijk (1997). O autor trata das categorias Discurso, Sociedade e Cognição que se inter-relacionam, pois, definem-se uma pela outra. Assim, o Discurso é entendido como uma prática social, composta por participantes, funções e coes, com tipos específicos de textos; a Sociedade é formada por conjunto de grupos sociais onde as pessoas se reúnem por terem objetivos, propósitos e interesses comuns, pois ao focalizar as coisas no mundo têm um mesmo ponto de vista; e, a Cognição é construída por conhecimentos vividos e experienciados em sociedade, representados no e pelo discurso os conhecimentos sociais

que guiam os individuais. Esses são experienciados individualmente, embora guiados pelo social, modificam-no.

Entende-se que as categorias analíticas Discurso, Sociedade e Cognição por se inter-relacionarem implicam raízes históricas em contemporaneidade, relativas, respectivamente, à Memória Social e à contemporaneidade, sendo que esta determina a historicidade dos acontecimentos. É nessa inter-relação que se pode resgatar o Marco de Cognições Sociais (Memória Social), e são eles que, tanto no se refere aos conhecimentos de mundo quanto aos valores culturais e ideológicos atribuídos a ele, de forma construir para os interlocutores constrói para os interlocutores em geral, já foram tratados pelos estudiosos da crônica nacional com fatos ou vida cotidianos, Silveira (op.cit. p.14). A crônica brasileira é um tipo de texto opinativo, que se define pela representação do ponto de vista do cronista acerca de acontecimentos cotidianos, em conjunção com o Marco das Cognições sociais, de forma a construir um evento discursivo particular.

Os modelos cognitivos individuais são dinâmicos e se modificam constantemente. A constância resulta do Marco das Cognições sociais, ou seja, os indivíduos representam pontos focalizados comuns ao do grupo social que pertence, visto que os conhecimentos sociais são persistentes e os individuais, dinâmicos, ao mesmo tempo, modificam os conhecimentos sociais.

Nesse sentido, as representações resultam ideologicamente de estruturas cognitivas sociais e individuais, no seu cotidiano. As representações lingüísticas são partes de um todo, capaz de produzir situações discursivas de um mesmo texto para diferentes leitores, às vezes, podem se tornar comum e constituir a realidade dos grupos sociais, transformando as ideais representadas em práticas de conhecimentos interacionais.

O caráter dinâmico do processamento textual permite que as representações dos conhecimentos individuais em confronto com os sociais sejam constantemente renegociadas, de forma a poder participar de diferentes grupos sociais ao mesmo tempo ou ser objeto de rejeição inter grupal. Além disso, os conhecimentos são sempre produzidos e reproduzidos por interação comunicativa e sua interação liga-se aos interesses sociais dos grupos.

No que se refere à teoria dos gêneros textuais, esta precede à literatura, com os gregos Platão, Horácio, Quintiliano e com Aristóteles surge às sistemáticas dos gêneros que compõem o discurso: *aquele que fala; aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala*. Atualmente, os estudos de gêneros textuais englobam uma visão multidisciplinar, diz respeito à língua como categoria cultural, esquema cognitivo, organização sócio-comunicativa e interacional.

Essas reflexões acerca da Análise Crítica do Discurso e da Teoria das Representações confirmam a importância dos fenômenos sociais, portanto culturais como elementos do riso e do risível. As manifestações escritas geradoras de riso, em outra situação, conforme o tempo e espaço podem indicar imprecisão, porque a recorrência e a discrepância não estão apenas no nível da palavra.

Ao retomar Aristóteles, de que “o homem é um animal que sabe rir” e o risível é um enigma decorrente da essência humana, Bergson (2004) adiciona a causa do risível às decorrências da sociedade que encontra motivos e resposta para rir. Por isso, uma paisagem, um animal, um objeto nunca será risível, mas o homem pode apreender deles uma atitude humana.

O risível ultrapassa a dimensão da natureza lingüística, pode ser conferida com os outros conhecimentos, que são tanto sociais quanto individuais. Os conhecimentos sociais são construídos em sociedade, organizados em sistemas e transferidos no e pelo discurso, de modo a formar representações, como forma de conhecimentos, organizados por esquemas mentais, a partir do lingüístico, enciclopédico e sócio-interacional. No sistema lingüístico, os indivíduos têm armazenado os conhecimentos gramaticais e lexicais. No enciclopédico, compreende os conhecimentos de mundo. No interacional, encontram-se os esquemas de interação sócio-comunicativa, como atos de fala, máximas conversacionais, esquemas textuais, formações discursivas, condições de produção e contextos discursivos.

Os conhecimentos são entendidos como formas de representação mental e estas são guiadas pelo social, mas modificado pelo individual. Assim a memória social é dinâmica. Nessa relação, os conhecimentos são representações conjuntas no social e particularizada no individual, pois decorre de experiências pessoais, de cada indivíduo com o mundo.

3. Resultados obtidos

Durante a produção de sentidos, na memória de trabalho, constrói-se um contexto cognitivo, composto por conhecimentos ativados na memória de longo prazo. Tal contexto cognitivo é constituído de forma a propiciar que o produtor construa uma expectativa para o interlocutor, cujas informações serão entradas na memória de trabalho. Dessa forma, o cronista constrói expectativas para seus interlocutores; estes ao se depararem, inesperadamente, com novas informações, que rompem com a expectativa criada, obrigando os interlocutores a reformular seu contexto cognitivo, de forma a causar o risível pelo engano reconhecido em seu contexto anterior.

É relevante considerar os sistemas de conhecimentos entrelaçados entre os domínios lingüísticos, enciclopédicos e sócio-interacional como formadores de letramento, cuja dinamicidade é contínua tanto na aquisição de letramento quanto no processo, do mesmo modo são os domínios de conhecimentos, ao mesmo tempo em que um conduz também depende um do outro, recursivamente.

Frente ao exposto, entende-se que alfabetização não é letrado. A alfabetizado conhece as letras que compõe o sistema lingüístico escrito.

O letrado é competente por reconhecer as letras e o signo lingüístico, mas é capaz, também, de ativar conhecimentos armazenados na Memória de Longo Prazo dos indivíduos. Assim, fazer inferências e explicar implícitos, expandindo as informações lidas no texto-produto. Ainda é capaz de reduzir as informações expandidas em sentidos secundários construindo um sentido mais global, a coerência do texto.

No ato comunicativo, o enunciado, ao se constituir como objeto de relação entre falante e ouvinte, ainda que pareça invariável, poderá adquirir graus de variações ligados ao inventário das unidades enunciativas e do ponto de vista de quem predica e, ao mesmo tempo, de quem recebe, porque as projeções a partir dos enunciados, também, são subjetivas de uma enunciação para outra. Entende-se, assim, que o risível não decorre de conhecimentos de mundo nem de língua, mas decorre das formas de representar e ver as coisas no mundo, por quem observa os acontecimentos e constrói representações mentais que são armazenados na memória de longo prazo dos indivíduos, seja social, seja

individual. Esses conhecimentos ao serem ativados, vão para a memória de trabalho para o processamento da informação entrada na memória de curto prazo.

A título de exemplificação, dos resultados obtidos, é apresentado no texto crônica de Fares (2006), disponível via Internet:

“E-mail errado!!!

Um casal decide passar férias numa praia do Caribe, no mesmo hotel onde passaram a lua-de-mel 20 anos atrás. Por problemas de trabalho, a mulher não pôde viajar com seu marido, deixando para ir uns dias depois. Quando o homem chegou e foi para seu quarto do hotel, viu que havia um computador com acesso à internet, então decidiu enviar um e-mail a sua mulher, mas errou uma letra sem se dar conta e o enviou a outro endereço, o e-mail foi recebido por uma viúva que acabara de chegar do enterro do seu marido e que ao conferir seus e-mails desmaiou instantaneamente. O filho, ao entrar em casa, encontrou sua mãe desmaiada, perto do computador, que na tela poderia se ler: Querida esposa, cheguei bem. Provavelmente se surpreenda em receber notícias minhas por e-mail, mas agora tem computador aqui e pode-se enviar mensagens às pessoas queridas. Acabo de chegar e já me certifiquei que já está tudo preparado para você chegar na sexta que vem. Tenho muita vontade de te ver e espero que sua viagem seja tão tranqüila como está sendo a minha.

Obs.: Não traga muita roupa, porque aqui faz um calor infernal!”

(Por Fares)

1) no que se refere à expectativa

O cronista constrói expectativas para o leitor, a considerar do título **“E-mail errado!!!** Cronista/locutor enuncia a imagem de algo que produz para o outro uma informação (alguém enviou um e-mail para endereço errado). Assim, cria para o leitor uma expectativa do conteúdo do texto a ser lido, a medida que ativa o conhecido de dois contextos diferentes que são cruzados em ocorrências de situações tão distintas. Além disso, a imediação comunicativa por internet o teclar de um dígito pode ocasionar o desvio de endereçamento.

2) no que se refere à ruptura da expectativa

No texto exemplificado, a crônica narrativa de cotidiano, na interação sócio-comunicativa, traz a representação por meio do discurso lúdico, o risível. O discurso lúdico decorre da ruptura inesperada com o contexto cognitivo do interlocutor e a informação nova, ou seja, é

na transição do saber velho para o novo. Assim, o cronista contextualiza para o leitor, duas representações vividas por dois casais, que celebram momentos diferentes.

- casal 1: marido que viaja para o Caribe, contexto cognitivo do leitor:

Um casal decide ir para o Caribe, onde passaram a lua-de-mel, há 20 anos, mas por motivo de trabalho, a esposa não pode viajar junto com o marido. Este ao chegar, verifica que, no hotel, agora há computador e internet, logo decide enviar um e-mail para esposa. Faz no final a seguinte observação: “*Não traga muita roupa, porque aqui faz um calor infernal!*”

O cronista conduz o leitor, a ativar os valores naturais das Ilhas caribenhas, em uma certa estação do ano, quando a temperatura é muito quente, portanto, exige o uso de roupa leves.

- casal 2: o enterro do marido, contexto cognitivo do leitor:

No retorno do enterro, a viúva deve se adaptar a uma nova situação, ausência do marido. Porém, ao chegar, em casa, vai conferir os e-mails, e desmaia instantaneamente.

- 3) estratégias construídas pelo cronista para que o leitor letrado construa seu contexto cognitivo:

3.1 uma apresentação dos contextos cognitivos dos personagens agrupados em dois casais

O cronista seleciona, intencionalmente, representações acerca de contextos diferentes entre dois grupos sociais: para o primeiro, representa a comemoração de 20 anos; descasado para o segundo, a viúva que retorna do enterro de seu marido, em seu contexto cognitivo, as representações ocorrentes são relativas à morte, ao abandono dela na Terra e a ida dele para algum outro lugar, após sua morte. A viúva tem de se adaptar com a perda do marido. Nessa nova empreitada vai contar com o apoio dos amigos e familiares.

3.2 a quebra de expectativa

Tal representação faz parte do *script* grupo social católico, que segue um ritual, quando ocorre o falecimento de um ente familiar. Porém, a mensagem na tela do computador rompe com a expectativa da viúva, esta desmaia; na medida em que ocorre uma ruptura no contexto cognitivo do leitor, porque um desmaio ativa o *script* de algo grave e a revelação por e-mail cria uma circunstância que reformula a projeção do leitor.

3.3 o risível como ruptura sócio-cognitiva

O contexto cognitivo construído pelo leitor compreende representações culturais relativas, ao recém enterro de um dos cônjuges e representações ideológicas com base na religião cristã, de forma a polarizar os *frames* prêmio X punição, através de santidade X pecado. Enunciados por viagem e morte, ou seja, “*o e-mail foi recebido por uma viúva que acabara de chegar do enterro do seu marido e que ao conferir seus e-mails desmaiou instantaneamente (...). Querida esposa, cheguei bem. (...) espero que sua viagem seja tão tranqüila como está sendo a minha*”.

Segundo Silveira (2000), as crônicas brasileiras são construídas com um esquema textual-tipo e compreendem os conhecimentos relativos à vida cotidiana dos brasileiros, suas raízes históricas estão no discurso fundador no Brasil, que é modificado a cada contemporaneidade.

Na vida cotidiana do brasileiro, o uso de computador tornou-se uma freqüência e a interação sócio-comunicativa, por internet por e-mail, compõe os conhecimentos do marco das cognições sociais desse grupo. O inesperado é construído por uma circunstância, que é a recepção do e-mail errado, que conflita com o modelo de situação sofrida pela viúva, que não espera obter notícia de quem foi enterrado, e como tal, poderia ter ido para céu ou para o inferno.

O e-mail errado cruza com duas situações: uma que aguarda fazer turismo no Caribe e, outra que acaba de chegar do enterro do marido, ao chegar, em casa, encontrar uma mensagem “*Acabo de chegar e já me certifiquei que já está tudo preparado para você chegar na sexta que vem (...) Não traga muita roupa, porque aqui faz um calor infernal!*”. Tal cruzamento constrói inferências ostensivas obrigando o interlocutor a modificar o seu contexto cognitivo e, concomitantemente, produzir o risível.

Outra expectativa é gerada com a entrada do filho da viúva, ao ver a mãe desmaiada e na tela do computador a mensagem: “*Querida esposa, cheguei bem. Provavelmente se surpreenda em receber notícias minhas por e-mail, mas agora tem computador aqui e pode-se enviar mensagens às pessoas queridas. Acabo de chegar e já me certifiquei que já está tudo preparado para você chegar na sexta que vem. Tenho muita vontade de te ver e*

espero que sua viagem seja tão tranqüila como está sendo a minha". O filho ao encontrar a mãe desmaiada ver na tela do computador, o vocativo de "*Querida esposa*" e o aviso "(...) *cheguei bem (...) que sua viagem seja tão tranqüila como está sendo a minha*". O cruzamento desses contextos produz o risível para quem ler, tanto por saber do equívoco do e-mail quanto do *script* do discurso religioso, jurar no casamento, manter-se fiel na saúde, na doença e na dor até que a morte os separe.

No discurso religioso, ato de fala manter-se fiel na saúde (...) até que a morte os separe, ativa o *script* que remete à avaliação do que o indivíduo fez na Terra e de acordo com seu comportamento e atitudes, o indivíduo, pode ir para o inferno ou céu, e ao tratar da "*Obs.: Não traga muita roupa, porque aqui faz um calor infernal!*" Cria-se a expectativa de punição, por trata-se de um calor comparado a representação do que seja o inferno.

O risível é acionado pelo paradoxo textual construído por dois contextos cognitivos diferentes, relativos a personagens da crônica exemplificada, uma deve viajar e encontrar o marido; a outra retorna do enterro de seu marido. Para a personagem que está no Caribe, no seu contexto cognitivo, as representações ocorrentes são caracterizadas pela emoção (tenho muita vontade de ti ver e espero que sua viagem seja tão tranqüila como está sendo a minha) e pela informação "não traga muita roupa, porque aqui (Caribe) faz um calor infernal".

Nesse sentido, os conhecimentos lingüísticos não dão conta de explicar o risível representado na crônica "*E-mail errado*", porque nem todos os falantes e conhecedores da cultura riem apenas do que é representado no texto, mas torna-se risível o reconhecimento sócio-cognitivo de situações atribuídas ao vivido e experienciado, as representações realizadas pelo cronista causam no interlocutor o risível. Portanto, o risível decorre de uma ruptura com o esperado e o deflagrar do inesperado, na medida em que o interlocutor reformula seu contexto cognitivo.

3.4 a construção de expectativas sócio-comunicativa e a produção de emoções

Entende-se o risível como resultado da projeção de um esquema conceitual reformulado por uma relevância verbal, mencionada pelo narrador. Este, intencionalmente, seleciona do conhecimento enciclopédico informações que os interlocutores ativam da memória de longo prazo conhecimento enciclopédico que constrói, na memória de trabalho, um núcleo semântico, o contexto cognitivo. Tal estratégia obriga o interlocutor a fazer uma inferência

ostensiva e reformular seu contexto cognitivo, ocasionado pelo inesperado, enquanto o riso acontece no momento da tomada de consciência de dois modelos: um em construção e o outro, pela ruptura do engano armado pelo narrador.

Na crônica, a primeira representação de quebra de uma expectativa trata do homem que ao chegar e no seu quarto do hotel, “*viu que havia um computador com acesso à internet, então decidiu enviar um e-mail a sua mulher*”. O narrador ativa os conhecimentos enciclopédicos de seus interlocutores, ao tratar de um meio tecnológico de comunicação, obviamente, de eficácia e rapidez. Porém, cria uma circunstância de expectativa para os interlocutores ao mencionar que: “*mas errou uma letra sem se dar conta e o enviou a outro endereço*”. Nessa seqüência, os interlocutores projetam a possível receptora da informação, que de acordo com o cronista: “*o e-mail foi recebido por uma viúva que acabara de chegar do enterro do seu marido e que ao conferir seus e-mails desmaiou instantaneamente*”. A esposa localiza o marido na outra vida na outra vida, porque o contexto cognitivo de mãe e filho era morte e pós-morte.

O cronista constrói no seu texto a orientação referencial pela junção de dois fatos e com referentes paralelos, portanto, diferentes que, após, na progressão semântica do texto se cruzam. Seguindo os passos da construção do contexto, a esposa que chega do enterro do marido depara-se com um convite de encontro marcado pelo marido “morto”, ao ler ela desmaia. Nesse momento, dá-se a separação dos interlocutor/leitores da personagem da história, porque o leitor sabe que o e-mail não é enviado do outro mundo, nesse interstício ele rir, após ter a viúva desmaiado. Além disso, a observação inserida: “*Não traga muita roupa, porque aqui faz um calor infernal!*”, também é ostensivo para a personagem e risível para o leitor.

Nesse sentido, os conhecimentos e crenças comuns entre locutor e interlocutores ocorrem quando compartilham socialmente com outros membros da mesma cultura. Isto exige conhecimentos de estratégias inferenciais e explicitação de implicaturas. Assim, pois não é necessário informações detalhas, porque os interlocutores devem completar realmente a informação que lhes falta. As intenções comunicativas sempre variam e o no caso do risível, tanto por parte do locutor quanto dos interlocutores.

A guisa de conclusão

Conclui-se que o risível decorre de rupturas com os conhecimentos sociais, a memória social, de forma a exigir que o leitor, ostensivamente, reformula o seu contexto cognitivo. Para tanto usa de argumentos e de sedução.

Por essa formalidade, o cronista obriga o interlocutor a fazer uma inferência ostensiva e reformular seu contexto cognitivo, ocasionado pelo inesperado, enquanto o riso acontece no momento da tomada de consciência do leitor, de seu engano.

Referências

BERGSON, H. *O riso, ensaios sobre a significação da comicidade*. Trad. BENEDETTI, I. C. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIJK, T. A. Van. *Racism y análisis crítico de los medios*. Paidós Comunicación. Barcelona, Espanha: 1997.

_____ (2000) *El discurso como interacción social – estudios del discurso: introducción multidisciplinaria*. Volumen 2. Gedisa Editorial.

_____ A. *Ideología y discurso*. Barcelona – ES. Ariel Lingüística, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo Parábola, 2008.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

SILVEIRA, R. C. P. da e SELAN, A. R. B. **Sociedade, Cognição e Discurso: conhecimentos e a leitura de texto narrativo de humor**. In: Bastos, N. B. (org). *Língua portuguesa: lusofonia e memória e diversidade cultural*. São Paulo: Educ, 2008. pp . 123-129.

SOARES, Magda. *Letramento, um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevância: comunicação e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Chumbo e cádmio em cabelo de crianças de Santo Amaro da Purificação, Bahia

Fernando Martins Carvalho,
 Annibal Muniz Silvany Neto,
 Maria Engrácia C. Chaves
 e Adélia Maria C. de Melo
 Departamento de Medicina Preventiva, UFBA
 Antônio Luengo Galvão
 e Tânia Mascarenhas Tavares
 Instituto de Química, UFBA

Abstract. *Lead and cadmium contents in hair of children from Santo Amaro da Purificação, Bahia.* Lead and cadmium concentrations were determined in the hair of 263 1-to-9-year old children living less than 900 m from a lead smelter in the city of Santo Amaro da Purificação, Bahia, Brazil. Hair concentrations of lead (PbH) and cadmium (CdH) were determined by atomic absorption spectrophotometry. Geometric mean and standard deviation of PbH levels were 313×3.2 ppm, ranging from 20 to 4933 ppm. Geometric mean and standard deviation of CdH levels were 4.1×2.2 ppm, ranging from 1 to 36 ppm. Levels of PbH and CdH decreased proportionally to increased age of children and distance between their home and the smelter chimney. The levels of metals in hair, particularly those of lead, increased proportionally to increased residence time in the area. Determination of lead and cadmium in hair proved to be useful as an epidemiological index in this episode of intense environmental pollution. **Key words:** lead; cadmium; hair; atomic absorption.

Resumo. As concentrações de chumbo e cádmio foram determinadas no cabelo de 263 crianças de um a nove anos de idade, residentes a menos de 900 m de uma fundição primária de chumbo, situada em Santo Amaro da Purificação, Bahia, Brasil. As concentrações de chumbo (PbC) e cádmio (CdC) foram determinadas por espectrofotometria de absorção atômica. A média geométrica e desvio padrão dos níveis de PbC foram $313 \times 3,2$ ppm, variando de 20 a 4933 ppm. A média geométrica e desvio padrão dos níveis de CdC foram $4,1 \times 2,2$ ppm, variando de 1 a 36 ppm. Os níveis de PbC e CdC tenderam a diminuir proporcionalmente ao aumento da idade e ao aumento da distância entre a residência da criança e a chaminé da fundição. Os níveis destes metais no cabelo, particularmente os de chumbo, aumentaram proporcionalmente ao maior tempo de residência na área. A determinação das concentrações de chumbo e cádmio no cabelo demonstrou sua utilidade como indicador epidemiológico neste episódio de intensa poluição ambiental. **Palavras-chave:** chumbo; cádmio; cabelo; absorção atômica.

Na periferia da cidade de Santo Amaro da Purificação, Recôncavo Baiano, uma fundição primária de chumbo funciona há 29 anos. Durante os primeiros 20 anos de atividade, a indústria despejou no rio Subaé 250 toneladas de cádmio, sendo outras 150 toneladas lançadas ao ar. Não se tem dados exatos sobre a quantidade de chumbo lançada no meio ambiente pela fundição. Vários estudos têm revelado os efeitos da intensa contaminação por chumbo e cádmio no meio ambiente e para a saúde de moradores da região^{1,2,3}. Num estudo realizado nesta área, Carvalho *et al.*⁴ encontraram que mais de 75% das crianças residentes a menos de 900 m da fundição apresentaram concentração de chumbo no sangue igual ou maior do que 2,00 $\mu\text{mol/l}$ (35 $\mu\text{g}/100\text{ ml}$) como valor de referência. Num outro estudo, os mesmos autores⁶ encontraram que 96% das crianças da área apresentavam concentração do cádmio no sangue igual ou superior a 0,0082 $\mu\text{mol/l}$ (1,0 $\mu\text{g}/\text{l}$), que é tomado comumente como valor de referência⁷. Ao contrário do sangue e da urina, nos quais os agentes tóxicos podem estar em constante fluxo metabólico, os pêlos servem como depósito, formados num curto período de tempo e isolados dos processos gerais do organismo humano. O componente exógeno excretado através dos pêlos reflete apenas aqueles eventos metabólicos que ocorreram em alguns poucos dias, durante sua fase de crescimento⁸. O cabelo humano cresce cerca de 1 cm por mês⁹.

O metal presente nos pêlos pode ser originário: a) da absorção do organismo; b) absorvido pela superfície do cabelo e incorporado à sua estrutura¹⁰. A tecnologia laboratorial, atualmente, não permite a distinção da concentração de metal endógeno e exógeno em amostras de cabelo^{7,11,12}. Assim, como outros metais pesados, o chumbo e o cádmio são incorporados às proteínas do pêlo a nível dos folículos, graças à presença abundante de grupamentos sulfidríla (-SH), de tal forma que é impossível removê-los^{10,13}.

O cabelo concentra mais chumbo por unidade de peso que qualquer um dos tecidos humanos¹⁴. A dosagem de chumbo em cabelos humanos tem mostrado ser um indicador útil, simples e prático na avaliação do complexo processo de exposição, absorção e excreção do metal^{12,15,16}.

O presente estudo objetivou determinar as concentrações de chumbo e cádmio em cabelo de crianças residentes nas cercanias de uma fundição de chumbo, associar as variações destas

concentrações com a idade, tempo de residência na área e distância do domicílio da criança à fundição e verificar a correlação de cabelo com outros indicadores epidemiológicos destes metais pesados.

Material e métodos

A área do estudo foi delimitada por um círculo de 900 m de raio, tomando-se a chaminé como ponto central. Das 648 crianças de um a nove anos residentes na área, foi possível retirar uma amostra de cabelo pesando pelo menos 1 g de 263 indivíduos. Num questionário padronizado foram coletadas informações sobre a idade e tempo de residência da criança na área. As entrevistas foram realizadas por dois médicos e dois estudantes de medicina. Maiores detalhes sobre estes procedimentos podem ser encontrados em outra publicação¹⁷.

As concentrações de chumbo e cádmio no cabelo foram determinadas por espectrofotometria de absorção atômica. Cada amostra foi tratada independentemente: cerca de 1 g de cabelo foi lavado com uma solução 10% em Extran neutro, com uma pré-lavagem manual e depois com ultra-som por 20 minutos, enxaguada duas vezes com água desionizada em ultra-som e seca a 60 °C. Porções de 0,1 g pesadas com precisão de 0,1 mg foram mineralizadas em tubo de ensaio de vidro pirex de 10 ml com 2 ml de HNO_3 concentrado à temperatura ambiente por 12 horas e, depois, a 80 °C em bloco de alumínio. Cem μl do mineralizado foram diluídos a 1500 μl em tubos Eppendorf e analisados para chumbo e cádmio por espectrofotometria de absorção atômica em aparelho Perkin Elmer 460 com forno de grafite (HGA 2200) com introdução de 10 μl em tubos de grafite pirolizados, utilizando-se correção de deutério para ruído de fundo. As condições para a determinação de cada metal foram as seguintes: Cd — lâmpada de cátodo oco em comprimento de onda de 228 nm, secagem a 100 °C por 20 segundos, carbonização a 300-350 °C por 10 segundos, atomização a 2000 °C por 10 segundos, limpeza a 2600 °C por 2 segundos. Pb — lâmpada de descarga em comprimento de onda de 283,3 nm, secagem a 100 °C por 10 segundos, carbonização a 500 °C por 30 segundos, atomização a 2300 °C por 10 segundos, limpeza a 2600 °C por 2 segundos. Soluções padrão dos metais Tritrisol da Merck foram utilizadas para curvas de calibração, pareadas com matriz. Todos os utensílios de laboratório foram descontaminados com HNO_3 con-

centrado. Utilizaram-se sempre ponteiros Eppendorf para micropipeta, isentas de cádmio. Por não se dispor de amostra de referência de cabelo repetiu-se a cada dez amostras a leitura de dois cabelos diferentes, um de pessoa não exposta ocupacionalmente a esses metais e outra de indivíduo altamente exposto. A reprodutibilidade foi sempre acima de 90%.

Para análise dos dados estatísticos usou-se um conjunto de programas para computador desenvolvidos por Nie *et al.*¹⁸.

Resultados e discussão

As concentrações de PbC variaram de 20 a 4933 ppm, com média aritmética igual a 558 ± 644 e mediana igual a 349 ppm, e apresentaram média geométrica igual a 313,3 ppm (desvio padrão de 3,2).

Faz-se necessário situar nossos resultados dentro da literatura científica existente sobre o tema. Os presentes dados encontram-se entre os mais elevados registrados em outros estudos. Em crianças residentes na periferia de fundições em outras partes do mundo, encontraram-se as seguintes concentrações médias de PbC: Estados Unidos, 118 ± 100 ppm¹⁹; Inglaterra, 7,5 a 12,8 ppm²⁰; Alemanha, $9,52 \pm 5,36$ ppm²¹ e Holanda, 6,8 ppm²².

Os únicos outros dados destes metais em cabelos de populações brasileiras referem-se a pescadores adultos do Estado da Bahia³. Como a metodologia de coleta e análise foi semelhante à realizada no mesmo laboratório, justifica-se um contraste. Pescadores adultos, residentes a cerca de 4 km da fundição de Santo Amaro, apresentaram níveis de PbC entre 2 e 1168 ppm, média aritmética de 90,3 e média geométrica igual a $39,6 \times 3,18$ ppm. Pescadores de uma área controle, não poluída, apresentaram níveis de PbC entre 0 e 87 ppm, média aritmética de 13,3 e média geométrica igual a $6,9 \times 3,2$ ppm³.

Tabela 1 Distribuição de freqüência dos níveis de PbC em cabelo de crianças na cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia.

PbC (ppm)	N	%
20 - 49	26	10,0
50 - 100	28	10,6
101 - 300	59	22,4
301 - 500	47	17,9
501 - 1000	65	24,7
1001 - 4933	38	14,4
Total	263	100,0

Níveis de PbC em crianças são sistematicamente mais altos que nos adultos²³. No entanto, independente da idade, níveis de PbC superiores a 100 ppm indicam exposição/absorção/excreção elevadas do metal e a necessidade de investigação toxicológica mais profunda¹³. Setenta e nove por cento das crianças deste estudo apresentaram valores de PbC superiores a 100 ppm, sendo que 14,4% estavam acima de 1000 ppm (tabela 1). Grandjean²⁴, ao estudar exposição ocupacional ao chumbo, propôs que o PbC seja usado como método de triagem da intoxicação por este metal. Estimou que um nível de PbC de 70 ppm corresponderia a um nível de PbS de cerca de $60 \mu\text{g}/100 \text{ ml}$ ($2,88 \mu\text{mol/l}$). Contudo, esta relação não se aplica à situação existente em Santo Amaro.

As concentrações de CdC variaram de 1 a 36 ppm, com média aritmética e mediana, respectivamente, de $5,7 \pm 5,1$ ppm e 4,0 ppm e média geométrica de $4,1 \times 2,2$ ppm. Em estudo semelhante, realizado com 126 crianças americanas residentes nas imediações de duas fundições de chumbo, foi encontrado um valor mediano de CdC igual a 3,55 ppm, enquanto que este valor para 160 crianças residentes em áreas de referência foi de 0,51 ppm²⁵. Em 183 crianças de oito anos de idade, residentes em área não industrial de Amsterdã, o valor mediano de CdC foi cerca de 0,5 ppm, variando de 0,16 a 4,1 ppm⁸. A média geométrica de CdC para crianças residentes em Chicago foi estimada em 0,789 a 0,959 ppm²⁶. Entre pescadores adultos de Santo Amaro, a faixa de valores foi entre 0,18 a 9,89 ppm, com média igual a 1,72 e média geométrica igual a $1,01 \times 2,70$ ppm. Na área controle, foram encontrados níveis na faixa de 0,01 a 4,20 ppm, com média de 0,97 e média geométrica de $0,15 \times 4,18$ ppm³. Os dados da literatura indicam que os níveis de cádmio no cabelo não se correlacionam tão bem quanto os de chumbo com a quantidade total de metal absorvido e nem com seus efeitos sobre o organismo humano^{7,13}. A despeito deste fato, diversos autores destacam a utilidade dos exames de cádmio no cabelo para monitorar o nível de exposição/absorção do metal^{12,15}. Um terço da amostra da população estudada apresentou valores de CdC superiores a 5 ppm, o que é um nível extremamente elevado (tabela 2). No entanto, não existe um valor de CdC que seja amplamente aceito como indicativo de risco ou de necessidade de investigação toxicológica.

Como pode ser visto, os valores de metais encontrados em cabelos de crianças de Santo Ama-

Tabela 2 Distribuição de frequência dos níveis de CdC em cabelo de crianças da cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia.

CdC (ppm)	N	%
até 1	26	9,9
2 - 3	87	33,0
4 - 5	62	23,6
6 - 7	25	9,5
8 - 9	20	7,6
10 - 11	13	5,0
12 - 36	30	11,4
Total	263	100,0

Tabela 3 Média geométrica (MG) e desvio padrão (DP) das concentrações de PbC e CdC (ppm) segundo o tempo de residência da criança na área.

Tempo de residência (meses)	PbC		CdC		N
	MG	DP	MG	DP	
1 - 3	140,2	2,8	3,6	1,8	13
4 - 6	204,2	2,8	3,5	2,1	16
7 - 12	299,2	3,3	4,8	2,2	19
13 - 24	343,4	3,2	3,7	1,9	27
25 - 119	346,4	3,2	4,2	2,2	185
Total	316,8	3,2	4,2	2,2	260

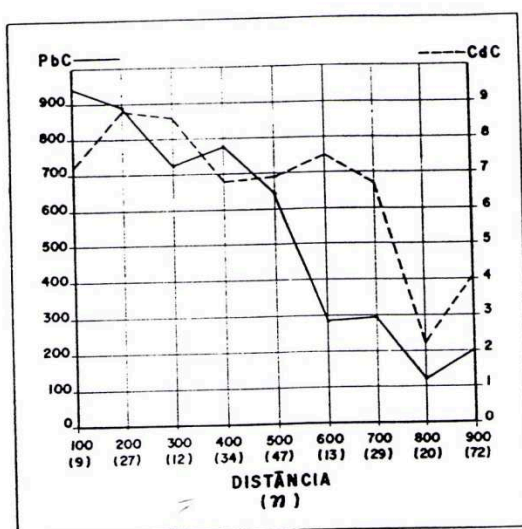


Figura 1 Média geométrica das concentrações de PbC e CdC (ppm) segundo a distância (m) do domicílio da criança à fundição. Entre parênteses, o número de indivíduos em cada grupo. Santo Amaro da Purificação, 1980.

ro, principalmente os de PbC, são os mais altos quando comparados aos relatados para crianças de outras partes do mundo sob exposição ambiental.

Desde que a lavagem do cabelo das crianças é feita de maneira muito precária, muitas vezes se restringindo apenas ao uso de água, pode-se conjecturar sobre a possibilidade de uma maior incorporação dos metais por origem externa do que em outras populações, onde as condições sócio-econômicas são mais elevadas, e atribuir a este fator a magnitude dos nossos resultados. No entanto, vale ressaltar que dados de chumbo e cádmio no sangue, obtidos anteriormente para esta população infantil, situam-se também entre os mais altos quando comparados com dados de exposição ambiental descritos na literatura²⁷.

Quando relacionados com a distância entre a residência da criança e a chaminé da fundição

(figura 1), verificou-se um decréscimo nos valores de CdC e PbC para um aumento desta distância. A influência do tempo de residência da criança na área pode ser vista na tabela 3. Os níveis de PbC aumentaram proporcionalmente com esse tempo. Os níveis de CdC não variaram de forma tão marcante ou sistemática quanto os de PbC em relação ao tempo de residência. Entretanto, indivíduos com menos de seis meses na área apresentaram valores mais baixos de CdC. A figura 2 mostra que os valores médios de PbC tenderam a diminuir com o aumento da idade. Por outro lado, os valores de CdC não variaram substancialmente dentro dos nove grupos etários considerados.

A correlação linear entre os níveis de PbC e CdC ($r = 0,64$) foi mais forte do que aquelas observadas entre os níveis de chumbo no sangue (PbS) e cádmio no sangue (CdS) ($r = 0,28$), entre PbC e PbS ($r = 0,38$) ou entre CdC e CdS

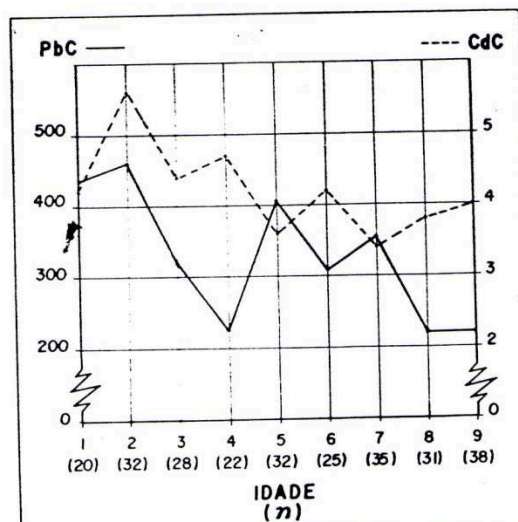


Figura 2 Média geométrica das concentrações de PbC e CdC (ppm) segundo a idade (anos). Entre parênteses, o número de indivíduos em cada grupo etário. Santo Amaro da Purificação, 1980.

($r = 0,10$) nas 263 crianças, dados estes obtidos anteriormente^{28,29,30}. Os níveis de CdC e PbC aqui relatados apresentaram variação semelhante à de outros indicadores toxicológicos (níveis de chumbo, cádmio e zinco protoporfirina no sangue) em relação às variáveis idade, tempo de residência na área e distância da residência da criança à fundição, tal como foi observado em estudos anteriores realizados nesta mesma população^{4,6,27}.

Assim, pode-se concluir que, apesar de os níveis de Pb e Cd nos cabelos terem demonstrado sua utilidade como indicadores de exposição/absorção/excreção, não apresentaram boa correlação linear com os níveis destes metais no sangue. Isto pode ser explicado parcialmente pelas diferentes escalas de tempo, refletidas pelos diferentes indicadores. Os níveis de PbS e CdS elevam-se poucas horas após a absorção de uma dose do metal pelo organismo humano^{7,13}. O nível de chumbo no sangue reflete aproximadamente a quantidade acumulada no organismo e chega até a ser tomado como indicador da "dose" de chumbo absorvida e representativa do "risco" de desenvolver efeitos tóxicos por este metal¹³. Já os níveis de PbC e CdC dependem da taxa de crescimento do cabelo humano e refletem uma exposição ao metal num passado mais remoto.

Notas e referências

- As crianças em sua saúde, o solo no rio Coité do Rio...*
1. A.M. Sylvany-Neto, F.M. Carvalho, M.E.C. Lima e T.M. Tavares — Determinação social da intoxicação por chumbo em crianças de Santo Amaro, Bahia. *Ci. e Cult.*, 37: 1614-1626 (1985).
 2. F.M. Carvalho, T.M. Tavares, S.P. Souza e P. Linhares — Absorção e intoxicação por chumbo e cádmio em pescadores da região do Rio Subaé. *Ci. e Cult.*, 35: 360-366 (1983).
 3. F.M. Carvalho, T.M. Tavares, S.P. Souza e P. Linhares — Lead and cadmium concentrations in the hair of fishermen from the Subaé river basin, Brazil. *Environ. Res.*, 33: 300-306 (1984).
 4. F.M. Carvalho, A.M. Sylvany-Neto, T.M. Tavares, M.E.C. Lima e H.A. Waldron — Lead poisoning among children from Santo Amaro, Brazil. *Bull. Pan. Amer. Health Organiz.*, 19: 165-175 (1985).
 5. Department of Health and Social Security — *Lead and health. The report of a DHHS Working Party on lead in the environment.* Londres, HMSO 97-119 (1980).
 6. F.M. Carvalho, T.M. Tavares, A.M. Sylvany-Neto, M.E.C. Lima e F. Alt — Cadmium concentrations in blood of children living near a lead smelter in Bahia, Brazil. *Environ. Res.*, 40: 437-449 (1986).
 7. L. Friberg, T. Kjellström, G. Nordberg e M. Piscator — Cadmium. In L. Friberg et al. (orgs.), *Handbook on the toxicology of metals.* Elsevier, Amsterdã, 355-381 (1979).
 8. R.F.M. Herber, A.A.E. Wibowo, H.A. Das, R.J. Egger, W. Vandeyck e R.L. Zielhuis — Trace element levels in hair of eight-year-old children. *Int. Arch. Occup. Environ. Health*, 53: 127-137 (1983).
 9. H.C. Hopps — The biologic basis for using hair and nail for analysis of trace elements. *Sci. Total Environment*, 7: 71-89 (1977).
 10. G. Chittleborough — A chemist's view of the analysis of human hair for trace elements. *Sci. Total Environment*, 14: 53-75 (1980).
 11. J. Matsubara e K. Machida — Significance of elemental analysis of hair as a means of detecting environmental pollution. *Environ. Res.*, 38: 225-238 (1985).
 12. D.J. Fletcher — Hair analysis: proven and problematic applications. *Postgraduate Med.*, 72: 79-88 (1982).
 13. H.A. Waldron e D. Stöfen — Subclinical lead poisoning. Academic Press, Londres (1974).
 14. R.W. Goldblum, S. Derby e A.B. Lerner — The metal content of skin, nails and hair. *J. Invest. Dermatol.*, 20: 13-18 (1953).
 15. D.I. Hammer, J.F. Finklea, R.H. Hendricks, C.M. Shy e R.J. Horton — Hair trace metal levels and environmental exposure. *Amer. J. Epidemiol.*, 93: 84-92 (1971).
 16. A. Chattopadhyay, T.M. Roberts e R.E. Jervis — Scalp hair as a monitor of community exposure to lead. *Arch. Environ. Health*, 32: 226-236 (1977).
 17. F.M. Carvalho, M.L. Barreto, A.M. Sylvany-Neto, H.A. Waldron e T.M. Tavares — Multiple causes of anaemia amongst children living near a lead smelter in Brazil. *Sci. Total Environment*, 35: 71-84 (1984).
 18. N.H. Nie, C.H. Hull, J.G. Jenkins, K. Steinbrenner e D.H. Bent — *SPSS — Statistical Package for the Social Sciences.* 2ª ed., McGraw-Hill, Nova York (1975).
 19. S.M. Pueschel, L. Kopito e H. Schwachman — Children with increased lead burden. A screening and follow-up study. *J.A.M.A.*, 222: 462-466 (1972).
 20. D. Barltrop, C.D. Strehlow, I. Thornton e J.S. Weeb — Absorption of lead from dust and soil. *Postgraduate Med. J.*, 51: 801-804 (1975).
 21. J. Rosmanith, H. J. Einbrodt e W. Ehm — Zum Verhalten von Cadmium und Blei bei Kinder mit Unterschiedlicher Cadmium- oder Bleibelastung. *Zentralbl. Bakteriol. Orig. B.*, 165: 207-225 (1977).
 22. A.A.E. Wibowo, B. Brunekreef, E. Lebreit e H. Pieters — The feasibility of using lead in hair concentration in children. *Intern. Arch. Occup. Environ. Health*, 46: 275-280 (1980).
 23. D. Weiss, B. Whitten e D. Leddy — Lead content of human hair. *Science*, 178: 69-70 (1972).
 24. P. Grandjean — Lead concentration in single hair as a monitor of occupational lead exposure. *Intern. Arch. Occup. Environ. Health*, 42: 69-81 (1978).
 25. E.L. Baker et al. — A nation-wide survey of heavy metal absorption in children living near primary copper, lead and zinc smelters. *Amer. J. Epidemiol.*, 106: 261-273 (1977).
 26. N.E. Kowal, D.E. Johnson, D.F. Kraemer e H.R. Pahren — Normal levels of cadmium in diet, urine, blood and tissues of inhabitants of the United States. *J. Toxicol. Environ. Health*, 5: 995-1014 (1979).
 27. F.M. Carvalho, A.M. Sylvany-Neto, M.E.C. Lima, T.M. Tavares, M.G.A. Azaro e G.M.C. Quaglia — Chumbo e cádmio no sangue e estado nutricional de crianças, Bahia, Brasil. *Rev. Saúde Públ.*, 21: 44-50 (1987).
 28. F.M. Carvalho, A.M. Sylvany-Neto, M.E.C. Lima, A.L. Galvão e T.M. Tavares — Concentrações de chumbo e cádmio em cabelos de crianças de Santo Amaro da Purificação, Brasil. *Resumos 1º Congr. Bras. Química Ambiental.* Salvador, 19-21 junho, 1985, p. 69-70.
 29. F.M. Carvalho et al. — Cadmium in hair of children living near a lead smelter in Brazil. *The Sci. Tot. Environ.*, (no prelo) (1989).
- ... da elite pps...*

30. T.M. Tavares, A.M. Brandão, M.E.C. Chaves, A.M. Silvany-Neto e F.M. Carvalho — Lead in hair of children exposed to gross environmental pollution. *Intern. J. Environmental Analyt. Chem.*, (no prelo) 1989).

Artigo recebido em 16/mai/88

Aceito para publicação em 18/mai/89

Autores

Fernando Martins Carvalho — professor adjunto

Annibal Muniz Silvany Neto — professor adjunto

Maria Engrácia C. Chaves — médica, mestrado em Saúde Comunitária da UFBA

Adélia Maria C. de Melo — médica, mestrado em Saúde Comunitária da UFBA

Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Rua Padre Feijó, 29, Canela. 90.140 — Salvador, Bahia.

Antônia Luengo Galvão — química

Tânia Mascarenhas Tavares — professora adjunta Instituto de Química, Universidade Federal da Bahia Campus Universitário da Federação, s/n. 40.210 — Salvador, Bahia.

Exército cerca emissora de TV para prender sargento gay

Laci Araújo e o companheiro davam uma entrevista ao programa "SuperPop", da RedeTV!

Exército diz que ele foi preso pois é desertor; na revista "Época", os dois foram apresentados como o 1º casal gay da instituição

LAURA CAPRIGLIONE
DA REPORTAGEM LOCAL

Homens da Polícia do Exército armados com fuzis FAL, de uso exclusivo das Forças Armadas, e com pistolas, cercaram o prédio da Rede TV! na madrugada de ontem. O objetivo da missão: cumprir mandado de prisão contra o 2º sargento Laci Marinho de Araújo, 36, homossexual assumido, que encerrava uma entrevista ao programa "SuperPop", da apresentadora Luciana Gimenez. O sargento De Araújo, como é conhecido no Exército, estava em companhia do também sargento Fernando de Alcântara de Figueiredo. Ambos falavam sobre o relacionamento amoroso que mantêm desde 1997.

De Araújo e Figueiredo foram tema de capa da última revista "Época", que os apresentou como "o primeiro casal de militares brasileiros que assume a homossexualidade". "Eles querem me matar"; "Eles querem fazer uma queima de arquivo"; "Sou um arquivo morto"; "Vou me suicidar para não ir preso", gritava desesperado o sargento De Araújo, enquanto pedia socorro a entidades de defesa dos direitos humanos e de homossexuais, para evitar sua prisão. Ainda no ar, o programa mostrou o cerco ao prédio, enquanto a apresentadora exclamava nunca ter visto nada igual em anos de carreira.

O argumento para a prisão do sargento De Araújo apareceu às 4h de ontem. Foi nessa hora que o coronel de Cavalaria Cesar Augusto Moura, que chefiava a operação, apresentou o mandado assinado pela juíza militar Vera Lúcia da Silva Conceição. No documento, datado do dia 3 de junho, a juíza ordenou: que se "proceda a busca e captura do desertor (...) Laci Marinho de Araújo (...). Mando que se procedam (sic) a todas as diligências necessárias e se empreguem os meios indispensáveis".

Depressão crônica, epilepsia, esclerose múltipla, estresse traumático. O sargento De Araújo é um catálogo ambulante de doenças psíquicas, motivos que já justificaram sua internação para tratamento psiquiátrico em quatro oportunidades distintas. Sucessivas licenças médicas afastaram-no do serviço militar desde outubro de 2006. Atualmente, ele toma os medicamentos Flunarizina (para labirintite), Paroxetina (antidepressivo), Rivotril (ansiolítico), entre outros.

Segundo o Exército, desde o dia 15 de abril está sendo investigada suposta prática do crime de deserção pelo sargento De Araújo. No último dia 20, a Justiça Militar autorizou a prisão do acusado, mas ele não foi encontrado. Ao receber a informação de que De Araújo estava em um programa de televisão, a juíza Vera Lúcia da Silva Conceição pediu a captura. Segundo o Superior Tribunal Militar, o sargento agora passará por exames médicos. Se for considerado apto a continuar na carreira militar, será processado por deserção.

Ontem, com um quadro de confusão mental, agitação e agressividade, segundo atestado pelo médico psiquiatra Paulo Sampaio, que foi ao local representando o Conselho Regional de Medicina, o sargento es-



Exército na porta da RedeTV! para cumprir mandado de prisão

tava preso em um quarto do Hospital do Exército de São Paulo, na região do Cambuci. Dez soldados armados de pistolas montavam guarda na porta do apartamento. O sargento Figueiredo acompanhava o preso, hospedado no mesmo apartamento — foi uma permissão especial dada pelo Exército.

Segundo Figueiredo, seu companheiro não tem condições de reassumir o posto. "Ele está muito doente", disse, os olhos vermelhos de choro. Beto Sato, 28, da Associação Brasileira dos Gays e do Fórum Paulista de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros, considera que a ação do

Exército na Rede TV! é uma "demonstração clara da homofobia que existe na instituição. Quantos desertores existem por aí? Muitos. E você já viu alguma ação desse quilate? Ser justamente contra um homossexual a mais exibida de todas as ações de captura de um desertor é uma prova da homofobia que existe no Exército."

Os sindicatos dos jornalistas e dos artistas de São Paulo, e a Comissão dos Direitos da Pessoa Humana, Condepe, consideraram a ação de captura uma afronta à liberdade de manifestação e expressão. "É uma prisão dramática de uma pessoa doente, que nem sequer teve

direito a um defensor público", disse o advogado Francisco Luciano França, do Condepe.

O coronel Moura, que chefiou a operação, disse à Folha que foi "convocado" para cumprir o mandado de busca e prisão na Rede TV!. Por quem? "Pelo Comandante Militar do Sudeste", disse o militar. "Pelo general...", perguntou a reportagem. "Pelo Comando", limitou-se a responder.

Segundo ele, não houve qualquer motivação homofóbica na prisão. "Ninguém separa ou discrimina ninguém no Exército por sua religião, orientação sexual ou raça. O sargento De Araújo não feriu o pundonor da instituição pelo fato de ser homossexual. Isso é dele. O que está em questão é a condição de desertor. Se não cumpríssemos o mandado de prisão, aí sim, poderíamos ser acusados de falta, no caso de incorrer em prevaricação", disse.

Na porta do hospital, poucos recrutas atreviam-se a comentar a prisão do sargento De Araújo. Um, entretanto, passou pela reportagem falando em voz alta, para ser notado: "Vê só o strago que fazem umas bichinhas infiltradas."

➔ LEIA MAIS C4



O sargento Laci Marinho de Araújo no hospital militar do Cambuci

Comemore o Dia Mundial do Amasso.

12 de Junho - Dia dos Namorados.

Acertar o presente é um ótimo começo pra quem quer namorar, casar ou só ficar. Vem pra cá, vem. Aqui tem tudo pra sua família ficar feliz e, claro, para deixar você e seu amor bem juntinhos. E apaixonados.

Querem calar Laci, afirma o companheiro

DA REPORTAGEM LOCAL

A seguir, leia trechos da entrevista do sargento Fernando Figueiredo diante do hospital onde o companheiro, Laci de Araújo, está internado.

PERGUNTA - Como o Laci está? **FERNANDO FIGUEIREDO** - Ele está pior, com problema depressivo. Está havendo ingerência do comando [do Exército] para que os médicos deem apitação para que seja encarcerado.

PERGUNTA - Por quê? **FIGUEIREDO** - Por causa da questão homossexual, do preconceito. Porque o Laci pode chegar para a imprensa e falar dessa questão opressora que há na instituição. E isso incomoda os superiores.

PERGUNTA - Você acha que ele foi preso por quê?

FIGUEIREDO - Para que seja mantido calado, porque as autoridades são extremamente preconceituosas.

PERGUNTA - Qual o problema que ele tem?

FIGUEIREDO - O Laci faz investigação neurológica desde 2003. Em 2006, isso se acentuou e ele teve uma diagnose de esclerose múltipla. E, com as consequências, perseguições pela questão homossexual, começou a se agravar.

PERGUNTA - Quando ele deveria ter se apresentado?

FIGUEIREDO - No dia 21 de maio ele foi dado como apto. No dia 29, ele deveria ter se apresentado.

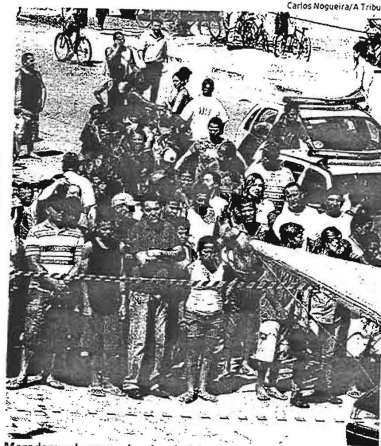
PERGUNTA - Por que não foi?

FIGUEIREDO - Porque não tinha condições. Conseguimos uma neurologista, que constatou que ele não tinha condições, apresentou esse laudo e eles [Exército] desconideraram. (c)

Padre diz ter pago para barrar vídeo de sexo com rapaz >> Pág. C6

Série de homicídios fecha lojas e esvazia ruas do Guarujá

Em três dias, PM e cinco pessoas foram assassinadas na cidade; outras duas foram baleadas



Moradores observam local onde foi achado corpo de comerciante

Crimes, segundo a polícia, seriam uma retaliação do PCC pela morte de membro da facção criminosa e pela prisão de outros nove há 20 dias

AFONSO BENITES
MOACYR LOPES JUNIOR
ENVIADOS ESPECIAIS AO GUARUJÁ

Uma série de assassinatos ocorridos nos últimos três dias no Guarujá deixou os moradores da cidade do litoral paulista assustados a ponto de, anteontem, comerciantes fecharem suas portas e escolas dispensarem alunos durante as aulas.

De domingo até ontem, seis pessoas foram assassinadas e outras duas baleadas nas ruas da cidade — para se ter uma ideia da atual onda de violência, em todo o ano passado 53 pessoas foram vítimas de homicídio no Guarujá, ou seja, menos de cinco mortos por mês.

A principal linha de investigação da Polícia Civil é que os assassinatos sejam uma vingança da facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) à morte de um de seus membros e à prisão de outros nove há 20 dias, num confronto com a polícia — os criminosos eram da capital e foram flagrados com fardo armamento.

Entre as vítimas da série de assassinatos posteriores estão um policial militar, um parente de um PM e um mecânico que consertava carros da Polícia Civil local. A primeira vítima, o PM Paulo Rafael Pires, 27, foi assassinada com dez tiros de fuzil e pistola disparados por ao menos duas pessoas no bairro de Vicente de Carvalho.

Houve outras três mortes no domingo, uma na segunda e uma ontem. A última vítima, um comerciante de 31 anos, foi morto por motoqueiros com quatro tiros a cem metros de uma delegacia. Os homicídios ocorreram no mesmo bairro.

“Muitos dos que morreram tinham alguma relação com a polícia. Por isso, não acho que seja um grupo de extermínio, e sim uma reação do PCC”, afirma o delegado titular do 2º DP local, Josias Teixeira de Souza.

Na noite de anteontem, comerciantes e moradores de outros bairros, após boatos sobre um toque de recolher determinado pelos bandidos, resolveram se recolher.

Escolas de ensino médio e universidades, como a Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto), no bairro Enseada (a cerca de 13 km do bairro onde ocorreram os crimes), suspenderam suas aulas à noite. Lojas encerrou suas atividades mais cedo. Um dos maiores supermercados de Vicente de Carvalho fechou suas portas às 20h30.

“Fiz ou um faroeste, ninguém veio aqui e mandou a gente fechar a porta, mas ficamos com medo”, disse uma funcionária.

O clima local, em especial em Vicente de Carvalho, lembrou, em proporção menor, os ataques do PCC há cinco anos.

A polícia diz que o toque de recolher não passou de um boato que acabou atingindo toda a cidade, de 300 mil habitantes. Ao menos 50 homens da Rota foram deslocados para o Guarujá. Um rapaz de 19 anos foi detido porque, segundo a PM, estava divulgando o toque de recolher. A família do jovem diz que ele tem problemas mentais e que só reproduzia o boato.

2ª OLIMPÍADA DE ATUALIDADES FACAMP CPFL CULTURA BANCO DO BRASIL

Conhecer os temas e problemas do Brasil e do mundo contemporâneo para ser um profissional de elite e um cidadão exemplar.

Quem pode participar

Estudantes do 3º ano do ensino médio e de cursos pré-vestibulares residentes no Estado de São Paulo, Norte do Paraná, Sul de Minas, Campo Grande e cidades próximas, Goiânia e cidades próximas.

Inscrição

Inscrições abertas até 24 de maio de 2010
www.olimpiadafacamp.com.br

Premiação

- **Curso de inglês em Londres**, pelo período de 3 meses, com passagem, hospedagem, café da manhã e um auxílio de 5 mil euros para estadia.
- **Carro** 1.0 modelo básico 0 km.
- **Bolsa-universidade** no valor de 1 salário mínimo mensal durante 4 anos do curso de graduação.
- **Duas passagens para a Europa ou Estados Unidos** ao professor indicado pela escola do 1º colocado.
- **Dez netbooks** sorteados entre os professores indicados pelos estudantes na inscrição.

Fases

- 1ª fase – 29 de maio. Prova de múltipla escolha via internet.
- 2ª fase – 15 de agosto. Prova presencial de múltipla escolha, aplicada em 15 cidades.
- 3ª fase – 19 de setembro. Prova presencial dissertativa, aplicada no campus da FACAMP.

O regulamento da Olimpíada pode ser consultado no site
www.olimpiadafacamp.com.br



Patrocínio
BB Conta Universitária